

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Ana Rita Batalha

Lisboa, agosto de 2012



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... José Nuno de Almeida.....
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)
licenciado(a) Ane Rita Botelho.....

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) Educação.....
Pré-Escolar..... considero que se trata
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo
Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 03 de agosto de 2012

O(A) Orientador(a)

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Ana Rita Batalha

Relatório apresentado para a obtenção do Grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar, sob a orientação do Professor Doutor José
Maria de Almeida

Lisboa, agosto de 2012

Agradecimentos

Sendo este um relatório que requereu muito trabalho e empenho da minha parte, a sua realização também não poderia ter sido possível sem a orientação e apoio de determinadas pessoas, a quem desde já agradeço.

Ao meu orientador, Professor Doutor José Maria de Almeida, agradeço-lhe a sua disponibilidade, bem como o aconselhamento de uma pesquisa alargada e enriquecedora. É ainda de salientar a sua importância na produção deste relatório de estágio profissional.

Ao Doutor António Ponces de Carvalho, pela oportunidade de, ao longo destes anos, contactar com a realidade educativa, aspeto fulcral e enriquecedor para a minha vida futura.

Às educadoras onde realizei o meu estágio, pelo respeito e por estarem sempre disponíveis, como também pela partilha de informações.

A todos os professores da Escola Superior de Educação João de Deus, pela sua atenção e disponibilidade sempre que necessitei.

Às minhas colegas de estágio, agradeço o seu apoio como também a entreaajuda que se criou, muito importante ao longo deste ano.

À minha família e amigos pelo apoio e compreensão ao longo deste percurso, fator essencial para o sucesso do mesmo.

Índice Geral

Índice de Quadros.....	xi
Índice de Figuras.....	xii
Introdução.....	1
1. Identificação do local de estágio.....	1
2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional.....	2
3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional.....	3
4. Identificação do grupo de estágio.....	3
5. Metodologia utilizada.....	4
6. Pertinência do estágio.....	6
7. Cronograma do estágio.....	7
CAPÍTULO 1 – Relatos diários.....	8
Descrição do capítulo.....	9
1. 1.ª Secção – Período de estágio de 27 de setembro a 16 de dezembro.....	9
1.1 Caracterização da turma.....	9
1.2 Caracterização do espaço.....	10
1.3 Horário.....	11
1.4 Rotinas.....	12
1.5 Relatos diários.....	16
2. 2.ª Secção – Período de estágio de 2 de janeiro a 23 de março.....	49
2.1 Caracterização da turma.....	49
2.2 Caracterização do espaço.....	50
2.3 Horário.....	51

2.4 Rotinas.....	51
2.5 Relatos diários.....	52
3. 3. ^a Secção – Período de estágio de 27 de fevereiro a 2 de março.....	80
3.1 Contexto educativo.....	80
3.2 Relatos diários.....	80
4. 4. ^a Secção - Período de estágio de 10 de abril a 22 de junho.....	81
4.1 Caracterização da turma.....	82
4.2 Caracterização do espaço.....	82
4.3 Horário.....	84
4.4 Rotinas.....	84
4.5 Relatos diários.....	85
CAPÍTULO 2 – Planificações.....	111
Descrição do capítulo.....	112
2.1 Fundamentação teórica.....	112
2.2 Planificação da aula de domínio da Matemática.....	117
2.2.1 Inferências e fundamentação teórica do plano de aula do domínio da Matemática.....	118
2.3 Planificação da aula de domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	120
2.3.1 Inferências e fundamentação teórica do plano de aula do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	121
2.4 Planificação da aula da Área de Conhecimento do Mundo.....	122
2.4.1 Inferências e fundamentação teórica do plano de aula da Área de Conhecimento do Mundo.....	123

CAPÍTULO 3 – Dispositivos de avaliação.....	124
Descrição do capítulo.....	125
3.1 Fundamentação teórica.....	125
3.2 Avaliação da atividade do domínio da Matemática.....	130
3.2.1 Contextualização da atividade.....	130
3.2.2 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	130
3.2.3 Grelha de avaliação.....	132
3.2.4 Descrição da grelha de avaliação.....	133
3.2.5 Apresentação dos resultados em gráfico.....	134
3.2.6 Análise do gráfico.....	135
3.3 Avaliação da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	135
3.3.1 Contextualização.....	135
3.3.2 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	135
3.3.3 Grelha de avaliação.....	137
3.3.4 Descrição da grelha de avaliação.....	138
3.3.5 Apresentação dos resultados em gráfico.....	139
3.3.6 Análise do gráfico.....	139
3.4 Avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo.....	140
3.4.1 Contextualização.....	140
3.4.2 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	140
3.4.3 Grelha de avaliação.....	141
3.4.4 Descrição da grelha de avaliação.....	142

3.4.5 Apresentação dos resultados em gráfico.....	143
3.4.6 Análise do gráfico.....	143
Reflexão final.....	144
1. Considerações finais.....	145
2. Limitações.....	147
3. Novas pesquisas.....	147
Referências bibliográficas.....	148
Anexos.....	156
Anexo 1 – Proposta de trabalho referente ao domínio da Matemática.....	157
Anexo 2 – Proposta de trabalho referente ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	158
Anexo 3 – Proposta de trabalho referente à Área de Conhecimento do Mundo.....	159

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma do período de estágio no ensino Pré-Escolar.....	7
Quadro 2 – Horário do bibe encarnado B.....	11
Quadro 3 – Horário do bibe azul B.....	51
Quadro 4 – Horário do bibe amarelo B.....	84
Quadro 5 – Modelo T de Unidade de Aprendizagem.....	114
Quadro 6 – Planificação do domínio da Matemática.....	117
Quadro 7 – Planificação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	120
Quadro 8 – Planificação da Área de Conhecimento do Mundo.....	122
Quadro 9 – Grelha de avaliação quantitativa da atividade do domínio da Matemática.....	133
Quadro 10 – Escala de avaliação utilizada.....	134
Quadro 11 – Grelha de avaliação quantitativa da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	138
Quadro 12 - Grelha de avaliação quantitativa da atividade da Área de Conhecimento do Mundo.....	142

Índice de Figuras

Figura 1 – Sala do bibe encarnado B.....	11
Figura 2 – Sala do bibe azul B.....	50
Figura 3 – Sala do bibe amarelo B.....	83
Figura 4 – Resultados da avaliação da atividade do domínio da Matemática.....	134
Figura 5 – Resultados da avaliação da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	139
Figura 6 – Resultados da avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo.....	143

Introdução

1. Identificação do local de estágio

O presente relatório de Estágio Profissional destina-se às unidades curriculares de Estágio Profissional I e II, referentes ao Mestrado em Educação Pré-Escolar (2.º Ciclo de Estudos – Modelo de Bolonha), realizado na Escola Superior de Educação João de Deus.

Este relatório corresponde ao estágio efetuado nos três níveis de ensino da Educação Pré-Escolar, tendo a duração de dois semestres, num total de 18 semanas por semestre.

O estágio ocorreu no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, no período de 26 de setembro de 2011 a 22 de junho de 2012. Ao longo do ano foram vivenciados três momentos de estágio diferentes: o 1.º momento, no bibe encarnado B; o 2.º momento, no bibe azul B e o 3.º momento, no bibe amarelo B.

Este estágio foi realizado às segundas, terças e sextas-feiras, entre as 9 horas e as 13 horas, tendo no total 12 horas semanais.

O Jardim-Escola João de Deus de Alvalade situa-se na Rua Conde Arnoso, em Lisboa, abrangendo as valências de Creche, de Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Relativamente ao pessoal docente, este possui docentes da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, entre outros colaboradores.

Neste Jardim-Escola encontram-se crianças com faixa etária entre os 3 meses e os 10 anos. Estas encontram-se separadas por salas, consoante as faixas etárias na Creche, Educação Pré-Escolar e os níveis de escolaridade no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O espaço físico do Jardim-Escola é composto por uma área interior e exterior, possuindo na primeira área salas de aula, casas de banho, um salão (faz de sala e de refeitório), uma cozinha, um refeitório, um ginásio, uma biblioteca e uma sala de informática.

No espaço exterior encontram-se dois recreios, um destinado às crianças da Educação Pré-Escolar e outro aos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Também

possui, em recinto fechado, um pequeno espaço para as crianças que integram a creche.

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

Este relatório está organizado da seguinte forma: Introdução; Capítulo 1 – Relatos Diários; Capítulo 2 – Planificações; Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação e Reflexão final.

Na introdução será exposto a identificação do local de estágio, a descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional e a importância da sua elaboração, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio e o cronograma.

Seguidamente será exposto o Capítulo 1 – Relatos Diários, que se encontra dividido por secções, ou seja, por cada momento de estágio. Neste Capítulo será apresentada a caracterização da turma, a caracterização do espaço e as rotinas, bem como os relatos diários referentes às práticas observadas, que serão inferidas e fundamentadas cientificamente.

No Capítulo 2 – Planificações – serão apresentadas planificações com os respetivos procedimentos/estratégias, bem como inferências e fundamentação teórica das mesmas.

Relativamente ao Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação – serão expostos os dispositivos de avaliação realizados ao longo da prática pedagógica. Nestes estão referenciadas a Área de Conhecimento do Mundo e a Área de Expressão e Comunicação, estando na última inserido o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, o domínio da Matemática e o domínio da Expressão Motora (jogo).

Para finalizar este capítulo, será abordada a importância da avaliação, sendo devidamente fundamentada.

Por fim, na Reflexão Final irei refletir sobre os objetivos alcançados durante o período de estágio, bem como a contribuição do mesmo, tanto a nível profissional como pessoal, evidenciar as limitações e deixar algumas pistas para estudos futuros.

3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A realização do Relatório de Estágio Profissional é bastante pertinente, pois através deste reflito o que observei e aprendi ao longo deste ano letivo, sendo fundamental para uma futura educadora, refletir relativamente ao seu trabalho.

Como tal, Zeichner (citado por Severino, 2007), afirma que a reflexão é “um processo que ocorre antes e depois da acção e, (...) durante a acção, pois os práticos têm conversas reflexivas com as situações que estão a praticar”, ou seja, consiste “na vinda à superfície das teorias práticas dos professores”, efetuando assim à sua “análise, crítica e discussão.” (p. 55)

Para a concretização deste Relatório de Estágio, é imprescindível a realização da prática pedagógica, momento deveras importante de contato com a realidade educativa.

Sendo assim, é através das experiências vividas na mesma, que me possibilita a realização deste Relatório de Estágio Profissional, facultando a reflexão sobre a minha prática, permitindo analisar as minhas ações, decisões, sucessos e insucessos, constituindo-se num instrumento de desenvolvimento pessoal. (Quintas, Arco, Mestre e Gonçalves, citados por Severino, 2007, p. 56)

Como consequência desta observação, é fundamental a pesquisa de diversos autores que abordem conteúdos vivenciados na minha prática ao longo do estágio, consolidando os mesmos.

Outra relevância deste Relatório é a possibilidade que me dá de aceder ao mercado de trabalho, um momento à tanto esperado e desejado, como educadora de infância.

4. Identificação do grupo de estágio

Para a concretização da Unidade Curricular de Estágio Profissional I e II, foram elaborados grupos de estágio. O meu grupo foi composto por duas colegas de turma, a Ana Vicente e a Sara Correia, e por mim.

Ao longo do ano o grupo manteve-se sempre unido, existindo cooperação e entreaajuda. Sendo assim, foi um grupo fácil de trabalhar, onde cada elemento esteve sempre disposto a auxiliar os outros, concedendo sempre a sua opinião relativamente às aulas das colegas.

5. Metodologia utilizada

Ao longo de dez meses estive em contato com crianças de diferentes faixas etárias, observando assim alguns momentos dos seus dias, tais como as suas rotinas, a dinâmica da sala de aula, as atividades concretizadas, como também os seus comportamentos e atitudes.

Pelo significado de observar, Carmo e Ferreira (2008) entendem que “é selecionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão.” (p. 111)

Sendo assim, o referido anteriormente só foi possível com a concretização de uma observação participante, sendo esta uma observação onde o investigador se introduz “no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registo escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa.” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 16)

Numa observação participante, “o investigador deverá assumir (...) o seu papel de estudioso junto da população observada, combinando-o com outros papéis sociais...” que lhe “...permita um bom posto de observação...”, como também a participação na “...vida da população observada...” (Carmo e Ferreira, 2008, p. 121)

Como referem Quivy e Campenhoudt (1992), a mesma “consiste em estudar uma comunidade durante um longo período de tempo, participando na vida colectiva.” (p. 197)

Sendo esta observação uma das estratégias mais representativas da investigação qualitativa, e a mesma uma investigação que “agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características”(Bogdan e Biklen, 1994, p. 16), esta foi utilizada na concretização deste relatório.

A investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994), possui cinco características, tais como:

1. Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. (...) Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência;
2. Os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto directo;

3. A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números;
4. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos;
5. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva, ou seja, não recolhem dados com o objectivo de confirmar hipóteses construídas previamente. (pp. 47-50)

No parecer de Carmo e Ferreira (2008), a investigação qualitativa apresenta determinadas características, sendo elas:

- Indutiva – desenvolvem conceitos e chegam à compreensão dos fenómenos a partir de padrões provenientes da recolha de dados;
- Holística – têm em conta a “realidade global”;
- Naturalista - A fonte directa de dados são as situações consideradas “naturais”;
- Humanística – tentam conhecer os sujeitos como pessoas e experimentar o que eles experimentam na sua vida diária;
- Descritiva – a descrição deve ser rigorosa e resultar directamente dos dados recolhidos. (pp. 197-198)

Ao estar em contato com as crianças pude redigir com exatidão os acontecimentos ocorridos, recorrendo assim à observação directa, sendo a observação participante variante da mesma.

Estamos perante uma observação directa se a mesma é realizada quando se toma nota dos factos, dos acontecimentos, dos comportamentos e das ações, ou seja, do que se passa num determinado momento numa dada situação. (Deshaies, 1992, p.296)

Para Lüdke e André (2008), a observação directa possibilita que o observador esteja mais perto da “perspetiva dos sujeitos”, tentando assim apreender a sua visão de mundo, da realidade que os rodeia. (p. 26)

Em suma, como instrumento de recolha de dados utilizei a técnica da observação directa e a participante, como também a análise documental.

Seguidamente, à recolha de dados que, segundo Bogdan e Biklen (1994) entendem por dados as “páginas de materiais descritivos recolhidos no processo de trabalho de campo”, realizei a análise dos mesmos. (p. 232)

A análise de dados é o “processo de busca e de organização sistemático de transcrições (...), com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão” dessas

mesmas transcrições e “...permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 205)

Como modelo de análise de dados na investigação qualitativa, Miles e Huberman (citados por Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 1990), referem três passos, sendo eles “a redução dos dados, a sua apresentação e a interpretação/verificação das conclusões.” (p. 107)

Para finalizar, este relatório foi redigido conforme as normas da APA (American Psychological Association), bem como o Novo Acordo Ortográfico.

6. Pertinência do estágio

Através da concretização deste estágio profissional estive em contato com a realidade educativa, momento fundamental para a minha formação enquanto futura educadora.

Por meio da observação visualizei as competências que os alunos adquirem nas diferentes faixas etárias, como também diferentes estratégias a utilizar no ensino dos conhecimentos.

No decorrer deste estágio presenciei uma prática pedagógica supervisionada que me auxiliou na reflexão das minhas aulas, bem como das aulas observadas. Como referem Alarcão e Tavares (2003), a supervisão é o processo no qual “...um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional.” (p. 197)

Por pensamento reflexivo, Dewey (citado por Alarcão, 1996), entende que é uma “espécie de pensamento que consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe consideração séria e consecutiva.” (p. 45)

Assim sendo, através desta prática pude refletir sobre a mesma, consciencializando-me das minhas capacidades, conhecimentos, e quais as melhores metodologias e estratégias educativas a adotar no futuro.

Nesse sentido, Alegria et al. (2001) referem que:

(...) ao proporcionar diferentes possibilidades de aproximação ao contexto educativo, o estágio cria condições para a autonomia. No decurso desse ano de experiência, o futuro docente desenvolve as competências indispensáveis ao exercício da profissão, por meio da participação em múltiplas actividades

que têm lugar na escola, pela experiência que adquire no campo da didáctica, reflectindo e avaliando criticamente as diferentes estratégias educativas que vai ensaiando. (p. 28)

Como é referido, a ação de refletir é crucial na formação de educadores/professores, reflexão essa existente ao longo deste estágio relativamente às práticas vivenciadas, pois Zeichner (citado em Alarcão, 1996), menciona que a ação reflexiva “é uma acção que implica uma consideração activa, persistente e cuidadosa daquilo em que se acredita ou que se pratica (...) não é nenhum conjunto de técnicas que possa ser empacotado e ensinado aos professores.” (p. 58)

Como uma grande parte da aprendizagem é realizada através da prática, ou seja, aprendemos fazendo, Rocha (citado em Alarcão, 1996), refere que o aluno deve “ser colocado em situações de experiência directa (...); enfrentar problemas autênticos como estímulo para o pensamento; procurar, por si próprio, a solução dos problemas...” (p. 66)

Contudo, é necessária uma articulação entre a teoria e a prática, sendo a primeira também muito importante. No decorrer do estágio esta situação verificou-se, condição fundamental para uma eficaz formação profissional.

Para aprender a ensinar é necessária uma articulação entre a teoria e a prática, dependendo assim de um contexto prático.” (Carderhead, citado por Pacheco, 1995, p.38)

7. Cronograma

O período de estágio mencionado neste relatório profissional, referente ao ensino Pré-Escolar, decorreu de 27 de setembro de 2011 a 22 de junho de 2012, abrangendo os três níveis de ensino da Educação Pré-Escolar.

Quadro 1 – Cronograma do período de estágio no ensino Pré-Escolar

Momentos de estágio	1. ^a Secção: Bibe encarnado B	2. ^a Secção: Bibe azul B	4. ^a Secção: Bibe amarelo B
Períodos de estágio	27 de setembro de 2011 a 16 de dezembro de 2011	2 de janeiro de 2012 a 23 de março de 2012	10 de abril de 2012 a 22 de junho de 2012

CAPÍTULO 1 – Relatos Diários

Descrição do capítulo

Este capítulo encontra-se dividido em quatro secções, três referentes aos momentos de estágio e uma destinada à semana de contacto com a realidade educativa.

Neste capítulo serão narrados os relatos diários das observações efetuadas durante os momentos de estágio, como também as respetivas inferências devidamente fundamentadas.

Primeiramente serão descritos os relatos do bibe encarnado, de seguida, os do bibe azul, posteriormente, os da semana referentes ao seminário de contacto com a realidade educativa e, para finalizar, os do bibe amarelo. Em cada secção será referenciada a caracterização da turma e do espaço, a descrição das rotinas, bem como o horário semanal da turma.

Mencionados os assuntos anteriores, serão citados os relatos diários referentes às práticas observadas em cada momento, redigindo as respetivas inferências fundamentadas cientificamente.

1.ª Secção

Esta secção refere-se ao momento de estágio ocorrido no bibe encarnado B, referente a crianças da faixa etária 4 anos, tendo como docente a educadora Elisabete Almeida.

Este momento de estágio decorreu no período de 27 de setembro de 2011 a 16 de dezembro de 2011.

1.1 Caracterização da turma

A turma do bibe encarnado B é constituída por 30 alunos, tendo a mesma 13 crianças do sexo feminino e 17 crianças do sexo masculino, sendo esta e a restante informação cedida pela educadora responsável da turma. Esta é homogénea relativamente às idades.

As crianças desta turma, a nível cognitivo, não revelam grandes disparidades de aprendizagem e comportamento. No entanto, como é natural, existem crianças que revelam mais dificuldades do que outras, nomeadamente a nível cognitivo, de raciocínio lógico, de psicomotricidade e de socialização.

No geral, os elementos da turma são interessados e participativos nas variadas atividades, como também apresentam um bom relacionamento, existindo, no entanto, alguns grupos de interesse. Na turma existem crianças mais extrovertidas e comunicativas, e outras que só comunicam se forem solicitadas.

Os elementos desta turma revelam um ótimo relacionamento com a educadora, existindo afetos ao longo do dia por parte da mesma e das crianças.

1.2 Caracterização do espaço

A sala do bibe encarnado B situa-se no salão do Jardim-Escola, sendo utilizado em simultâneo com o bibe encarnado A. Para cada turma usufruir do seu espaço, estas estão divididas por meio de um biombo.

Esta é ampla e possui dois espaços distintos. Num deles encontram-se cinco mesas hexagonais, onde os alunos realizam diversas atividades individualmente. Cada mesa possui uma cor, sendo a mesma atribuída pela cor das cadeiras que as rodeiam (mesa encarnada, mesa verde, mesa amarela, mesa azul e mesa arco-íris).

O restante espaço é utilizado para as atividades de grupo, possibilitando efetuar uma roda com todos os elementos da turma.

Esta sala é bastante agradável e colorida, pois nas suas paredes e janelas estão expostos variados trabalhos dos alunos, bem como a decoração que a educadora escolheu para este ano letivo.

O espaço possui iluminação adequada para a realização das atividades, visto o salão possuir bastantes janelas.

No canto da sala existe um armário onde a educadora possui determinados materiais para utilizar nas suas aulas, que se encontram em caixas coloridas. Neste também se encontram os copos de cada criança, que possuem os lápis de cor e os lápis de cera.



Figura 1 – Sala do bibe encarnado B

1.3 Horário

Seguidamente encontra-se o horário referente à planificação semanal do bibe encarnado B.

Quadro 2 – Horário do bibe encarnado B

	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
1.º Tempo (manhã)	Acolhimento às crianças				
	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Ginástica (9h30m/10h30m)
	Hora do conto: estimulação à leitura/teatro de fantoches				
	Suplemento alimentar Recreio orientado e livre				
	Educação Musical (11h30m/12h)	Informática (10h30m/12h) Biblioteca*	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
12.00	Higiene pessoal/Almoço				
2.º Tempo (tarde)	Recreio orientado e livre				
	Conhecimento do Mundo	Picotagem/Dobra gem	Rasgar /Recortar Colagem	Atividades plásticas	Experiências
	Grafismo				
	Modelagem com Terracota e outros materiais	Enfiamentos Entrelaçamentos	Estruturação Espacial	Desenho livre / orientado	Puzzles e jogos de mesa
16.00	Lanche				

1.4 Rotinas

As crianças precisam de consistência. Esta necessidade é apoiada através duma rotina diária que ajuda as crianças a antecipar o que vão fazer de seguida. Estabelecida a sequência de eventos que se repete diariamente as crianças sentem-se seguras e com controlo.

Neste sentido, Hohmann & Weikart (2004) afirmam que:

através da rotina diária as crianças experimentam, regularmente, intervalos de tempo, que acabam e começam numa sequência consistente. Saber a ordem da rotina diária, e quais os acontecimentos que sinalizam o início e fim de cada segmento temporal, dá às crianças um sentimento de antecipação e controlo.
(p. 771)

Segundo Cordeiro (2010), “no Jardim-de-infância deve haver uma sequência lógica de atividades e o programa só fica completo se não se falharem as diversas fases” (p. 370), o que justifica a necessidade de rotinas no quotidiano das crianças.

Seguidamente, irei efetuar a descrição relativamente às rotinas do bibe encarnado B, como também realizar inferências fundamentadas.

Acolhimento

De manhã, o bibe encarnado é acolhido no salão em conjunto com o bibe amarelo e o bibe azul.

À medida que as crianças chegam, estas vão-se sentando por bibes e realizando diversas atividades, tais como: cantar, ouvir histórias, dizer lengalengas, entre outras.

Por volta das 9 horas, realizam uma roda onde as educadoras e os alunos estagiários também participam, cantando assim variadas canções. No meio da roda encontra-se o bibe amarelo, à sua volta o bibe encarnado e, por último, o bibe azul.

O bibe azul é o primeiro a ausentar-se da roda, seguindo-se o bibe encarnado e o bibe amarelo.

Inferências

Este primeiro momento no Jardim-Escola, por vezes, torna-se difícil para as crianças, principalmente à segunda-feira, pois, no fim de semana, estiveram na

companhia dos seus pais, tornando este momento de separação física um pouco difícil.

Após esta eventualidade, as crianças animam-se com as diferentes atividades realizadas, como também com o momento de roda que, como Cordeiro (2007) defende, “permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, (...), interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e completar a noção de espaço e tempo.” (p. 373)

Higiene

Ao longo dos dias, as crianças deparam-se com diversas rotinas, tais como os momentos de higiene.

Nestes momentos, as crianças dirigem-se à casa de banho logo pela manhã, depois do acolhimento, e antes do almoço, podendo dirigir-se às mesmas quando sentirem necessidade.

A ida à casa de banho é supervisionada pela educadora e pelos alunos estagiários, auxiliando as crianças quando necessário e observando se a higiene das suas mãos é concretizada.

Inferências

A higienização das mãos após a ida à casa de banho e anteriormente às refeições é fundamental, como também é um processo de autonomia alcançado ao longo da educação pré-escolar.

Assim, segundo Cordeiro (2010), lavar as mãos promove “o desenvolvimento da autonomia (é uma grande vitória conseguir abrir a torneira e usar o sabonete sozinho entre outros). Sente-se o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo”, aprendendo também “que depois das atividades ou de fazer xixi, as mãos devem ser lavadas.” (p. 373)

Refeições

Todas as manhãs, os alunos comem pão com manteiga ou bolachas. Por volta das 12 horas, dirigem-se ao refeitório para almoçarem, partilhando o mesmo com o bibe encarnado A e o bibe amarelo.

Inferências

Durante as refeições, pude constatar que cada criança possui o seu ritmo a alimentar-se. Maioritariamente são todas autónomas e sabem estar à mesa, existindo algumas exceções, pois, por vezes, necessitam de ajuda.

Cordeiro (2010) refere que, para além de alimentar, o almoço serve “do ponto de vista de socialização, também para criar uma maior autonomia (...) estimulada pelos outros e por um sentido correto da competição, o que faz comerem tudo pelo seu punho.” (p. 373)

Recreio

A turma possui dois momentos de recreio, um de manhã e outro após o almoço. Usualmente, o mesmo é realizado no recreio exterior, existindo a possibilidade de ocorrer no salão nos dias em que as condições climatéricas não o permitem. Nestes dois momentos todas as crianças brincam livremente.

Inferências

Os momentos de recreio são fundamentais para o desenvolvimento das crianças, pois nestes as mesmas podem brincar livremente, fomentando assim a entreajuda, a socialização, a cooperação, a relação entre pares, entre outros.

Segundo Cordeiro (2010), o recreio fomenta a “brincadeira livre, imaginação, correria, possibilidade de fazer movimentos que estimulam a motricidade larga (...) e estabelecimento e reforço das amizades.” (p. 374)

Atividades Curriculares Não Disciplinares

Ao longo da semana, durante a manhã, os alunos podem usufruir de atividades curriculares não disciplinares, nomeadamente Expressão Musical, Informática e Expressão Motora, fazendo parte da rotina diária e semanal das crianças.

As aulas de **Expressão Musical** decorrem às segundas-feiras, no ginásio, das 11h30 às 12h.

Estas aulas constituem uma forma de expressão para todas as crianças, principalmente para as que são tímidas, pois proporciona a exploração de ritmos, sons, como também a transmissão de emoções.

No entender das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “a expressão musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir.” (p. 63)

Ainda nestas aulas, os alunos aprendem as notas musicais como variadíssimas canções. Assim, na opinião de Cordeiro (2010), “a aprendizagem de novas canções (...) permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e de tempo.” (p. 373)

Na aquisição das diversas aprendizagens, os alunos manifestam sempre alegria, entusiasmo e empenho, pois são transmitidas de uma forma dinâmica e divertida.

A atividade de **Informática** ocorre na sala de informática, às terças-feiras, entre as 10h30 e as 12h.

Este momento ocorre com metade da turma de cada vez, e proporciona às crianças o contacto com esta tecnologia tão usual nos dias de hoje, sendo portanto fundamental o seu manuseamento desde a infância.

Neste contexto, Papert (citado por Correia, Andrade e Alves, 2001) afirma que “as crianças pertencem à “geração dos computadores” e o acto de “apontar e fazer um clicar tornou-se no símbolo de um novo processo de interagir com o mundo (...) e faz parte das expectativas das crianças desde muito cedo.” (p. 12)

Devido à inexistência de computadores para todas as crianças, estas têm de partilhá-lo, ao mesmo tempo, com os seus colegas, fomentando assim a cooperação entre pares, a troca de experiências, como também o ter de esperar pela sua vez.

Assim, Ponte (citado por Correia et al., 2001) refere que o computador em contexto escolar desenvolve “laços de estreita cooperação entre crianças, (...) sobretudo quando o número de crianças é maior do que o número de computadores”, levando “a uma partilha.” (p. 14)

Às sextas-feiras, das 9h30 às 10h30, os alunos desfrutam das aulas de **Expressão Motora**, no ginásio.

Esta ocasião é repleta de energia e alegria por parte dos alunos, como também um momento onde os mesmos desenvolvem certas capacidades pois, como refere Rabinovich (2007), “por meio dos movimentos a criança desenvolve suas aptidões perceptivas, espaciais e temporais.” (p. 33)

Nestas aulas a professora utiliza sempre material e exercícios adequados ao “escalão etário de cada criança, escolhendo as formas e métodos de trabalho que melhor se coadunem ao seu crescimento.” (Jesus, 2002, p. 45)

1.5 Relatos Diários

Segunda-feira, 26 de setembro de 2011

Neste dia, anteriormente ao primeiro dia de estágio, foi realizada uma reunião com todos os alunos que frequentam o Mestrado em Formação de Docentes, no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus.

Esta foi presidida por alguns supervisores da prática de ensino supervisionada, com o intuito de esclarecer os alunos relativamente ao estágio profissional a realizar, bem como ao processo de avaliação da Unidade Curricular Estágio Profissional I e II.

Para finalizar, os mesmos informaram os alunos quanto à elaboração do Relatório de Estágio Profissional, explicando brevemente determinadas normas a serem cumpridas na concretização do mesmo.

Inferências

Como referi anteriormente, esta reunião foi orientada por alguns supervisores da prática pedagógica, sendo esta “a componente curricular de formação”, cuja finalidade é integrar “os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável.” (Formosinho, citado por Severino, 2007, pp. 40-41)

Sendo assim, a supervisão da prática pedagógica é muito importante pois, como refere Severino (2007), contribui para “o percurso de desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos-formandos recorrendo, (...) a estratégias de formação de carácter dinâmico, construtivo e formativo.” (p. 44)

Nesta reunião os docentes supervisores esclareceram todas as dúvidas dos alunos estagiários, pois como menciona o mesmo autor, estes devem estabelecer com os alunos estagiários “uma relação de interajuda, colaboração, flexibilidade, autenticidade e cordialidade espontânea” (p. 48), colaborando, assim, para uma eficaz aprendizagem.

Terça-feira, 27 de setembro de 2011

Para iniciar o dia, as crianças da Educação Pré-Escolar cantaram diversas canções no salão, realizando assim uma roda, onde no meio se encontrava o bibe amarelo, de seguida o bibe encarnado e, por último, o bibe azul. De seguida, o bibe encarnado dirigiu-se à casa de banho e para prosseguirem para a sua sala, efetuaram um comboio onde tinham de dar a mão ao par.

Posteriormente sentaram-se nas suas mesas e distribuímos o 3.º Dom de Froebel. Inicialmente brincaram livremente com o material. Depois disto, a educadora começou por questionar os alunos relativamente ao nome do material e como o mesmo se manuseava. Entretanto, através de uma história realizou situações problemáticas, e os alunos iam construindo diferentes construções (cama, mesa com cadeiras, muro baixo, muro alto, colunas, cadeirão), arrumando no fim o material de forma adequada. Através das situações problemáticas a educadora trabalhou o cálculo mental, através de somas e subtrações, a meia dezena, a meia dúzia, o par e o ímpar.

De seguida, foram ao recreio e comeram o lanche da manhã, seguindo-se a aula de informática para metade da turma. A restante metade efetuou uma ficha de trabalho relativamente ao domínio da Matemática, e vice-versa.

Para finalizar a manhã, antes do almoço dirigiram-se à casa de banho e posteriormente foram brincar para o recreio. Enquanto decorria o almoço, a minha colega Sara e eu estivemos a recortar o molde de um ouriço-cacheiro.

Inferências

Todas as manhãs, o acolhimento das crianças que frequentam a Educação Pré-Escolar ocorre no salão do Jardim-Escola. Após ouvirem histórias, pronunciarem lengalengas, jogarem jogos, etc., os alunos formam sempre uma roda como descrevi anteriormente.

Neste momento de roda as crianças cantam e movimentam-se, no lugar, ao ritmo da música, como também dialogam com crianças das outras turmas. Para Rabinovich (2007), as rodas “além do carácter de socialização criam a realização de movimentos de diferentes qualidades expressivas, além da percepção de diferentes ritmos e a noção de grupo.” (p. 86)

A roda é uma ótima ocasião para as crianças mais tímidas comunicarem com outras crianças, sendo a mesma, no entender do mesmo autor, “uma actividade de grande valor educativo (...) e se constitui num poderoso agente socializador.” (p. 87)

Para além deste momento de roda, o educador deve proporcionar aos seus alunos outros momentos equivalentes, que incentivem o espírito de grupo e a relação entre pares

Sexta-feira, 30 de setembro de 2011

Após o acolhimento, o bibe encarnado teve aula de Expressão Motora, onde concretizaram diversos exercícios e utilizaram diferentes materiais. No decorrer da aula, a educadora solicitou a nossa colaboração para decorar a sala de aula, visto estar a chegar o outono. Sendo assim, as minhas colegas estiveram a cortar letras e eu estive a desenhar e a pintar uma árvore de outono em papel cenário.

Terminada a aula, os alunos deslocaram-se para a sala de aula onde se sentaram em fila. Vestiram os bibes e apertaram o bibe do colega da frente, seguindo depois para o recreio.

Posteriormente trabalharam com o 4.º Dom de Froebel, onde realizaram situações problemáticas através de uma história inventada pela educadora, e

efetuaram diversas construções, Depois de manipularem este material, realizaram a sua rotina e foram almoçar, dirigindo-se, de seguida, ao recreio.

Inferências

Neste dia assisti a um momento oportuno para o desenvolvimento motor das crianças, nomeadamente as mesmas apertarem os bibes umas das outras. Este pequeno gesto proporciona o desenvolvimento da motricidade fina, que é fulcral para as crianças manipularem diversos objetos com eficácia, que como está evidenciado no Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, o educador promove o desenvolvimento “da motricidade fina e ampla, permitindo à criança aprender a manipular objectos.” (anexo n.º 1, capítulo III, ponto 2)

Para as crianças dominarem melhor o seu corpo em determinadas atividades, é importante que no seu dia-a-dia pratiquem pequenos exercícios para o desenvolvimento da motricidade fina pois, como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, “a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo.” (p. 58)

Ainda neste sentido, os mesmos autores mencionam que se deve proporcionar às crianças “ocasiões em que as crianças possam receber e projectar objectos (...), utilizando as mãos ou os pés.” (p. 59)

Assim, é fundamental que sejam aproveitados estes pequenos gestos ao longo dos dias das crianças, como também a adequação de exercícios mais complexos e dinâmicos, visando o desenvolvimento da motricidade fina das mesmas.

Segunda-feira, 3 de outubro de 2011

Depois da sua rotina habitual, cada aluno sentou-se na sua mesa. A educadora nomeou dois chefes, e os mesmos foram distribuir uma caixa do material Cuisenaire por cada mesa. As minhas colegas e eu colocámos as peças, num molhe, no centro das mesmas.

Sendo assim, a educadora começou por perguntar qual o nome do material que estava em cima da mesa e quais eram as diferenças entre as peças. Prosseguiu com a concretização da escada crescente e decrescente, fazendo a leitura de ambas por cores e valores das peças. De seguida, jogaram ao “jogo dos comboios” com o mesmo

material, e, após o mesmo, a educadora leu a história *Vamos dormir*, de Jane Johnson.

Após o recreio, a educadora falou sobre o sentido da visão através de um *power point*, explicando as partes constituintes do olho e os cuidados a ter com os mesmos. Seguidamente tiveram aula de Expressão Musical, à qual as minhas colegas e eu não estivemos presentes, pois auxiliámos na decoração da sala. Quando terminaram a mesma, efetuaram as rotinas comuns.

Inferências

Para ser presenciado um ambiente educativo favorável, é fundamental a existência de uma ótima relação entre educador e alunos, especialmente a nível de uma segurança afetiva por parte do educador, como de confiança entre ambos.

Como tal, o educador deve favorecer a formação dos seus alunos e torná-los participantes ativos nas tarefas do grupo/sala, nomeadamente na distribuição do material e ao serem nomeados chefes, que contribui para a sua autoestima, como também estimula e encoraja para a sua progressão enquanto cidadão. Assim, no entender das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “este processo de construção de um auto-conceito positivo supõe um apoio ao processo de crescimento em que cada criança e o grupo se vão tornando progressivamente mais independentes e autónomos.” (p. 53)

Neste sentido, é muito importante que no dia-a-dia das crianças o educador promova pequenas tarefas que contribuam para a autonomia, cooperação e responsabilização dos seus alunos, assentando, segundo os mesmos autores, “na aquisição do saber-fazer.” (p. 53)

Na opinião de Figueiredo (2004), a autonomia também consiste na “auto-disciplina” do aluno, ou seja, no “aceitar regras impostas” (p. 15) para a realização destas mesmas tarefas, condição fulcral para a sua formação pessoal e social.

Terça-feira, 4 de outubro de 2011

Este dia iniciou com uma aula de domínio da Matemática, onde foi utilizado o material palhinhas. Nesta a educadora trabalhou os conjuntos, a soma e a subtração. Para indicar as somas e subtrações foram utilizados os algarismos móveis no quadro.

Após a aula, todos os alunos comeram o lanche da manhã e de seguida, metade da turma teve informática e os restantes alunos brincaram no recreio. Mais tarde levei a outra metade da turma para a sala de informática e os alunos que já tinham tido fizeram a dobragem do livro, sendo esta colada numa ficha de trabalho.

Quando os alunos terminaram a aula de informática, toda a turma foi almoçar, seguindo-se depois o recreio. No decorrer do mesmo, as minhas colegas e eu ajudámos as nossas colegas que estão no bibe encarnado B a pintar um painel, pois tinha como objetivo a decoração do salão.

Inferências

A elaboração de dobragens, ou seja, de origamis, para além de criar interesse nos alunos, é uma metodologia enriquecedora tornando este momento da aula mais interessante e divertido, situação notória no momento acima referido.

Para além disto, a sua concretização proporciona interdisciplinaridade, como também ajuda no desenvolvimento cognitivo das crianças e na aprendizagem de diversos conteúdos curriculares. (Santos, 2012)

Assim sendo, tal como afirma Piaget relativamente a esta arte, “a actividade motora sob a forma de habilidosos movimentos é vital para o desenvolvimento do pensamento e da representação mental do espaço.” (Santos, 2012)

Para concluir, é fundamental que as educadoras, por vezes, proporcionem às crianças este tipo de atividades, pois é uma mais-valia para as mesmas adquirirem determinadas habilidades e competências.

Sexta-feira, 7 de outubro de 2011

Como todas as sextas-feiras, os alunos do bibe encarnado iniciaram o dia com prática desportiva. Na aula de Expressão Motora, os alunos concretizaram diversos exercícios sem material e com material, concretizando um jogo no final da aula.

Após gastarem algumas energias, dirigiram-se à sala onde vestiram o bibe e comeram o lanche da manhã, seguindo depois para o recreio. No final deste, as crianças deslocaram-se à sala de aula, pois a educadora decidiu trabalhar com eles o material Blocos Lógicos. A educadora começou por questionar os alunos relativamente ao material que estava em cima da mesa e quais as suas diferenças.

Seguidamente solicitou a um aluno que retirasse de cima da mesa uma peça com determinadas características e, por vezes, trabalhou noções espaciais, criando também um jogo em que uma criança tapava os olhos com o bibe e tinha de adivinhar a forma da peça em questão, entre outras características.

Para finalizar a aula, as minhas colegas e eu distribuímos por cada aluno uma linha fronteira, com o intuito de trabalharem os conjuntos. Com isto, a educadora requereu que colocassem determinado número de peças iguais dentro da linha fronteira, perguntando de seguida quantos elementos tinha a mesma. Também trabalhou o conjunto singular, o sinal de maior e menor e elaborou uma sequência com o material. Sucederam-se as rotinas diárias.

Inferências

O material blocos lógicos tem como objetivo que as crianças, através de atividades lúdicas, desenvolvam a construção da estrutura lógica. Este possui quatro qualidades: a forma, a cor, o tamanho e a espessura.

Segundo Simons (citado por Caldeira, 2009a), o “conhecimento lógico-matemático é construído através da acção, a partir de relações que a própria criança cria entre objectos; a partir dessas relações, vai criando outras e, assim sucessivamente.” (p. 363)

Quando é solicitado a uma criança que retire de cima da mesa uma peça com determinadas características, tal requerimento só é possível se “os objetos que ela observa e manipula se distingam uns dos outros por critérios facilmente detectáveis e não, que entre uns e outros, haja possibilidade de confusão ou distinção imprecisa.” (Caldeira, 2009a, p. 364)

Para tal também é necessário que a criança possua raciocínio lógico-matemático pois este “inclui as capacidades de identificar, relacionar e operar e fornece as bases necessárias para se poder adquirir os conhecimentos matemáticos.” (Canals, citado por Caldeira, 2009a, p. 364)

Segunda-feira, 10 de outubro de 2011

Concluído o acolhimento e a ida à casa de banho, as crianças do bibe encarnado deslocaram-se para a sua sala. Nesta foram escolhidas duas crianças para serem os chefes do dia, e distribuíram, com a nossa ajuda, o 3.º Dom de Froebel.

Através de situações problemáticas, a educadora formulou exercícios de soma e de subtração e indicou no quadro, com o auxílio de um aluno, através de algarismos móveis. Trabalhou ainda os conceitos de par/ímpar, a meia dúzia e a meia dezena.

Seguidamente, a educadora leu a história do *Capuchinho Vermelho* que os pais de um aluno tinham elaborado para a maleta das histórias. Contudo, como a história era diferente da original, a educadora leu o livro *Capuchinho Vermelho*. Depois da leitura comeram o lanche da manhã e foram para o recreio. Após o mesmo, a educadora abordou um tema de Conhecimento do Mundo, referente ao sentido do tato, através de um *power point*.

Nesta aula a educadora referiu o órgão utilizado neste sentido e proporcionou diversas experiências para as crianças utilizarem este sentido, tais como utilizar um copo com água fria e outro com água quente, tapetes com diferentes texturas para sentirem com os pés e algumas tábuas de madeira para sentirem as texturas com as mãos. Todos os alunos tiveram oportunidade de participar nestas experiências. Depois desta aula o bibe encarnado dirigiu-se ao ginásio para a sua aula de Expressão Musical, e posteriormente, ao refeitório para almoçarem.

Inferências

A maleta das histórias é uma iniciativa da educadora, que consiste na escrita de histórias num caderno, por parte dos pais e com o auxílio dos seus filhos, de forma a integrar os pais/encarregados de educação na vida escolar dos mesmos. Sendo eles os responsáveis pelas crianças, como também os principais educadores, a Educação Pré-Escolar complementa a ação educativa da família, devendo, no entender de Figueiredo (2004), “assegurar a articulação entre o estabelecimento educativo e as famílias.” (p. 12)

Dispondo da mesma opinião, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) afirmam que um dos objetivos pedagógicos para a Educação Pré-Escolar é “incentivar a participação das famílias no processo educativo” (p. 16), pois, como salienta Correia (citado por Homem, 2002), “a “entrada” dos pais no estabelecimento não é uma agressão”, sendo o mesmo destinado às “crianças que o frequentam, para os seus pais, para os educadores.” (p. 40)

Esta ação de participação e articulação entre os pais e a escola vai de encontro às OCEPE (1997), que relatam que “os pais poderão (...) participar em situações educativas planeadas pelo educador para o grupo”, sendo também um meio de

“esclarecimento e de compreensão do trabalho educativo que se realiza na educação pré-escolar.” (p. 45)

Por fim, a concretização destas histórias visa o empenho dos pais/encarregados de educação, com o intuito dos seus progenitores presenciarem momentos agradáveis, bem como a cooperação entre os mesmos.

Terça-feira, 11 de outubro de 2011

Para iniciar o dia, a educadora escolheu trabalhar com o material Cuisenaire. Foi distribuída uma caixa por cada mesa e cada aluno concretizou a escada crescente, existindo uma criança que fez a escada com as peças de esferovite. Com este material foram realizadas diversas somas com as suas peças, efetuando também no quadro com algarismos móveis. Com o auxílio de bonecos plastificados, fizeram contagens através da escada.

Continuando, foi realizado um jogo com a escada de esferovite. Quando a educadora dizia a uma criança o valor de determinada peça, a criança tinha de se colocar atrás da mesma. No jogo seguinte, para a maioria participar, houve a troca de crianças atrás das peças, e neste jogo as peças pares colocavam-se ao pé de mim e as peças ímpares ao pé da minha colega Ana.

De seguida, metade da turma teve aula de informática, enquanto a outra metade confeccionou um ouriço-cacheiro com a nossa ajuda, utilizando barro e palitos cortados para fazerem de espinhos, e vice-versa. Depois da aula de informática toda a turma foi almoçar e para o recreio.

Inferências

O material Cuisenaire é composto por peças coloridas com dez cores e dez comprimentos diferentes, existindo em cada caixa 241 peças. Através da sua manipulação, as crianças realizaram diversas atividades, constituindo assim “um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem.” (Caldeira, 2009a, p. 15)

De uma forma lúdica, as crianças trabalharam o cálculo mental e o sentido do número, aspetos importantes e de interesse pedagógico para o desenvolvimento da matemática.

De acordo com Serrazina (citado por Caldeira, 2009b), “a matemática deve ser ensinada desde o pré-escolar e de forma motivante para as crianças, para combater o insucesso. Deve-se desenvolver o cálculo mental desde o pré-escolar de uma forma que os alunos se interessem.” (p. 140)

A concretização de jogos utilizando este material é uma mais-valia para os alunos na aquisição de conhecimentos, pois “a utilização de jogos para o ensino da matemática (...) divertem e também extraem das actividades material suficiente para gerar conhecimento, interesses e fazer com que as crianças pensem com motivação.” (Guzmán e Moura, citados por Caldeira, 2009b, p. 145)

Sexta-feira, 14 de outubro de 2011

Como está indicado no horário, este dia teve início com a aula de Expressão Motora. Quando a mesma terminou, a turma dirigiu-se à sua sala, onde trabalhou com o 3.º e 4.º Dons de Froebel em simultâneo, utilizando também material não estruturado (imagens de três almofadas e duma boneca).

Primeiramente, a educadora abordou o nome dos dois sólidos geométricos, bem como o número de vértices e de faces que cada um continha. Através da boneca que todos usufruíam, verbalizou situações problemáticas que envolviam a mesma e as três almofadas, formulando operações de adição e multiplicação. Terminada a aula, seguiram-se as rotinas diárias antes e após o almoço.

Inferências

Para uma eficiente aprendizagem, é essencial desenvolver um ensino e uma aprendizagem nos quais os alunos se sintam motivados. Assim, a utilização do 3.º e 4.º Dons de Froebel conjuntamente com material não estruturado, proporciona aos alunos “actividades dinâmicas”, nas quais “os alunos nem se apercebem de que estão a adquirir conhecimentos.” (Damas, Oliveira, Nunes e Silva, 2010, p. 7)

Ao longo da atividade, a educadora formulou diversas situações problemáticas, que as crianças resolveram com o auxílio do material, ou seja, trabalhando no concreto. Segundo os mesmos autores, “é a partir do real, da observação e da experiência que se levantam questões, dando oportunidade, aos alunos, de se envolverem em descobertas.” (p. 7)

Em suma, para a obtenção de uma aprendizagem positiva por parte dos alunos, a utilização de materiais manipuláveis é uma opção bastante favorável, visto que as crianças aprendem de uma forma lúdica, interessada, favorecendo a atenção e a motivação.

Segunda-feira, 17 de outubro de 2011

Depois do fim de semana, a educadora decidiu trabalhar com o bibe encarnado o material 4.º Dom de Froebel. A partir deste efetuou situações problemáticas, nas quais realizou mentalmente operações de adição e subtração e abordou a meia dezena, a meia dúzia e o par/ímpar. Inseridas nos contextos das situações problemáticas, os alunos construíram várias construções, tais como: a cama, a cadeira e a mesa, o muro e o banco.

De seguida, a educadora contou uma história da maleta das histórias e depois jogaram ao jogo “Encontrar o par”, que consistia em encontrar o par de imagens inseridas em cartões que estavam voltados para baixo. Posteriormente, a educadora leu a história *Um lobo culto*, de Pascal Biet, e, a seguir, foram para o recreio.

Para concluir a manhã, a educadora conversou com os alunos acerca do sentido da audição, utilizando um *power point*. Esta pronunciou o órgão utilizado neste sentido e efetuou um jogo: um aluno tocava um instrumento (tambor, pandeireta, pratos ou guizeira) e a turma tinha os olhos tapados para adivinharem o nome do instrumento tocado. Também ouviram um cd com diversos sons para adivinharem. No final, dançaram duas músicas a pares.

Inferências

O jogo “Encontrar o par” é considerado um jogo de mesa, sendo muito importante para a aprendizagem das crianças, pois estes estimulam, motivam, despertam a curiosidade, influenciando no desenvolvimento da agilidade, da concentração e do raciocínio, pois, como refere Cordeiro (2010), “os jogos de mesa são calmos e tranquilos. Trabalham a atenção, observação e memorização, e permitem mais uma vez desenvolver noções matemáticas, como a correspondência termo a termo.” (p. 372)

Estes jogos proporcionam uma forma lúdica de aprendizagem, “para além de ser mais um momento de relação com os outros, permite divertimento, que nunca pode estar afastado de todas estas actividades.” (Cordeiro, 2010, p. 372)

Terça-feira, 18 de outubro de 2011

Nesta manhã, depois das suas rotinas, os alunos do bibe encarnado manipularam material não estruturado, ou seja, flores de tamanhos e cores diferentes coladas em tampas de iogurte, para trabalharem os conjuntos. Seguidamente, o grupo fez uma roda e a educadora leu a história *Corre, corre cabacinha*. Nesta os alunos colavam no livro, elaborado pela educadora, as imagens correspondentes à mesma.

Depois da sua leitura, metade da turma teve informática e os restantes alunos brincaram no recreio. Quando foi efetuada a troca, os alunos que se dirigiram à sala de aula moldaram com barro um ouriço-cacheiro.

Após terminada a tarefa, os alunos iam-se sentando no chão, realizando uma roda para lançarem uma bola uns aos outros. Finalizada a aula de informática, toda a turma foi à casa de banho para irem almoçar, indo, de seguida, para o recreio.

Inferências

O educador possui um papel preponderante na fomentação de hábitos de leitura nos seus alunos, devendo induzir diariamente o contacto com o livro e com outros suportes, desenvolvendo assim variadas competências.

Segundo Bastos (1999), “os livros devem fazer parte do dia a dia da criança desde muito cedo. Os primeiros livros (...) ajudam a estimular e a desenvolver a criatividade e a linguagem.” (p. 285)

Esta história possuía constantes figuras de repetição em forma de rima, o que suscitou grande interesse por parte dos alunos. Segundo Magalhães (2008), através desta “a tendencialmente dispersa atenção da criança é mais facilmente captada”, favorecendo assim “o treino da concentração.” (p. 63)

É fundamental a animação da leitura que a educadora proporcionou aos seus alunos. Esta deve ser contínua e satisfatória, uma vez que o educador deverá “desenvolver múltiplas actividades que, de uma forma natural e permanente, criam encontros agradáveis com o livro.” (Bastos, 1999, pp. 290-291)

Sexta-feira, 21 de outubro de 2011

Terminada a hora de acolhimento, os alunos dirigiram-se ao ginásio para terem aula de Expressão Motora. Quando esta terminou, os alunos foram encaminhados à sala para comerem o lanche da manhã e irem para o recreio.

De seguida, a educadora utilizou material não estruturado para uma aula de domínio da Matemática. Esta utilizou um boneco e duas camisolas para trabalhar combinações. Para além disto, também inventou uma situação problemática para abordar o conceito de divisão.

Para tal, pediu a colaboração de cinco crianças para exemplificar o exercício, utilizando imagens de rebuçados. Assim, uma criança distribuiu igualmente oito rebuçados por quatro alunos e indicou a operação no quadro, através de algarismos móveis. Como era hora de almoço, efetuaram as rotinas comuns.

Inferências

O dia-a-dia das crianças é repleto de novos conhecimentos, de desafios, de expectativas, e estas gostam de se sentir ativas nas suas aprendizagens, desejando participar nas mesmas.

A educadora apela variadíssimas vezes à participação dos seus alunos e, sem exceção, quando solicitou aos mesmos para exemplificarem o exercício, que consistia em dividir os rebuçados, ficaram bastante alegres.

Segundo Guimarães (2001), a “curiosidade, interesse, persistência, atenção, prazer e alegria podem caracterizar a participação de uma criança pequena em situações de aprendizagem.” (p. 37)

Através desta estratégia, a educadora promove a motivação dos seus alunos, pois como consequência desta, e no parecer de Bzuneck (2001), os alunos envolvem-se “ativamente nas tarefas pertinentes ao processo de aprendizagem” (p. 11), sendo isto observado.

A participação das crianças nas suas atividades diárias tem um pressuposto, nomeadamente, segundo Bzuneck (2001), “um resultado final que são os conhecimentos construídos e habilidades adquiridas.” (p. 12)

Assim, envolver os alunos nas suas aprendizagens é crucial para que os mesmos se sintam motivados e desejem participar voluntariamente, fomentando também a concentração da atenção e o empenho.

Segunda-feira, 24 de outubro de 2011

Neste dia, os dois bibes estiveram com a educadora responsável por esta turma, pois a educadora dos alunos do bibe encarnado A faltou. Devido a tal facto, os dois bibes efetuaram uma roda enorme no salão e a educadora responsável leu a história *O nabo gigante*, de Alexis Tolstoi e Niamh Sharkey. Depois foram escolhidos vários alunos para efetuarem a sua dramatização. Como eram muitas crianças, antes do recreio foram concretizados vários jogos.

Posteriormente ao intervalo, através de um *power point*, a educadora abordou o sentido do olfato. Esta começou por falar das narinas e da função dos pêlos nas mesmas, solicitando depois que lhe proferissem cheiros agradáveis e desagradáveis. De seguida, os alunos observaram diferentes imagens, tendo de classificá-las como anteriormente.

Para além disto, a educadora mencionou o sentido do olfato do cão, da formiga e do tubarão, realizando no fim um jogo que consistia em vendar os olhos de uma criança para a mesma tentar adivinhar que alimento estava a cheirar (pimenta, café, chocolate em pó, limão, laranja e canela). De seguida, tiveram aula de Expressão Musical, terminando a sua manhã no recreio.

Inferências

Para a concretização da dramatização acima referida, existiu “um encadeamento de acções, em que as crianças desempenharam diferentes papéis” da história. (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997, p. 60)

A educadora escolheu aleatoriamente diferentes alunos, de ambos os bibes, existindo assim interação entre as crianças, onde “os diferentes parceiros tomam consciência das suas reacções, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não verbal.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997, p. 59)

Esta estratégia proporcionou também, aos alunos, a descoberta de si próprio e dos outros, como também a afirmação de si próprio na relação com os outros, sendo evidente o gosto com que as crianças realizaram esta atividade.

Terça-feira, 25 de outubro de 2011

Após o acolhimento, a turma começou o dia a explorar o material Cuisenaire, construindo a escada crescente. Através do instrumento musical pandeireta, a educadora tocou na mesma e as crianças tiraram a cor correspondente ao número de batidas, ficando assim com uma escada de peças de valor par. Também trabalharam as combinações com o mesmo material através de situações problemáticas.

Enquanto metade da turma esteve na aula de informática, a outra metade realizou um trabalho de Expressão Plástica, ou seja, pintaram, no lado direito da folha, um desenho livre, efetuando depois a sua simetria e vice-versa.

Quando o último grupo terminou a atividade, enquanto esperavam pelos colegas para almoçarem, efetuaram um jogo em roda que consistia retirar duma caixa a imagem de um animal e corresponder ao cartão correto. Durante o almoço, as minhas colegas e eu concretizámos moldes de castanhas e recortámo-los.

Inferências

Na Educação Pré-Escolar, as crianças envolvem-se em diversas atividades no seu dia-a-dia, desenvolvendo múltiplas capacidades e competências. Muitas destas atividades estão integradas na Área de Expressão e Comunicação, sendo a pintura um exemplo das mesmas, inserindo-se no domínio da Expressão Plástica.

Pintar é uma forma de expressão do agrado de todas as crianças, pois exprimem o que desejam, o que sentem e, segundo Hohmann e Weikart (2004), “comunicam, de forma simples (...) aquilo que compreendem do seu mundo” (p. 512), sem vergonha ou receio, tornando-se um momento de exploração da imaginação, como também da criatividade.

No entender dos mesmos autores, as crianças utilizam as tintas ou outros materiais para “fazer e criar os seus próprios símbolos e imagens, e para representar as imagens mentais que formam a partir do que viram e fizeram.” (pp. 511-512)

Na concretização desta atividade, todas as crianças tiveram à sua disposição, no centro da mesa, tintas de várias cores e pincéis, tendo de cumprir regras para a sua utilização, como respeitar o trabalho dos seus colegas. Neste contexto, as OCEPE (1997) afirmam que “a disposição ordenada desses materiais, a sua diversidade e acessibilidade são condições para que a criança possa realizar o que deseja.” (p. 62)

Sendo assim, este momento de pintura também estimula o desenvolvimento pessoal e social, fomentando a responsabilização, a cooperação e o respeito pelos outros.

Sexta-feira, 28 de outubro de 2011

Neste dia, após o acolhimento, foi-me solicitado pela Diretora do Jardim-Escola dar uma aula de domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Com isto, optei por escolher a história *O Cuquedo*, de Clara Cunha. Depois de ler a história e de ter pedido a colaboração dos alunos na mesma, pedi-lhes que se dirigissem às suas mesas.

Nomeei dois chefes para distribuírem os copos com lápis, pois solicitei-lhes que desenhassem o seu animal preferido da história. De seguida, observei uma aula surpresa com o material Calculadores Multibásicos, no bibe azul. Após as aulas surpresa, todas as alunas tiveram reunião juntamente com as supervisoras de prática pedagógica.

Inferências

Neste momento de leitura em voz alta, que visa estimular as crianças para o ato da leitura e da observação/manipulação de livros, li a história às crianças de forma a adquirir a sua atenção e entusiasmo.

Assim sendo, Papalia, Olds e Feldman (2001), também são da opinião que “as crianças gostam muito que leiam para elas (...), bem como o modo como o fazem”, podendo assim “influenciar a qualidade do seu discurso e (...) a qualidade da leitura.” (p. 226)

Ao longo da leitura, solicitei a interação das crianças na história, sendo “a chave para muito do desenvolvimento na infância – cognitivo, social e emocional” (Papalia et al., 2001, p. 227), promovendo também a conversação/diálogo.

Segunda-feira, 31 de outubro de 2011

Como todos os dias, o acolhimento foi efetuado, mas não foi realizada uma roda com os alunos, pois era dia de *Roulement*. Como tal, todas as estagiárias do pré-escolar tiveram de organizar atividades para as crianças. Enquanto o faziam, as mesmas brincavam livremente.

As estagiárias dividiram-se em dois grupos: um grupo ajudou os alunos a confeccionarem morcegos ou gatos, com moldes, em massa de moldar, e o outro grupo elaborou um teatro com fantoches relacionado com o *Halloween*. De seguida, as crianças foram almoçar e brincar para o recreio.

Inferências

Neste dia, apesar de terem ocorrido algumas atividades, as crianças preencheram a maior parte da sua manhã a brincar livremente com os seus colegas, contribuindo para o processo de socialização das mesmas.

A brincadeira livre oferece às crianças a oportunidade de realizar atividades coletivas livremente, a seu gosto, tendo efeitos positivos no processo de aprendizagem, estimulando assim o desenvolvimento de habilidades básicas e a aquisição de novos conhecimentos.

Ainda assim, como refere Cordeiro (2010), nos momentos de brincadeira livre, “a criança (...) tem a oportunidade de escolher a actividade que mais lhe agrada. Estas tomadas de decisão vão fomentar a autonomia e uma crescente auto-estima.” É também “uma actividade rica e reveladora do empenho da criança, em construir a sua personalidade.” (p. 376)

Sexta-feira, 4 de novembro de 2011

Como todas as sextas-feiras, os alunos do bibe encarnado B usufruíram da aula de Expressão Motora, seguindo-se o descanso da manhã. Após o mesmo, a educadora concretizou uma atividade com os seus alunos, referente ao domínio da Matemática.

A educadora optou por utilizar o material palhinhas com o intuito de abordar a adição, a subtração e a divisão, envolvendo este momento com uma história. De

seguida, os alunos dirigiram-se à casa de banho para, posteriormente, almoçarem e brincarem no recreio.

Inferências

Envolver situações problemáticas numa história, é uma forma dinâmica de explorar conteúdos matemáticos, como também de estimular as crianças para a sua concretização. No entender de Caldeira (2009a), “se a curiosidade for desafiada no aluno, e o professor apresentar problemas adequados aos seus conhecimentos, ajudando-os com interpretações estimulantes, poderá despertar neles o gosto pelo pensamento independente e proporcionar-lhes alguns meios para o concretizarem.” (p.104)

Estas crianças resolveram adições, subtrações e divisões mentalmente ou com o auxílio do material palhinhas, não utilizando a escrita como meio para chegar ao seu resultado, pois apenas têm quatro anos de idade. Assim, como referem Carpenter, Hiebert e Moser (citados por Caldeira, 2009a), “não é necessário receber um ensino formal sobre a resolução de problemas de cálculo na forma escrita para poder resolver problemas de somas com enunciado verbal.” (p. 99)

Através das situações problemáticas, os alunos desenvolveram o cálculo mental, o raciocínio lógico e a contagem.

Segunda-feira, 7 de novembro de 2011

Nesta manhã, o bibe encarnado começou por manipular o 4.º Dom de Froebel. Através de uma história, a educadora proferiu algumas situações problemáticas onde trabalhou a soma e a multiplicação, operações que foram indicadas no quadro com algarismos móveis e, em contexto, os alunos construíram diversas construções, tais como o carrocel, o banco e o muro. As mesmas foram exemplificadas com peças de 4.º Dom grandes e de esferovite.

Seguidamente, as crianças fizeram uma roda e, no meio da mesma, tinham diferentes construções do 4.º Dom de Froebel, cobertas por uma tampa, tendo como finalidade os alunos descobrirem o par das construções.

Posteriormente ao recreio, a educadora contou a história *Vem aí um lobo*, de Nick Ward. Após este momento, os alunos pintaram um boneco que tinham feito em

massa de moldar para terem a noção do corpo. Terminada a tarefa, os alunos do bibe encarnado tiveram aula de Expressão Musical, seguida das rotinas habituais.

Durante a aula de Expressão Musical e o almoço, as minhas colegas e eu colocámos os olhos, o nariz e a boca nos bonecos, como também construímos caixinhas para poderem ser transportados pelos alunos.

Inferências

Neste dia, tal como nos restantes, foi evidente o isolamento de um menino desta turma, durante o recreio. Neste momento de brincadeira livre, todas as crianças aproveitam para gastar as suas energias, correndo, saltando, brincando com os seus colegas, mas esta criança não. A este menino foi-lhe diagnosticada sobredotação, pois com apenas quatro anos de idade já sabe ler, como também é mais desenvolvido comparativamente aos seus colegas, em conteúdos referentes ao domínio da Matemática.

Como é natural, as crianças com sobredotação são mais tímidas e os seus interesses são específicos e diferentes dos das outras crianças, logo, revelam uma menor aptidão para se relacionar com os seus colegas, sendo da mesma opinião Winner (citado por Santos, 2002), que revela que “as crianças que apresentam uma aptidão excepcional elevada numa qualquer área do conhecimento, têm problemas sociais (...), nomeadamente devido ao facto de não se encontrarem ao mesmo nível dos seus pares.” (p. 53)

Contudo, este menino em sala de aula, apesar de tímido, revela alguns momentos de conversa entre pares e, quando solicitado, participa ativamente nas várias atividades do seu dia-a-dia. Ao encontro desta afirmação, o mesmo autor refere que “a escola deve ser um espaço que promova a inclusão e participação de todos de forma a permitir o desenvolvimento pessoal e social de cada um, (...) através de atividades enriquecedoras e estimulantes.” (p. 70)

Perante esta situação “diferente”, a educadora revela possuir uma ótima postura, pois incentiva sempre os seus alunos a participarem, a colaborarem nas diversas atividades, concedendo bastante atenção às crianças mais tímidas, como este menino.

Terça-feira, 8 de novembro de 2011

Como todos os dias, foi concretizado o acolhimento das crianças, bem como a roda das canções. Após isto, os alunos do bibe encarnado trabalharam com um material alternativo, as palhinhas. Através destas, a educadora imaginou que as mesmas eram flores, concretizando algumas situações problemáticas de adição e subtração, abrangendo os sinais de maior, menor ou igual, o par/ímpar, a meia dezena e a meia dúzia.

Seguidamente, ocorreu o intervalo da manhã. Após este, a educadora conversou com a turma acerca do sentido do paladar. Para esta aula, utilizou uma língua feita de *dracalon*, revestida de plástico com bolhas de ar, que simbolizavam as papilas gustativas. Na mesma estavam indicadas as zonas da língua que se sentia o doce, o salgado, o azedo e o amargo.

Para consolidar este sentido, a educadora deu a provar aos alunos determinados alimentos como queijo, batatas fritas, pipocas e limão, para identificarem as características anteriores. Antes do almoço, como já tinha abordado os cinco sentidos, a educadora leu a história *Os cinco sentidos*, da Kididok.

Inferências

Através da aula de Conhecimento do Mundo, relativa ao sentido do paladar, as crianças puderam compreender melhor, determinadas características e funções do seu corpo, sendo da mesma opinião Reis (2008), que refere que “a ciência nos primeiros anos de escolaridade pode ser definida como o estudo, a interpretação e a aprendizagem sobre nós mesmos e o ambiente que nos rodeia, através dos sentidos da exploração pessoal.” (p. 15)

Ao demonstrar as características da língua, a educadora promoveu nas crianças “a associação entre o órgão e a função.” (Catita, 2007, p. 230) Para consolidar os conhecimentos transmitidos, a educadora deu a provar variados alimentos, estratégia fundamental para verificar a apreensão dos mesmos.

Assim, segundo Catita (2007), relativamente à estratégia anteriormente referida, “a criança em si mesma é detentora, através do seu corpo, das ferramentas experimentais que a ajudarão a compreender os mecanismos das suas próprias sensações e percepções.” (p. 226), sendo essencial, na abordagem desta temática dos sentidos, que as crianças experienciem através do seu corpo.

Sexta-feira, 11 de novembro de 2011

Este foi um dia diferente para os alunos do bibe encarnado. Depois do acolhimento, as crianças prepararam-se para sair do Jardim-Escola, indo à casa de banho e vestindo os casacos, dirigindo-se depois aos autocarros.

Estes foram a uma visita de estudo ao Oceanário de Lisboa, conjuntamente com o bibe encarnado A, contemplar o musical *Careta, a tartaruga que defende o planeta!*

Inferências

Visto ser um dia escolar diferente, todos os alunos se mostraram entusiasmados, tanto na viagem de autocarro como na própria visita. O convívio entre os alunos foi notório, mesmo entre aqueles mais introvertidos.

Sendo assim, uma grande vantagem das visitas de estudo é o “convívio entre alunos, ou até mesmo entre alunos e professores. Descobrem-se personalidades, descobrem-se características que não são perceptíveis dentro de quatro paredes.” (Torrão, 2008), influenciando assim o processo de aprendizagem.

Durante o musical, os alunos mantiveram-se atentos mas também muito divertidos, adquirindo assim determinados conhecimentos que lhes eram transmitidos pois, tal como refere Mesquita (2007), as visitas de estudo “são estratégias que podem ser divertidas e constituem uma forma diferente de aprender.”

Segunda-feira, 14 de novembro de 2011

Para principiar o dia, os alunos do bibe encarnado começaram por manipular o material 4.º Dom de Froebel, trabalhando a adição, a subtração e a divisão, bem como os números par/ímpar e a meia dezena. Ao longo das situações problemáticas, fizeram algumas construções com o material, tais como a cama, o cadeirão e a mesa, o muro, o banco e o carrocel.

A seguir à interrupção da manhã, a educadora deu uma aula referente à alimentação, utilizando um *power point* como suporte. Através deste apresentou a roda dos alimentos, pronunciou o nome de cada grupo que a constitui e os respetivos alimentos, explicando ainda o porquê de a água se encontrar no centro da roda.

Posteriormente indicou a diferença dos grupos e explicou porque devemos ter uma alimentação saudável. Os alunos visionaram pequenos vídeos do Vitaminix relacionados com a temática. De seguida, concretizaram um jogo que consistia em retirar um cartão e identificar a que grupo da roda dos alimentos pertencia. Seguiram-se as rotinas comuns.

Inferências

O material estruturado Dons de Froebel é um material muito apreciado pelas crianças, que evidenciam sempre satisfação na sua manipulação. Neste dia, os alunos manusearam o 4.º Dom de Froebel que, segundo Caldeira (2009a), “é constituído por 1 caixa de madeira com a forma de um cubo que contém 8 paralelepípedos.” (p. 260)

Ao longo da atividade realizaram diversas construções, que revelam ser, no entender de Moreira e Oliveira (2003), “o ponto de partida para contar histórias.” (p.34) No entanto, segundo Caldeira (2009a), para a utilização deste material é fundamental o cumprimento de “regras (...), para poderem garantir o aproveitamento pedagógico.” (p. 241)

Através destas histórias, a educadora pôde explorar diversos conteúdos matemáticos, constituindo assim um dos objetivos do seu criador pois, como referem Moreira e Oliveira (2003), “Froebel procurava (...) a integração de histórias e jogos com as explorações matemáticas.” (p. 33) Também com a mesma linha de pensamento, no que concerne à concretização de construções a partir deste material, Caldeira (2009a) defende que as mesmas devem permitir “actividades com variedade de raciocínios matemáticos.” (p. 255)

Neste sentido, a formação de diversas construções, que surgem a partir de uma história, torna a atividade mais apelativa para as crianças, como também mais motivadora no âmbito da concretização de situações problemáticas.

Terça-feira, 15 de novembro de 2011

Neste dia, a educadora esteve responsável pelos dois bibes, e perante tal situação, dirigiu-se com os alunos ao refeitório para fazer pão com os mesmos. Ao longo da atividade, a educadora explicou todos os procedimentos e quais os ingredientes a serem utilizados. Por fim, cada criança confeccionou uma bola de pão para comer ao lanche.

De seguida, os alunos brincaram no recreio e, de volta à sala, a educadora trabalhou apenas com os seus alunos, utilizando o material Blocos Lógicos, imaginando que as suas peças eram rebuçados.

Nesta atividade, a educadora concretizou diversos exercícios com as peças, realizando, por último, uma sequência com as mesmas. Para a concretização da sequência, os alunos efetuaram um comboio, à medida que pegavam na peça correta para completar a mesma (no comboio tinham a peça na mão).

Inferências

Ao longo desta atividade, as crianças estiveram atentas e participativas. O interesse também foi um fator observado, pois a curiosidade de observarem a confeção de um alimento do seu dia-a-dia foi notável.

Segundo Martins et al. (2009), “as aprendizagens que a criança realiza (...) decorrem (...) da acção, da manipulação que faz dos objetos que tem à sua disposição” (p. 12), sendo por isso muito importante as crianças terem manipulado a massa e observado a sua confeção.

Através desta atividade, a educadora também estimulou o desenvolvimento da comunicação verbal, pois ao realizar atividades de culinária, estimula-se as crianças a participarem na sua execução e na sua explicação verbal (Sim-Sim, Silva e Nunes, 2008), facto observado nesta atividade.

Para tal, a educadora conversou com as crianças sobre os alimentos a serem utilizados na tarefa, como também ia explicando o que estava a fazer, tendo a colaboração dos mesmos.

Sexta-feira, 18 de novembro de 2011

As crianças começaram a manhã com a aula de Expressão Motora, durante a qual as minhas colegas e eu iniciámos a construção dos cenários para a Festa de Natal, seguindo-se o momento de recreio.

Após o mesmo, os alunos dirigiram-se às suas mesas, com o intuito de manipularem um material não estruturado: tampas com flores de tamanhos e cores diferentes. Com este material, a educadora deu ênfase à concretização de conjuntos,

realizando-os no quadro, no qual a criança correspondeu o algarismo ao cardinal do conjunto.

Ainda trabalhou com as crianças adições, subtrações, a meia dúzia e a meia dezena. De seguida, os alunos dirigiram-se para o refeitório, a fim de almoçarem. Não ajudámos a dar os almoços, neste dia, pois foi-nos solicitado que continuássemos a realizar os cenários para a Festa de Natal.

Inferências

As crianças adoram manipular materiais diferentes e, como não podia deixar de ser, gostaram muito de manusear o material acima referido. Através do mesmo, a educadora abordou os conjuntos, solicitando às crianças, ao longo da atividade, que colocassem dentro da linha fronteira tampas com determinada propriedade.

Para tal, é necessário que as crianças estejam com muita atenção ao que a educadora pronuncia, como também saber identificar essas mesmas propriedades, processo por vezes difícil para certas crianças. Este processo de classificar, para Moreira e Oliveira (2004) “requer que a criança seja capaz de incluir um objecto num conjunto atendendo a determinadas propriedades. Para isso, a criança tem de conseguir identificar propriedades nos objectos à sua volta.” (p. 42)

Para a realização de conjuntos, saber classificar é preponderante para o agrupamento do material em questão, segundo determinado critério. Assim, em consequência desta afirmação, os mesmos autores indicam que “a classificação é fundamental na formação de conjuntos, isto é, agrupar objectos de acordo com um critério (...), reconhecendo semelhanças e diferenças de modo a estabelecer relações de pertença entre diferentes objectos e as propriedades identificadas.” (p. 43)

Para a abordagem dos conjuntos, a educadora inventou uma história, tornando este momento dinâmico e prazeroso para as crianças, incitando também à sua atenção/concentração.

Segunda-feira, 21 de novembro de 2011

Neste dia, as atividades do bibe encarnado estiveram ao encargo da minha colega Ana Vicente. Esta iniciou o dia utilizando material não estruturado, escovas de dentes plastificadas, para dar uma aula de domínio da Matemática, inventando uma

história e trabalhando o conceito de adição e subtração, bem como a dezena e a meia dezena.

Seguidamente, dispôs os alunos em forma de U, para ler a história *Banho, nem pensar!*, de Brigitte Weninger e Stephanie Roehe. Depois do recreio, a minha colega deu uma aula de Conhecimento do Mundo referente à higiene diária. Para tal, deu a cada aluno um saco de pano com imagens de objetos de higiene, como a pasta de dentes, a escova de dentes e do cabelo, champô, gel de banho e uma toalha.

Sendo assim, solicitou a alguns meninos para retirarem um objeto do saco, para identificá-lo e para explicarem a sua utilidade. Simulou também, com todas as crianças, o tomar banho, utilizando os objetos do saco. Por fim, cada aluno fez o seu sabonete com o auxílio da minha colega. Para finalizar a manhã, desfrutaram da aula de Expressão Musical e realizaram as restantes rotinas.

Inferências

Esta aula de Conhecimento do Mundo foi muito divertida para os alunos, principalmente quando aparentaram estar a tomar banho. No entanto, ao longo da mesma foi notável que os alunos estavam inteirados do tema, pois cada criança sabia a utilidade de cada objeto e o porquê da importância de tomar banho e lavar as mãos.

Este facto evidencia-se porque no seu dia-a-dia as crianças são despertadas para a importância de realizarem uma boa higiene diária, situação descrita nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, referindo que:

a educação para a saúde e higiene fazem parte do dia a dia do jardim de infância, onde a criança terá oportunidade de cuidar da sua higiene e saúde e de compreender as razões porque lava as mãos antes de comer. (p. 84)

Ao longo deste momento, a Ana ouviu todas as crianças, deixando-as expressar as suas experiências, contribuindo para o desenvolvimento das mesmas. Assim, como referem os mesmos autores, “o desenvolvimento pessoal e social assenta na constituição de um ambiente relacional securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e auto-estima.” (p. 52)

Nas diferentes áreas de conteúdo os educadores devem sempre manter esta postura, ou seja, ouvirem o que as crianças têm a dizer em consequência das suas vivências/experiências, como também tomá-las como princípio na abordagem de uma temática.

Terça- feira, 22 de novembro de 2011

Este dia iniciou de forma diferente. Após o acolhimento, dois alunos estagiários do 2.º ano deram uma aula, que tinha como temática o sentido do tato. Inicialmente utilizaram um *power point* para recordarem os cinco sentidos, especificando depois o sentido do tato.

De seguida explicaram que através da pele sentimos diferentes sensações e deram a conhecer aos alunos uma cartolina que continha diferentes texturas. Todos os alunos passaram as suas mãos pelas texturas, identificando algumas.

Para finalizar, realizaram um jogo onde um aluno, de olhos vendados, retirava um objeto de dentro de um saco e tentava identificá-lo através do tato. No final, todas as crianças tiveram a oportunidade de tocarem, sentirem os objetos e identificarem variadas texturas.

Para concluir a manhã, a educadora contou a história *Ildinha e Maximiliano*, de Fernando Krahn, seguindo-se as rotinas habituais.

Inferências

A aquisição e exploração de variados conhecimentos devem ocorrer de uma forma lúdica, para as crianças deterem prazer em aprender e sentirem-se estimuladas em querer saber mais.

Nesta aula, após o ensino dos conteúdos, os alunos estagiários propiciaram às crianças uma atividade lúdica, nomeadamente um jogo, pois, no entender de Maluf (2008), a atividade lúdica “é toda e qualquer animação que tem como intenção causar prazer e entretenimento em quem a pratica.” (p. 21)

Ao vendarem os olhos às crianças, estas ficaram bastante empolgadas, como também se empenharam bastante para identificarem, eficazmente, o objeto que retiravam do saco. Neste contexto, Cunha e Nascimento (2005) são da opinião que “o desafio contido nas situações lúdicas provoca o pensamento, exercita habilidades e leva a criança a alcançar níveis de desempenho que só as ações por motivação intrínseca conseguem.” (p. 14)

Por meio destas atividades lúdicas, as crianças envolvem-se com gosto, sendo um auxílio indispensável para os educadores, no processo de ensino-aprendizagem.

Sexta-feira, 25 de novembro de 2011

Para iniciar o dia, os supervisores da prática de ensino supervisionada estiveram no Jardim-Escola, com o intuito de realizarem aulas surpresa. Perante tal situação, assisti a duas aulas surpresa no bibe encarnado A.

A uma das alunas estagiárias foi-lhe solicitado que através do material palhinhas trabalhasse com as crianças a adição e a subtração, tendo utilizado dois bonecos para realizar diversas situações problemáticas.

Após esta aula, a outra aluna leu a história *Os três terríveis porquinhos*, de Liz Pichon. Para complementar a sua leitura, utilizou um fantocheiro que continha os fantoches das personagens da história, bem como as suas casas. Posteriormente, pediu a alguns alunos que recontassem a história com o auxílio do mesmo.

Ambas as aulas foram supervisionadas pela Professora Teresa Botelho e, terminadas as mesmas, todos os alunos estagiários tiveram reunião com os supervisores presentes neste dia.

Inferências

Através da leitura da história acima mencionada, alguns alunos manipularam fantoches, ou seja, "objetos inanimados, que ganham vida e sentido dramático quando lhe infundem ânimo." (Pereira e Lopes, 2007, p. 21)

A utilização de fantoches, de vários tipos e formas, por parte das crianças, facilita "a expressão e a comunicação através de "um outro" (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997, p. 60) como também de um conjunto de habilidades e capacidades.

Assim, quando as crianças trabalham a partir do manuseamento dos fantoches, estes contribuem para o desenvolvimento da fantasia, da imaginação e liberdade de expressão, da linguagem, da coordenação dos seus gestos, como também para o desenvolvimento da concentração, desinibição, confiança e memória. (Pereira e Lopes, 2007).

Sendo explícito os benefícios do manuseio deste material para o desenvolvimento das crianças, é essencial que os educadores os incluam em atividades dramáticas ou noutras aprendizagens, através de uma vertente lúdica.

Segunda-feira, 28 de novembro de 2011

Tal como o dia anterior, este também teve início com aulas surpresa. Neste dia assisti um pouco a uma aula no bibe amarelo A, onde a aluna estagiária contou o conto tradicional *A galinha ruiva*, auxiliando-se do fantoche de uma galinha. De seguida, cantou várias canções e pronunciou lengalengas com as crianças, estando as mesmas relacionadas com o conto. Esta aula foi supervisionada pela Professora Isabel Ruivo.

Seguidamente, observei as aulas surpresa das colegas do meu grupo de estágio. A primeira colega, a Ana, trabalhou com os alunos a adição e a subtração, utilizando o material palhinhas e, para tal, criou situações problemáticas diversificadas.

A Sara leu a história *Os três terríveis porquinhos*, de Liz Pichon. Tal como no dia anterior, também tinha em sua posse o fantocheiro, explorando-o primeiramente. De seguida, com a participação ativa dos alunos leu a história e, por último, cantaram a música “O porquinho foi à horta”. Ambas as aulas foram supervisionadas pela Professora Teresa Botelho. Seguiu-se a reunião habitual.

Inferências

Na primeira aula surpresa que observei, a aluna estagiária pronunciou algumas lengalengas com as crianças, momento muito divertido, pois as mesmas mostraram-se entusiasmadas e alegres por as saberem.

Segundo Agüera (2008), as lengalengas “pelas suas características, pela sua simplicidade, pelo seu ritmo e musicalidade, são uma boa estratégia para as crianças” (p. 29), estratégia essa fulcral para o desenvolvendo da memorização.

As lengalengas baseiam-se em repetições de sons, de rimas, de palavras/expressões, de estruturas textuais. (Santos, 2012) Através das mesmas, é possível explorar a linguagem oral de uma forma lúdica, e as crianças contribuem ativamente para o seu desenvolvimento.

Terça-feira, 29 de novembro de 2011

Realizadas as rotinas matinais, a colega de estágio Sara Correia iniciou a manhã com uma aula de domínio da Matemática, utilizando material não estruturado. Para

trabalhar os conceitos de adição e subtração, utilizou morangos e laranjas plastificados, criando assim algumas situações problemáticas.

A seguir, abordou uma temática da Área de Conhecimento do Mundo, o sentido do paladar. Explorou o órgão utilizado neste sentido e deu a provar gomas ácidas e um grão de sal. Entretanto, a minha colega confeccionou salame, pedindo a um menino de cada vez que a ajudasse, colocando os ingredientes dentro de uma taça.

Após o intervalo, os alunos sentaram-se em U e a minha colega contou a história *Os três porquinhos*, de Luísa Ducla Soares, auxiliando-se de um fantoche de coelho para contar a história. Ao longo da mesma, os alunos iam participando através de sons e de falas.

De seguida, distribuímos por cada aluno uma fatia de salame, bem como pelas duas educadoras do bibe encarnado. Na hora do almoço, a Ana ajudou no mesmo e a Sara e eu pintámos os cenários de Natal.

Inferências

No momento de leitura de uma história, é essencial que todas as crianças consigam observar a mesma sem serem importunadas pelos seus colegas, nomeadamente por estarem à sua frente ou por estarem a conversar.

Antes de qualquer atividade, é fundamental que o educador organize o espaço adequadamente, proporcionando assim uma aprendizagem positiva. Neste contexto, segundo o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, o educador, relativamente à organização do ambiente “organiza o espaço” como recurso “para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas.” (anexo n.º 1, capítulo II, ponto 2)

Assim, penso que a opção da minha colega sentar as crianças em U ou semicírculo foi adequada, pois com a mesma opinião, Arends (1995) menciona que “para situações em que o professor lê para os alunos, estes devem sentar-se em semicírculo.” (p. 94)

Para impedir situações de conversa/distração, Cury (2003) também afirma que se deve sentar as crianças “em meia lua, em U ou em duplo círculo”, pois “eles precisam de ver o rosto uns dos outros.” Este modo de sentar também “aquieta o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos.” (p. 125)

Na minha opinião, quando o educador proporciona momentos nos quais as crianças não estão sentadas em mesas, mas sim num espaço em que seja possível a sua organização em semicírculo, a última opção é a mais favorável, tanto para as crianças como para o educador, que tem uma perceção visual de todos os seus alunos.

2, 9, 12 e 13 de dezembro de 2011

Ao longo destes dias, as minhas colegas e eu estivemos encarregues de alguns preparativos para a festa de Natal, nomeadamente na elaboração dos cenários, na construção de uma árvore de Natal, elaborada com balões, e de um Pai Natal confeccionado com garrafas de plástico, pertencentes aos alunos. Também observámos o bibe encarnado, conjuntamente com o 4.º ano, a ensaiar a peça de Natal.

Inferências

Os dias acima mencionados foram repletos de trabalho, com o intuito de estar tudo organizado para o grande dia, a festa de Natal, “prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor.” (Agüera, 2008, p. 73)

Durante estes dias, os alunos ensaiaram a peça de Natal com entusiasmo e alegria. Assim, a sua participação ativa na festa, segundo a mesma autora, promoveu a “socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças.” (p. 73)

Assim sendo, é relevante que os estabelecimentos educativos valorizarem estas propostas festivas, pois são úteis, benéficas e gratificantes para os seus alunos.

Segunda-feira, 5 de dezembro de 2011

Após as rotinas do bibe encarnado, comecei o dia por ler a história *Todos no Sofá*, de Luísa Ducla Soares. Seguidamente, voltei a lê-la com a participação das crianças e, por último, escolhi alguns alunos para realizar a sua dramatização. Para tal, coloquei cadeiras em fila com um lençol por cima, imaginando ser um sofá, onde as personagens se sentaram. Os restantes alunos contaram a história comigo, enquanto os outros dramatizavam.

Seguidamente, os alunos ensaiaram as músicas de Natal com o professor de Expressão Musical. Após a mesma, as crianças sentaram-se nos seus lugares, para eu dar uma aula de domínio da Matemática, utilizando material não estruturado, ou seja, tomates e cenouras em massa de sal.

Durante a aula imaginei uma história onde inseri diversas situações problemáticas. Através das mesmas, trabalhei as operações de adição, subtração e divisão (indicadas no quadro, pelos alunos, com algarismos móveis), bem como os conceitos de um par, dois pares, de um número par/ímpar, o sinal de maior e menor, a dezena, a meia dúzia e a meia dezena. Também construí uma sequência com os frutos, a qual as crianças repetiram.

Para finalizar a manhã, os alunos ensaiaram a peça de Natal com o 4.º ano e praticaram as rotinas diárias. Durante as mesmas, as minhas colegas e eu ajudámos nos preparativos para a festa de Natal.

Inferências

Na aula referente ao domínio da Matemática, solicitei às crianças que concretizassem uma sequência, com o material em questão, não sendo uma prática constante do seu dia-a-dia. Comecei por explicar o que pretendia e rapidamente os alunos perceberam o que era desejado, compreendendo qual a ordem dos elementos a seguir.

Assim, no entender de Moreira e Oliveira (2004), “ordenar uma sequência, segundo um atributo, consiste em ser capaz de referir os elementos da sequência, de tal modo que se reconheça um precedente e um sucessor.” (p. 42)

Ao concretizar sequências, as crianças desenvolvem a capacidade de seriar, que deve ser exercitada por meio de objetos que possuam atributos vulgares, ou seja, facilmente identificados, pois como referem Moreira e Oliveira (2003), “para se desenvolver capacidades de seriação as crianças devem começar por trabalhar com atributos que lhes sejam familiares e saber distinguir as suas variações.” (p. 68)

Para completarem a sequência, os alunos utilizaram seis elementos, mas com crianças mais pequenas, segundo os mesmos autores, “é aconselhável que no início” as sequências sejam produzidas “com poucos objectos e que só gradualmente o seu número aumente.” (p. 68)

Apesar de as crianças não trabalharem todos os dias as sequências, foi notável que as mesmas possuem um bom raciocínio lógico, capacidade desenvolvida também através desta atividade.

Terça-feira, 6 de dezembro de 2011

Os alunos iniciaram o dia com uma aula de Conhecimento do Mundo, dada por mim, que teve como temática o mel. Para esta aula mascarei-me de abelha e mantive um diálogo com os alunos durante a mesma, transmitindo assim diversos conhecimentos relativamente às abelhas, abordando quais os seus grupos, onde vivem e o processo de fabrico do mel.

Ao longo da aula as crianças visionaram imagens dos conhecimentos anteriores. No final da mesma, presenteei os alunos, oferecendo uma tosta com mel a cada um, existindo crianças que não quiseram.

Após esta aula, a colega Ana leu o livro *Óscar, o pequeno urso polar* e ao longo da mesma, os alunos corresponderam imagens a determinados momentos da história. Para terminar, pintámos com *spray* os fatos para a festa de natal: árvores, cogumelos e guloseimas, enquanto os alunos almoçaram e se dirigiram ao recreio.

Inferências

A leitura de histórias é uma constante na rotina destas crianças, estando as mesmas sempre motivadas e atentas, principalmente quando lhes é contada uma história nova.

Estes momentos contribuem para promover, mais tarde, o gosto pela leitura, sendo da mesma opinião Gomes (2000), afirmando que contar histórias é “uma das actividades capazes de, pela sua prática continuada, proporcionar o desenvolvimento do prazer de ler, resultante (...) da simples satisfação do gosto pelas histórias.” (p. 35)

Este momento de leitura proporcionado pela Ana foi diferente e gratificante para os alunos, incitando à sua participação no momento de interpretação das imagens da história. Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, está evidenciado este modo de leitura por parte das crianças, explicitando que “se a decifração do texto escrito cabe ao educador, há formas de “leitura” que podem ser realizadas pelas crianças, como interpretar imagens ou gravuras de um livro.” (p. 71)

Para além de promover o gosto pela leitura, este momento também pode desenvolver competências a nível do domínio da Matemática, nomeadamente a de classificar, pois as OCEPE (citadas por Moreira e Oliveira, 2004) mencionam que “um dos objectivos na educação pré-escolar é ajudar a criança a classificar objectos, coisas e acontecimentos (...) de forma a poder estabelecer relações entre eles.” (pp.42-43)

Através deste momento de leitura foi possível articular dois domínios diferentes, o que deve ocorrer nas diversas atividades programadas pelo educador, pois a interdisciplinaridade deve ser uma constante da sua planificação.

Sexta-feira, 16 de dezembro de 2011

Sendo este o último dia no bibe encarnado, após a aula de Expressão Motora e do recreio, a educadora deu-nos a escolher qual o material que gostaríamos de visionar, optando pelo material Calculadores Multibásicos. Esta foi a primeira vez que os alunos estiveram em contacto com este material, sendo necessário explicar determinadas regras de utilização, bem como informar o seu nome.

A educadora começou por explicar qual a cor que correspondia a cada furo e realizou variados exercícios. Efetuou a comparação entre torres, questionando qual era a mais alta, a mais baixa ou as do mesmo tamanho, caso existisse. Posteriormente, realizaram a leitura da placa por cores, após a orientação da educadora.

De seguida, a educadora dispôs a turma em U e leu a história *O nabo gigante*, de Alexis Tolstoi e Niamh Sharkey. Durante a sua leitura, as crianças tinham no seu centro diferentes imagens, correspondendo as mesmas após a leitura, colando-as no livro gigante. Seguidamente, os alunos almoçaram e brincaram livremente no recreio.

Inferências

Sendo este dia, o primeiro no qual o bibe encarnado esteve em contacto com o material Calculadores Multibásicos, a educadora iniciou por explicar a composição do mesmo, esclarecendo que, e na mesma opinião de Damas et al. (2010), este material é “composto por placas com cinco orifícios onde são colocadas peças de cores diferentes. Em cada orifício só é possível colocar peças de uma só cor.” (p. 40)

Para os alunos interiorizarem as regras anteriores, construíram diferentes torres. A educadora também informou que, e no parecer de Caldeira (2009a), as peças dos Calculadores “encaixam umas nas outras e nos orifícios formando “torres” (p.187), e que “são colocadas da direita para a esquerda.” (p. 189)

Segundo a mesma autora, os alunos devem manipular o material para participarem ativamente nas suas descobertas, tendo o mesmo se verificado com o auxílio da educadora, dando instruções e, elaborando questões diversificadas para os seus alunos explorarem o material à sua disposição.

2.ª Secção

Esta secção refere-se ao momento de estágio ocorrido no bibe azul B, relativo a crianças da faixa etária 5 anos, tendo como docente a educadora Emília Tomás.

Este momento de estágio decorreu no período de 2 de janeiro de 2012 a 23 de março de 2012.

2.1 Caracterização da turma

A turma do bibe azul B é constituída por 26 crianças, tendo a mesma 16 alunos do sexo masculino e 10 alunos do sexo feminino, sendo esta e a restante informação cedida pela educadora da respetiva turma. Relativamente à faixa etária, esta é uma turma homogénea.

Os alunos do bibe azul B demonstram ser interessados, participativos e colaboram em todas as atividades. São atentos, denotam bom vocabulário e facilidade de comunicação.

No geral, não existem grandes diferenças de aprendizagem e de comportamento entre os alunos, sendo evidente crianças com algumas dificuldades de concentração e, conseqüentemente, de aprendizagem.

A nível afetivo, em geral, os alunos mantêm um bom relacionamento entre eles, como também com a educadora. É notável a existência de algumas crianças mais

extrovertidas do que outras, em que as mais introvertidas, na maioria das situações, só comunicam ao serem solicitadas.

Em contraste aos alunos anteriormente mencionados, existem crianças que gostam de ser o centro das atenções, tornando-se, por vezes, pouco atentas e concentradas.

Como é de considerar em todas as turmas, existem alunos com mais dificuldades do que outros, não sendo esta uma exceção. Apesar desta disparidade habitual, existe uma criança, vinda de outro Jardim-Escola este ano letivo, que demonstra mais dificuldades relativamente à grafomotricidade, comunicação oral e matemática.

2.2 Caracterização do espaço

Os alunos do bibe azul B têm ao seu dispor uma sala própria, situação não observada no bibe anteriormente exposto. A sala do bibe azul B não é muito ampla, sendo comprida mas não muito larga, tornando-se uma condicionante da mesma.

Assim, quando a educadora opta por sentar as crianças no chão para realizar determinada atividade, tal momento só é possível, colocando as mesas encostadas à parede e ao móvel que se encontra no fundo da sala.

Nesta sala estão dispostas diversas carteiras, destinando-se cada uma a duas crianças (cada carteira está dividida em dois espaços de trabalho distintos), onde realizam os seus trabalhos. Ainda apresenta dois quadros ao fundo da sala, bem como dois armários para a arrumação de diversos materiais.

Esta sala é bastante agradável e acolhedora, pois as suas paredes e janelas estão enfeitadas com diferentes adereços e placards bastante coloridos, como também possui um estendal onde são colocados os trabalhos elaborados pelos alunos.

Relativamente à iluminação da sala, esta é adequada e suficiente para todos os alunos, visto possuir três janelas de grandes dimensões.



Figura 2 – Sala do bibe azul B

2.3 Horário

O horário relativo à planificação semanal do bibe em questão encontra-se abaixo mencionado.

Quadro 3 – Horário do bibe azul B

	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
9h15 – 10h	Matemática	Leitura e escrita/ Desenvolvimento verbal	Matemática	Leitura e escrita	Leitura e escrita
10h10 – 11h	Leitura e escrita Iniciação Musical (10h30-11h30)	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita Ed. Física (10h30-11h30)
11h10 – 12h	Iniciação Musical (10h30-11h30) Leitura e escrita	Matemática	Leitura e escrita	Matemática	Ed. Física (10h30-11h30) Matemática
12h – 13h	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13h – 14h	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
14h10 – 15h	Conhecimento do Mundo	Informática	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo
15h10 – 16h	Estruturação espaço-temporal	Conhecimento do Mundo	Jogos de interior	Exp. Plástica	Exp. Dramática
16h – 16h30	Inglês (15h30-16h30)	Dinamização da leitura/Biblioteca	Desenvolvimento da Motricidade	Estimulação à leitura (ex: histórias)	Assembleia de turma
16h30 – 17h	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

2.4 Rotinas

As rotinas dos alunos desta turma são as mesmas dos alunos do bibe encarnado B, divergindo somente nos horários.

2.5 Relatos diários

Segunda-feira, 2 de janeiro de 2012

Como consequência do feriado no dia anterior, as crianças brincaram livremente, pois foi dia de *Roulement*. Contudo, as minhas colegas e eu arrumámos trabalhos dos alunos do bibe azul A, visto a educadora desta turma não estar presente neste dia. Também realizámos moldes de gotas em cartolina.

Inferências

Terça-feira, 3 de janeiro de 2012

Este foi o primeiro dia no bibe azul B, iniciando-se no salão, na roda das cantigas com os restantes bibes. As crianças do bibe azul são as primeiras a se retirarem da mesma e a dirigirem-se à sua sala, após a ida à casa de banho.

Na sua sala cada criança tem estipulado o seu lugar, existindo uma secretária para cada aluno. Para iniciar o dia, cada criança mencionou como ocorreu a sua passagem de ano, como também a educadora, as minhas colegas e eu.

Após esta conversa, a educadora dirigiu-se à Cartilha Maternal acompanhada de três crianças, enquanto as minhas colegas e eu revemos as vogais e o v, f, j, com um aluno de cada vez, através das letras móveis. Os restantes alunos finalizaram outros trabalhos.

Seguidamente, chegou a hora do recreio, bem como do lanche da manhã, sendo este bolachas ou pão com manteiga. Depois de brincarem livremente, o bibe azul dirigiu-se à sua sala, onde a educadora abordou uma temática da Área de Conhecimento do Mundo, com o auxílio de um *power point*. Sendo assim, a educadora referiu o nome do nosso planeta e onde ele se encontra, a Via Látea, e uma criança dirigiu-se a uma imagem do planeta Terra e indicou os oceanos e os continentes.

Para além disto, também foi pronunciado o interior do planeta Terra, os movimentos de rotação e translação do mesmo, bem como os diversos modos de poluir o ambiente e sugestões para a situação contrária. Para finalizar a manhã, as crianças dirigiram-se à casa de banho para, de seguida, almoçarem na sua sala. Depois da refeição foram encaminhados ao recreio.

Inferências

O método de leitura João de Deus auxilia as crianças na aquisição de competências de leitura, fazendo, segundo Ruivo (2009), “um estímulo diário e uma constante consolidação dos conhecimentos adquiridos, (...) através de lições.” (p. 100)

Estas lições estão inseridas na Cartilha Maternal, onde, no entender da mesma autora, “em diálogo vivo com a educadora aprendem a sua lição (...) num espaço de tempo reduzido mas o suficiente para a aprendizagem da regra, da letra, do som.” (p.119)

Após a leitura de cada palavra, as crianças efetuaram sempre uma frase onde esta se inseria, de forma, segundo a mesma autora, “a enriquecer o seu vocabulário, a sua linguagem, a sua expressão oral.” (p. 130)

Quando os alunos vão aprender uma lição, o educador revê a lição anterior, para verificar os conhecimentos adquiridos, não sendo este dia exceção.

Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012

Como referi anteriormente, os alunos do bibe azul iniciaram o dia cantando na roda, dirigindo-se de seguida à casa de banho e à sua sala, onde começaram por realizar fichas de escrita, sendo as mesmas diferentes para cada aluno, devendo-se a cada aluno estar numa lição diferente da Cartilha Maternal.

De seguida, as crianças dirigiram-se ao ginásio para usufruírem da aula de Expressão Motora, à qual as minhas colegas e eu não assistimos devido à ocorrência de aulas surpresa no bibe encarnado B. Nesta aula solicitaram à aluna estagiária que trabalhasse as quantidades até cinco, utilizando o material Cuisenaire, onde a mesma optou por medir certas peças através da peça padrão, a peça branca.

Também concretizou o jogo dos comboios, sendo a aula supervisionada pela Professora Filomena Caldeira e, após a mesma, todas as alunas assistiram à reunião habitual.

Inferências

O material Cuisenaire é um material manipulativo de grande interesse pedagógico, nomeadamente no que concerne à decomposição de números e à compreensão da noção de número, fundamental para a prática do cálculo mental.

Ao medir diversas peças, utilizando as peças brancas, as crianças puderam verificar a que quantidade correspondia cada uma, pois no entender de Damas et al. (2010), “o manuseamento das barras dá, aos alunos, a possibilidade de descobrirem, eles próprios, os números e as suas relações podendo observar, manipular, calcular e compreender.” (p. 65)

Através do jogo dos comboios, a aluna estagiária trabalhou algumas quantidades, permitindo aos alunos verificar que um número pode usufruir diferentes representações. Sendo da mesma opinião os autores anteriormente mencionados, estes afirmam que “a decomposição de números permite que os alunos descubram que o mesmo número poderá ser representado de diversas maneiras”, aplicando “as propriedades comutativa e associativa da adição.” (p. 66)

Esta é uma das formas lúdicas dos alunos apreenderem variados conteúdos e desenvolverem competências, sendo necessária a utilização de outras estratégias dinâmicas no seu dia-a-dia, que possam desenvolver os mesmos.

Segunda-feira, 9 de janeiro de 2012

Efetuada as rotinas habituais da manhã, o bibe azul assistiu à aula de uma aluna estagiária do 3.º ano, referente à Área de Conhecimento do Mundo, tendo como temática as plantas. Nesta aula foram mencionados os tipos de plantas existentes, as suas partes constituintes e funções, como a importância das mesmas. Para finalizar concretizaram a experiência do feijoeiro e realizaram uma ficha de consolidação do tema abordado.

Posteriormente, comeram o lanche da manhã e realizaram um jogo de roda no salão, devido às condições climatéricas, seguindo-se a aula de Expressão Musical, onde efetuaram exercícios de memória, ou seja, o professor produzia sons com clavas e os alunos tinham de repetir.

Após a mesma, a turma jogou ao jogo do dominó. Para tal, a educadora mostrava uma peça grande e as crianças tinham de somar os seus pontos e colocar o dedo no ar. Este jogo foi feito por filas ou as duas ao mesmo tempo, e quem acertasse

escrevia um ponto numa folha, contando os pontos em voz alta para confirmar. Seguiram-se as rotinas comuns.

Inferências

Aproveitar jogos lúdicos e transformá-los em jogos pedagógicos é sem dúvida, uma ótima ideia, pois através do jogar, as crianças também podem aprender e desenvolver diversas competências, tal como aconteceu, com o jogo realizado neste dia.

Para Antunes (citado em Caldeira, 2009b):

o elemento que separa um jogo pedagógico de um outro de carácter apenas lúdico é que os jogos ou brinquedos pedagógicos são desenvolvidos com a intenção explícita de provocar uma aprendizagem significativa, estimular a construção de um novo conhecimento e (...) despertar o desenvolvimento de uma habilidade operatória. (p. 348)

Jogando as crianças estão mais predispostas a aprender e, neste caso, todos os alunos estiveram entusiasmados e bastante empenhados para descobrirem a solução correta e ganharem um ponto. Nesta perspetiva, Moreira e Oliveira (2004) afirmam que “existe um potencial pedagógico no jogo que deve ser integrado nas metodologias utilizadas na Educação matemática, nomeadamente, para fomentar uma postura desafiadora e de empreendimento que se pretende desenvolver face aos problemas matemáticos.” (p. 84)

Quando algumas crianças erraram ao somarem os pontos, não encararam esse erro com frustração ou ficando tristes, o que também é importante para as crianças não ficarem desmotivadas no processo de aprendizagem. Assim, Lopes (citado por Caldeira, 2009b) afirma também que “através do jogo o ritmo natural da criança é mais respeitado e esta encara o erro de forma mais natural e positiva.” (p. 346)

Perante esta situação, é notável a potencialidade do jogo no processo de ensino-aprendizagem, devendo ser utilizado nas várias áreas de conteúdo.

Terça-feira, 10 de janeiro de 2012

Neste dia, as crianças começaram por realizar exercícios de leitura e escrita. Relativamente à leitura, as minhas colegas e eu revemos a 13.^a lição da Cartilha Maternal com algumas crianças.

Após o lanche da manhã e do recreio, os alunos do bibe azul trabalharam com o material Calculadores Multibásicos, realizando o jogo das bases. De seguida, o fotógrafo tirou-lhes diversas fotografias com este material, para recordação do bibe azul.

Terminada a sessão fotográfica, os alunos almoçaram ao som de música clássica e ausentaram-se da sala para o recreio.

Inferências

Cada criança apresenta o seu ritmo de aprendizagem nas diversas áreas de conteúdo, possuindo mais dificuldades numas do que noutras. Contudo, este ritmo tem de ser respeitado.

No que concerne à leitura este facto também é observado, existindo crianças que estão mais avançadas nas lições de Cartilha Maternal do que outras. Segundo Curto et al. (citados por Ruivo, 2009), “cada um tem o seu ritmo, a sua experiência prévia distinta, o seu tipo de motivação” e “as situações que propomos na aula nem supõem e nem exigem que todos os alunos respondam ao mesmo nível.” (p. 135)

Assim, é sempre importante que o educador dê aos seus alunos um reforço positivo, com o intuito de se sentirem motivados no seu processo de aprendizagem.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012

Para iniciarem o dia, as crianças efetuaram exercícios relativamente ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, nomeadamente fichas de escrita. Enquanto isso, a educadora realizou umas minicruzadas com três alunos, escolhendo palavras adequadas para cada um.

Continuando o dia, o bibe azul esteve presente na aula de Expressão Motora, como também no recreio. Para concluir a manhã, os alunos trabalharam com o material Palhinhas.

Enquanto manuseavam o mesmo, a educadora contou uma história, envolvendo diversas situações problemáticas. Assim, trabalharam a meia dezena, o dobro e as operações de adição e subtração, realizando-as no quadro. Seguiram-se as rotinas usuais.

Inferências

Um das rotinas habituais deste alunos é ajudarem a colocar as mesas para o seu almoço, sendo uma tarefa que todos adoram e na qual querem sempre participar pois, como afirmam Hohmann e Weikart (2004), “as crianças pequenas gostam de fazer coisas que vêem os adultos fazer.” (p. 594)

Em cada dia a educadora escolhe quatro alunos diferentes para realizar esta rotina de grupo, que promove o desenvolvimento de certas atitudes. Segundo os mesmos autores, “as rotinas de grupo consistentes encorajam as crianças à participação activa, e dão-lhes um sentimento de controlo e auto-confiança.” (p. 594)

Na concretização desta tarefa, todas as crianças são responsáveis e cuidadosas, tendo em conta que esta rotina diária é um momento de confiança concedido pela educadora aos mesmos, permitindo-lhes, na opinião dos mesmos autores, anteciparem “aquilo que os adultos esperam delas, e como agir de acordo com essas expectativas.” (p. 594)

Estas rotinas de grupo são fundamentais para as crianças se tornarem autónomas, responsáveis e cooperativas, visando proporcionar uma aprendizagem da vida democrática.

Segunda-feira, 16 de janeiro de 2012

Este dia teve início com uma atividade relacionada com o domínio da Matemática, pois trabalharam com o material Calculadores Multibásicos. Através da sua manipulação, efetuaram cálculos de adição e subtração, explorando também a multiplicação por meio da adição.

Terminada a atividade, os alunos concretizaram fichas de escrita e as minhas colegas e eu auxiliámos algumas crianças na 13.^a lição da Cartilha Maternal. Posteriormente, o bibe azul compareceu à aula de Expressão Musical no ginásio, onde o professor contou uma história através de uma música.

Para concluir a manhã, os alunos dirigiram-se à sua sala e a educadora contou a história *Um pesadelo no meu armário*, de Mercer Mayer. No final da mesma, as crianças contaram os seus pesadelos e, depois, almoçaram. Durante este, as minhas colegas e eu arrumámos variados trabalhos das crianças.

Inferências

Um dos momentos interessantes desta manhã, em consequência da história, foi a revelação, por parte dos alunos, dos seus pesadelos e dos seus medos. Muitos deles não se sentiram inibidos de partilharem estes “segredos” com a educadora e os seus colegas, sendo observável uma ótima relação de afetividade.

Segundo Vieira (2000), comparativamente à relação entre o educador e os seus alunos, afirma que “uma das variáveis que parecem contribuir para o sucesso educativo está relacionada com o ambiente afectivo existente na sala de aula.” (p. 40)

Através da revelação destas experiências, os alunos tiveram oportunidade de comunicarem e desenvolverem a sua linguagem, pois, segundo Hohmann e Weikart (2004), “a linguagem desenvolve-se em ambientes onde as crianças tenham experiências de que queiram falar, e onde têm alguém atento a elas, envolvendo-se em diálogo.” (p. 526)

Sabendo que a criança possui um envolvimento ativo no seu processo educativo, é fundamental estes momentos de comunicação entre a turma e o educador, como também proporcionar um ambiente escolar afetivo e de confiança.

Terça-feira, 17 de janeiro de 2012

Após a rotina da manhã, o bibe azul dirigiu-se à sala, onde a educadora efetuou a troca de alguns lugares, como é habitual, sempre que necessário. Seguidamente manipularam o material Tangram e a educadora contou a lenda do mesmo. Explorou as figuras pelas quais é composto, efetuou operações de adição e subtração, como também construções com as várias peças.

Continuamente, realizaram o jogo do cubo. Cada face do mesmo continha uma figura diferente, ou seja, quando saía qualquer figura os alunos realizavam determinada construção com as peças do Tangram, apelando algumas à sua imaginação. Construíram ainda o Tangram em papel, recortando-o com a tesoura.

De seguida, a educadora abordou uma temática da Área de Conhecimento do Mundo, as rochas e os minerais, explorando as rochas vulgares, as rochas semipreciosas e os fósseis, através de exemplares reais. Também observaram imagens referentes à constituição de uma mina, analisando-as e identificando os instrumentos utilizados na mesma. Seguiu-se o almoço e o recreio.

Inferências

Sendo as rochas e os minerais, uma temática que despertava a curiosidade e o interesse das crianças, a educadora decidiu abordá-la pois, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “a sensibilização às ciências parte dos interesses das crianças que o educador alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais.” (p. 82)

Ter em sua posse rochas verdadeiras, de múltiplos tamanhos e feitios, as quais puderam observar, tocar e comparar à vontade, foi uma experiência gratificante para as crianças, sendo notório o seu interesse e entusiasmo ao longo deste momento.

Segundo o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, o educador deve “promover actividades exploratórias de observação e descrição de atributos dos materiais” (anexo n.º 1, capítulo III, ponto 2), dando oportunidade aos seus alunos de adquirirem conhecimentos através do contacto real com esses materiais e de efetuarem a sua exploração livremente.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012

Nesta manhã, o bibe azul principiou o dia a concluir trabalhos de escrita, e alguns alunos dirigiram-se à Cartilha Maternal com a educadora, para aprenderem uma nova lição. Enquanto isto, as minhas colegas e eu colocámos circulares dentro de envelopes, para as crianças entregarem aos pais. Terminada a tarefa, auxiliámos algumas crianças na produção de um ditado de letras (a, e, i, o, u, v, f, j, t, d, b, p, l).

Seguidamente, os alunos caminharam até ao ginásio, para tomarem proveito da aula de Expressão Motora. Quando finalizada, dirigiram-se à sua sala onde realizaram a picotagem do Tangram circular e executaram a construção do cavalo, colando-o de seguida. Depois os alunos do bibe azul almoçaram e foram brincar para o recreio.

Inferências

No dia-a-dia das crianças que frequentam a Educação Pré-Escolar, não podem ser esquecidas as atividades referentes ao domínio da Expressão Plástica, que para além de proporcionarem prazer às crianças, também promovem o seu desenvolvimento.

Utilizando o material apropriado (pico e “almofada”), as crianças começaram por utilizar a técnica de picotar. Segundo Lima (2001), “é importante deixar que a criança exercite bastante os movimentos primitivos do recorte, onde a criança picota toda a borda do papel”, sendo esta “a primeira etapa do recorte” (p. 130), antecipadamente à utilização da tesoura, desenvolvendo a motricidade fina.

A maioria destas crianças, com cinco anos de idade, já efetua a picotagem com facilidade, obtendo um resultado positivo, pois já realizam esta técnica desde idades inferiores, aperfeiçoando-a até à data.

Para Seefeldt (citada por Hohmann e Weikart, 2004), os educadores necessitam “alimentar, ao longo dos dias, meses e anos, as competências artísticas e de representação que se encontram em emergência”, proporcionando-lhes “oportunidades diárias e constantes para explorarem e experimentarem, sem pressas, os materiais.” (p. 507)

A colagem também foi efetuada, que no entender de Lima (2001), “desenvolve as coordenações dos movimentos estreitos, desenvolve atividade com uso de instrumento. É uma habilidade (...) e deve ser aprendida como as demais.” (p. 133)

Ao colarem, as crianças não sentem grandes dificuldades, mas algumas ainda não são muito cuidadosas, rigorosas, e acabam por colocar cola a mais e sujarem o seu trabalho.

Segunda-feira, 23 de janeiro de 2012

Para iniciar a semana, a educadora concretizou com os alunos um ditado de letras até à letra J, seguindo-se a hora do lanche e do recreio. Após este, a turma do bibe azul foi encaminhada até à sua sala, pois tiveram aula de Expressão Musical.

Seguidamente, a educadora optou pelo material Geoplano para trabalhar com as crianças. A educadora solicitou que construíssem diversas figuras geométricas, com determinadas características, e alguns alunos exemplificaram no projetor. Arrumado o material, seguiram-se os mesmos hábitos.

Inferências

O Geoplano é um recurso educativo que as crianças desta turma adoram manipular e explorar, realidade constatada através do silêncio presenciado na sala de aula e da concentração e entusiasmo observados por parte dos alunos.

Este material é constituído por um tabuleiro (neste caso transparente), que possui pregos, e por elásticos de diferentes cores, utilizados consoante o interesse pedagógico que o educador pretende proporcionar. Segundo Damas et al. (2010), o Geoplano é constituído “por tabuleiros e pregos (...) com uma determinada disposição, de modo a que se possam prender elásticos, de cores variadas, o que torna o material não só mais aliciante como também proporciona uma maior objectividade na exploração dos conteúdos programáticos.” (p. 87)

Neste momento, a educadora focalizou a aprendizagem dos seus alunos na construção de figuras geométricas, que só são interiorizadas e compreendidas através da exploração das mesmas. Seguindo a mesma linha de pensamento, Clements (citado por Moreira e Oliveira, 2003) afirma que “para as crianças compreenderem completamente as formas geométricas precisam de ter oportunidade de as explorar.” (p. 44)

Para além das competências que as crianças podem adquirir ao explorarem este material, também desenvolvem diversas capacidades/habilidades, como por exemplo, a coordenação psicomotora.

Terça-feira, 24 de janeiro de 2012

Neste dia, os alunos começaram por se organizar em diversos grupos. Após a sala estar organizada, a educadora esteve a trabalhar algumas lições da Cartilha Maternal, em grupos de três alunos, enquanto as minhas colegas e eu estivemos divididas pelos grupos da sala, auxiliando os alunos na formação de palavras com letras móveis.

Depois do intervalo da manhã, o bibe azul manipulou o material Cuisenaire, trabalhando os conteúdos de maior, menor e igual, como também jogou ao jogo dos comboios, com a finalidade de trabalhar o sentido do número para a quantidade cinco. Sendo assim, a educadora desenhou uma flor no quadro com o algarismo cinco no meio da mesma, e alguns alunos escreveram nas pétalas as diferentes opções para obter a quantidade cinco.

Concluindo a manhã, a educadora escolheu ao acaso três peças do Cuisenaire para realizar uma atividade. Esta consistia na construção de um caminho, no qual um aluno tinha os olhos vendados e outro indicava a direção pretendida, correspondendo o número de passos às peças do Cuisenaire. De seguida, as crianças almoçaram e brincaram no recreio.

Inferências

Tendo a criança um papel ativo nas suas aprendizagens, é fundamental que as mesmas sejam concretizadas de uma forma lúdica, aspeto relevante para a educadora, quando propôs a construção de um caminho, utilizando uma criança para percorrer o mesmo, sobre indicações de um colega.

Através deste “jogo” as crianças puderam consolidar os seus conhecimentos, como também a educadora pôde verificar os mesmos, pois, como mencionam Baroody e Wilkins (citados por Moreira e Oliveira, 2004), “os jogos são uma forma particular de brincar que ajudam a desenvolver o raciocínio e os conceitos matemáticos”, servindo também “como recurso valioso de diagnóstico.” (p. 87)

Na concretização do itinerário, Aranão (1996) refere que a criança “utilizará de sua percepção para traçar caminhos (...) ou simplesmente verbalizar (...) percursos.” (p. 50)

Com isto, ambas as crianças trabalharam a noção espacial, tanto a que verbalizava a direção da peça como a que tinha de efetuar o percurso, sendo da mesma opinião Moreira e Oliveira (citadas por Caldeira, 2009a), que referem que “quando a criança realiza tarefas (encontrar caminhos), está a treinar a sua capacidade de visualização espacial.” (p. 173)

Perante esta manhã, é observável que o Cuisenaire é um material que promove a aquisição de vários conhecimentos e competências de uma forma lúdica, sendo essencial a sua manipulação pelas crianças.

Sexta-feira, 27 de janeiro de 2012

Na manhã deste dia, estive encarregue das atividades a concretizar com os alunos, sendo as mesmas supervisionadas pela Professora Teresa Botelho. Iniciei o dia por trabalhar com os alunos a multiplicação através de situações problemáticas,

utilizando material não estruturado (borboletas e girassóis), conjuntamente com o material 3.º Dom de Froebel.

Questionei os alunos acerca do material e, depois, para a concretização das situações problemáticas, as crianças construíram o poço e o banco. O material foi manipulado aos pares, manuseando uma vez as crianças do lado esquerdo e depois as crianças do lado direito, e assim sucessivamente. Ao longo da atividade abordei o par/ímpar, o dobro e a meia dezena, e alguns alunos escreveram o algoritmo da adição e da multiplicação no quadro.

Depois abordei um conteúdo da Área de Conhecimento do Mundo, o girassol, onde expus uma planta para relembrar as partes constituintes das mesmas, demonstrando também girassóis reais e evidenciando algumas das suas características.

Para finalizar, contei a história *O girassol brincalhão*, através de um livro construído por mim. Após a mesma, as crianças retiraram debaixo das suas mesas um flanelógrafo e um saquinho que continha letras móveis e uma palavra, tendo como objetivo a escrita e leitura da mesma. Realizou-se a reunião habitual.

Inferências

A Educação Pré-Escolar destina-se a crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos, sendo da sua responsabilidade proporcionar às crianças experiências de aprendizagens estimulantes e que contribuam para o seu desenvolvimento.

Este desenvolvimento dos alunos deve ser progressivo, bem como as várias atividades devem aumentar o seu grau de dificuldade, proporcionando novos conhecimentos e competências aos alunos, como é evidenciado na concretização dos algoritmos acima referidos, que são realizados somente neste bibe.

Nessa linha, as OCEPE (1997) afirmam que “a progressão (...) das situações de aprendizagem supõe que todas” as “crianças tenham ocasião de progredir (...), de forma a que não fiquem três anos a realizar actividades com um mesmo nível de dificuldade e exigência.” (p. 87)

No entanto, é importante salientar que, apesar dos objetivos a atingir, é necessário respeitar os ritmos das crianças, tendo em consideração o seu percurso individual.

Segunda-feira, 30 de janeiro de 2012

Como todos os dias, após a sua rotina matinal, os alunos do bibe azul dirigiram-se à sua sala. Estes começaram por concretizar fichas de escrita e nós, alunas estagiárias, auxiliámos os alunos que requeriam ajuda. De seguida, ouvimos a educadora a trabalhar a Cartilha Maternal com três alunos e, posteriormente, as minhas colegas e eu revemos a 15.^a lição, também com um grupo de três crianças.

Depois do descanso da manhã, os alunos assistiram à aula de Expressão Musical, à qual assistimos e elaborámos um trabalho para concluir com os alunos. Seguidamente, as crianças almoçaram e dirigiram-se ao recreio, enquanto as minhas colegas e eu terminámos o trabalho.

Inferências

A escrita é uma constante nos dias destas crianças, não sendo este uma exceção, possuindo cada uma delas, uma grafia diferente, nomeadamente o seu tamanho, existindo letras de grandes e pequenas dimensões, sendo a maioria de dimensão maior.

No que concerne à grafia destas crianças, Queiroz (1999) revela que “na infância, ao tentarmos escrever as primeiras letras, temos tendência a imprimir-lhes uma maior dimensão, o que é simplesmente consequência de as não conseguirmos desenhar convenientemente.” (p. 117)

Esta disparidade relativa ao tamanho das letras deve-se ao controlo motor que cada criança possui, ao mover o lápis de carvão para escrever pois, segundo o mesmo autor, “o aumento de tamanho permite um maior controlo do gesto.” (p. 117)

Contudo, a dimensão da escrita também pode estar relacionada com outros aspetos, tais como a personalidade, nomeadamente, como refere o mesmo autor, com a “autoestima” e a “consciência de nós próprios.” (p. 117)

Para além do tamanho das letras, algumas crianças escrevem de uma forma mais perceptível do que outras, existindo também algumas que não redigem todas as letras em cima da linha.

Terça-feira, 31 de janeiro de 2012

Neste dia, os alunos do bibe azul presenciaram uma aula de dois alunos estagiários, do 2.º ano da Licenciatura em Educação Básica, abordando a temática Sistema Solar.

Através de uma maquete de esferovite, de grandes dimensões, os alunos estagiários abordaram os diferentes planetas e as suas características, como também as suas órbitas. Para as crianças compreenderem melhor este conteúdo, as mesmas iam colocando cada planeta na sua órbita.

Para finalizar, explicaram os conceitos de movimento de rotação e de translação dos planetas. Os alunos dirigiram-se ao recreio e, quando retornaram à sua sala, treinaram uma música com instrumentos musicais.

Inferências

Este foi o segundo dia, ao longo deste estágio, que observei as crianças a manusearem instrumentos musicais, tendo como objetivo treinar uma música para uma manhã destinada aos pais na escola.

Vivendo num mundo essencialmente rítmico, penso que os educadores deviam proporcionar, com uma maior regularidade, este contacto, deixando-os explorar os mesmos livremente. No Decreto-Lei n.º 241-2001, de 30 de agosto, é referenciado que o educador deve desenvolver “actividades que permitam à criança produzir sons e ritmos com o corpo, a voz e instrumentos musicais.” (anexo n.º 1, capítulo III, ponto 2)

Para as crianças é um prazer enorme terem a oportunidade de tocarem instrumentos musicais, sozinhas ou em grupos, como é o caso, pois para além de fazerem barulho, no entender de Hohmann e Weikart (2004), “também estão a começar a organizar os sons que fazem em compassos ritmados, ritmos particulares, e frases musicais simples.” (pp. 673-674)

A prática desta ação, para além de auxiliar as crianças na aquisição de competências relacionadas com a música, também proporciona o gosto pelos referidos instrumentos, numa perspetiva de se interessarem pela aprendizagem de algum.

Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2012

Nesta manhã, a educadora da turma elegeu o material Blocos Lógicos para os seus alunos começarem as atividades. Através deste material, os alunos trabalharam os conjuntos e as sequências (de cores e tamanhos).

Mediante o material, lembraram os atributos do mesmo como também, através de variados exercícios, trabalharam o conceito de dobro e metade, de maior e menor e de dezena. De seguida, realizaram um jogo onde o aluno tinha os lhos vendados, tendo o mesmo de adivinhar que peça continha na sua mão.

Como todas as sextas-feiras, os alunos do bibe azul estiveram presentes na aula de Expressão Motora e, regressados da mesma, ensaiaram a música com os instrumentos musicais para demonstrarem no dia dos pais. Realizaram-se as rotinas habituais.

Inferências

Manipulando o material Blocos Lógicos, as crianças interiorizam as figuras geométricas, através das faces das diversas peças, nomeadamente os seus nomes e as características que as distinguem. Em consonância, Moreira e Oliveira (2004) afirmam que os Blocos Lógicos podem “ajudar os alunos a classificar formas o que (...) implica conhecer as figuras geométricas e suas propriedades.” (p. 99)

No fim desta aula, referente ao domínio da Matemática, algumas crianças participaram no jogo acima referido, explorando de uma forma divertida e entusiasmante a peça que possuíam na sua mão.

Usufruindo de uma opinião análoga, os mesmos autores, referem que “tem vindo a ganhar força a proposta de que a matemática tem de ser compreendida de um modo activo” e que “as tarefas de exploração constituem um ambiente apropriado para o desenvolvimento de diversos processos matemáticos podendo gerar aprendizagens integradas.” (p. 31)

Através deste jogo, a educadora e as próprias crianças puderam constatar se já distinguíam, mesmo através do tato, os variados atributos/propriedades das diferentes peças. Segundo os mesmos autores, “com este jogo as crianças vão-se apercebendo das características de cada uma das peças, isto é, vão-se consolidando as ideias subjacentes aos diferentes atributos: cor, forma, tamanho e espessura” (p. 100), facto observado neste momento lúdico.

Segunda-feira, 6 de fevereiro de 2012

Este foi um dia diferente tanto para os alunos do bibe azul como para os restantes alunos da Educação Pré-Escolar, pois assistiram, no ginásio, ao concerto da banda Os Corvos. Anteriormente, o bibe azul A e B estiveram presentes na aula de Expressão Musical.

Após o concerto, a educadora abordou um conteúdo referente à Área de Conhecimento do Mundo, a reciclagem. Neste momento foram referenciados os vários materiais possíveis de reciclar, bem como a importância deste gesto para o planeta.

De seguida, os alunos realizaram uma atividade que consistia em produzir pasta de papel. Assim, cada um rasgou papel de jornal em pedaços pequenos e colocaram num alguidar com água quente para amolecer. Depois, a educadora triturou os mesmos com a varinha mágica e, com a cooperação de vários alunos, colocou o papel triturado num escurador próprio, para secar e formar a pasta de papel. Realizaram-se os hábitos correntes.

Inferências

A maioria das crianças gosta de cantar, movimentar-se ao ritmo da melodia e ouvir diferentes músicas, por isso, proporcionar-lhes este momento de música ao vivo foi maravilhoso, constituindo um momento de prazer e descontração.

Ao longo da atuação da banda, algumas crianças cantaram, outras movimentaram-se e bateram palmas ao ritmo da melodia. Para Hohmann e Weikart (2004), “levar crianças de idade pré-escolar a ouvir uma variedade grande de músicas (...) ao vivo, dá-lhes oportunidades para ouvirem e se moverem ao som de melodias de estilos diferentes.” (p. 660)

Para além da música em si, as crianças gostam de observar os músicos a tocarem os instrumentos musicais, possuindo muitas delas, curiosidade na sua experimentação. Os mesmos autores referem que elas “apreciam ouvir, observar e mover-se ao som de música ao vivo” (p. 660), proveniente de diferentes instrumentos musicais.

A música é uma forma de arte que está inserida no dia-a-dia do ser humano, nomeadamente das crianças, sendo favorável para as mesmas o contacto com diferentes estilos musicais, como por exemplo de outras culturas, como também experienciarem as mesmas ao vivo.

Esta também é uma forma de expressão, sendo fundamental para a desinibição das crianças mais introvertidas, bem como para o seu desenvolvimento pessoal e social, facto observado neste momento por parte das crianças mais tímidas.

Terça-feira, 7 de fevereiro de 2012

Esta manhã teve início com uma aula alusiva ao domínio da Matemática, através do material Calculadores Multibásicos. Manuseando este material, a educadora trabalhou com as crianças o conceito de adição, jogando na base dez.

Após o descanso matinal, a educadora e as crianças proferiram uma lengalenga, através de um livro gigante, denominada de *A chave de Roma*, prosseguindo o almoço e o recreio.

Inferências

Apesar destas crianças possuírem somente cinco anos, a leitura e a escrita são uma prática corrente no seu percurso escolar, através das lições de Cartilha Maternal e dos exercícios de escrita.

Na opinião de Teale e Yokota (citados por Mata, 2006), no que diz respeito a este ensino, consideram que “o currículo do jardim-de-infância” deve “contemplar a aprendizagem da linguagem escrita, (...) com a leitura e a escrita integradas nas actividades e brincadeiras da sala.” (p. 47)

Após pronunciarem a lengalenga, a educadora questionou as crianças apelando à Cartilha Maternal, como também sobre o significado de algumas palavras. Neste contexto, a mesma autora refere que “uma instrução efectiva deve contemplar estratégias diversificadas assentes quer em abordagens mais direccionadas para a compreensão, quer para o ensino das letras e palavras” (p. 49), utilizando estratégias dinâmicas e diferenciadas.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012

Para principiar o dia, os alunos do bibe azul manipularam o material Geoplano, através do qual exploraram diversas figuras geométricas para a concretização de uma construção. Também realizaram situações problemáticas ao longo da construção,

referiram os numerais ordinais, como também inventaram a construção de um carro e de um avião.

Posteriormente, os alunos dirigiram-se para o ginásio para usufruírem da aula de Expressão Motora, seguindo-se o recreio e as rotinas diárias.

Inferências

A utilização de materiais manipulativos é frequente no contexto escolar destas crianças, sendo o Geoplano um dos seus materiais favoritos, proporcionando diversas aprendizagens matemáticas, como acima mencionadas.

No entender de Serrazina (citada por Caldeira, 2009a), é benéfico a utilização de materiais concretos, pois esta defende “a utilização dos materiais, para que os indivíduos, através de modelos concretos, consigam compreender conceitos matemáticos.” (p. 37)

Através deste material, as crianças mantiveram uma participação ativa no seu desenvolvimento, sendo sempre motivadas pela educadora na construção das suas aprendizagens. Neste contexto, Reis (citado por Caldeira, 2009a) argumenta que “a aprendizagem é um processo de crescimento (...) que requer participação, envolvimento e experiências por parte do aluno que com motivação vai desenvolvendo (...) a formação de conceitos concretos e mais tarde abstractos.” (p. 23)

A invenção de construções pelos alunos deve ser sempre um ponto a considerar, pois para além de uma aprendizagem orientada pelo educador, as crianças também devem explorar os materiais à sua vontade, desenvolvendo, por exemplo, a sua imaginação.

Segunda-feira, 5 de março de 2012

Como todos os dias, depois do momento de roda, os alunos do bibe azul B foram encaminhados até à sua sala. Nesta a educadora iniciou por escrever uma frase no quadro, com o intuito de os alunos a copiarem, utilizando as letras móveis. Também concretizaram um ditado de palavras.

Depois da atividade de escrita, a minha colega Ana e eu desenhámos no quadro dois grafismos que os alunos copiaram, auxiliando, de seguida, na leitura da Cartilha Maternal.

De regresso à sala, após o recreio, a educadora distribuiu palhinhas pelos alunos, explorando os conjuntos com os mesmos e abordando a dezena, a meia dezena, a dúzia, a meia dúzia e o dobro.

Inferências

Como alunos do bibe azul, ao longo dos seus dias, estes realizam exercícios de escrita, nomeadamente ditados de letras ou palavras proferidos pela educadora. Neste dia, como o ditado foi para a turma em geral, a educadora teve em conta o ritmo de cada criança, relativamente à Cartilha Maternal.

Através do ditado, a mesma perceciona as dificuldades dos seus alunos, como também se surpreende com os mesmos, verificando que alguns superaram as dificuldades manifestadas.

Neste sentido, Jean (2000), menciona que “o ditado continua a ser um exercício útil de verificação, desde que ele se desritualize, se desdramatize” (p. 109), verificando-se o mesmo nesta aula, que o efetua sem medos, sem pressões, mas sim com motivação.

Sendo a escrita um modo de expressão utilizado por estes alunos, é relevante o treino da grafia, melhorando assim a sua coordenação enquanto escrevem. Para tal, a prática do grafismo é preponderante e, no entender de Carvalho (2011), permite à criança “melhorar a firmeza dos seus gestos, melhorar a coordenação óculo-motora, trabalhar a mecânica de uma forma geral”, como também “gerir o espaço de uma folha, educar o olhar...” (p. 29)

Para as crianças, a leitura é mais fácil do que a escrita, sendo o seu treino fundamental para uma aquisição progressiva.

Terça-feira, 6 de março de 2012

A manhã deste dia foi especial para as crianças do bibe azul, pois os pais de alguns alunos estiveram presentes na sua sala, a participarem nas diversas atividades conjuntamente com os seus filhos. Como não era possível a presença de todos os pais neste dia, devido à falta de espaço, os outros pais estiveram presentes no dia seguinte.

Neste dia a educadora preparou diversas atividades, iniciando pelos pais a pronunciarem a lengalenga *Glim-Glim*. De seguida, cada criança tinha um livro onde tinham de picotar a letra g e colá-la, fazer um desenho relativo à lengalenga e copiar uma frase. Enquanto isto, algumas crianças realizavam umas minicruzadas com a educadora.

Continuando, a educadora efetuou uma atividade de domínio da Matemática, utilizando o material Tangram, seguindo-se a exploração de uma temática relativa à Área de Conhecimento do Mundo, os peixes e as suas características. Nesta atividade, a educadora possuía a imagem exterior e interior de um peixe.

Para finalizar a manhã, foram distribuídas, por cada aluno, a sua tela enfeitada com a técnica do guardanapo. As crianças que não estavam acompanhadas pelos seus pais confeccionaram uma carteira em *musgami*. Foram efetuadas as rotinas habituais.

Inferências

Para este dia, a educadora optou pelo material Tangram, por ser um material que nem todos os pais conhecem e os seus alunos gostam muito de o manipular.

Este material é constituído por diversas figuras geométricas, que todas juntas formam um quadrado. Segundo Damas et al. (2010), este material é “constituído por sete peças (figuras geométricas): um quadrado, um paralelogramo, dois triângulos pequenos geometricamente iguais, um triângulo médio e dois triângulos grandes geometricamente iguais.” (p. 137)

Por meio destas peças, as crianças construíram diversas “construções”, mostrando-se empenhadas e satisfeitas. Neste contexto, Caldeira (2009a) evidencia que com este material “pode-se obter uma variedade de formas: figuras geométricas, animais, objectos e figuras abstractas.” (p. 398)

Na opinião de Damas et al., “a composição e a decomposição de figuras (...) são conceitos geométricos que poderão ser trabalhados com a manipulação das peças.” (p. 137)

O Tangram permite às crianças concretizarem variadas explorações, como também lhes permite desenvolver determinadas capacidades e competências. No entender de Caldeira (2009a), este “ajuda a desenvolver as inteligências lógico-

matemática, espacial e intrapessoal.” Também estimula a “concentração”, a “investigação” e a “criação.” (p. 398)

Para muitos educadores, este material é considerado um jogo, mas de grande valor educativo, proporcionando às crianças prazer na sua manipulação.

Sexta-feira, 9 de março de 2012

Neste último dia da semana, as crianças do bibe azul começaram por abordar conteúdos relativos ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Estes realizaram fichas de escrita, enquanto as minhas colegas e eu nos dirigíamos a uma criança de cada vez, com o intuito de, através de cartões escritos com sílabas, as mesmas formarem a palavra correta.

Posteriormente, os alunos dirigiram-se ao ginásio para terem proveito da aula de Expressão Motora e, no final da mesma, brincaram no recreio.

Retornados à sala de aula, as minhas colegas e eu lemos para as crianças a história *Que dia tão bonito!*, de Ana Beatriz Afonso. Após a leitura, os alunos almoçaram e foram conduzidos até ao recreio.

Inferências

Não só neste dia, mas como nos demais, as crianças realizaram fichas de escrita de acordo com o seu ritmo na Cartilha Maternal. As crianças concretizam estas fichas para consolidarem as letras que já aprenderam, como também para treinarem a escrita.

Para além desta função, estas fichas também são um meio para o professor avaliar os conhecimentos dos seus alunos, pois segundo Ponte e Serrazina (2000), é “um material de ensino muito usado pelos professores e servem igualmente como instrumento de avaliação”, e que é “usado predominantemente em trabalho individual” (p. 232), como ocorre nesta turma.

Contudo, através destas fichas de trabalho, o professor obtém informação acerca dos conhecimentos e capacidades dos seus alunos, mas não relativamente às suas atitudes e valores, adquirindo esta perceção no seu dia-a-dia.

Segunda-feira, 12 de março de 2012

Após o acolhimento, a aluna estagiária Ana efetuou diversas atividades com os alunos, sob a supervisão da Professora Teresa Botelho. A minha colega começou por abordar o conceito de divisão, utilizando o material Calculadores Multibásicos com os alunos. Assim, formulou situações problemáticas, usufruindo de imagens de ursos.

A seguir realizou a leitura da história *Óscar, o pequeno urso polar*, transmitindo o filme da mesma enquanto a contava. No fim desta, distribuiu por cada criança uma cartolina com minicruzadas e letras móveis para a elaboração das mesmas.

Para concluir a aula, a Ana abordou uma temática da Área de Conhecimento do Mundo, o urso polar, explorando assim as suas características, o seu habitat e a sua alimentação, através de um *power point*. De seguida, concretizou-se a reunião habitual.

Inferências

No que diz respeito às atividades programadas pela minha colega, penso que no geral foram bem-sucedidas, tendo a constante atenção e participação das crianças ao longo das mesmas.

Relativamente à concretização de divisões por meio dos Calculadores Multibásicos, as crianças já o tinham realizado, não sendo uma das operações mais abordadas com este material.

Habitualmente, quando se manuseia este material, existem regras, nomeadamente a correspondência entre o furo e a sua cor. Neste caso, esta norma nunca se aplica pois, segundo Caldeira (2009a), “as crianças podem utilizar as cores que quiserem.” (p. 224)

Por serem crianças pequenas, só utilizaram uma placa, colocando, de início, as peças no primeiro furo da esquerda. No entanto, para concretizarem a divisão, distribuíram, igualmente, as peças pelos outros furos da mesma placa. (Caldeira, 2009a)

Na aula da Ana as peças não caíram, mas num dos exercícios, uma torre tomou dimensões que poderia ter propiciado a tal. Assim, ao escolhermos os exercícios a realizar, temos de ter em conta a proporção que as torres podem tomar, existindo a possibilidade de as mesmas caírem, causando instabilidade na sala de aula.

Terça-feira, 13 de março de 2012

Para esta manhã organizei diversas atividades, diferenciando áreas de conteúdo e iniciando pelo domínio da Matemática. Assim, os alunos começaram por manipular o material Blocos Lógicos, tendo como objetivo a realização de sequências.

Para a concretização das mesmas, os alunos trabalharam a pares. Eu verbalizava os atributos das peças que pretendia que eles fossem buscar, e de seguida completavam a sequência. Demonstrei as sequências no quadro com peças de dimensões maiores.

Após arrumarem as caixas do material matemático, contei a história *A que sabe a lua?*, de Michael Grejniec, colando no quadro, ao longo da mesma, a lua e os respetivos animais da história. Os alunos também participaram na mesma, pois questionava-os relativamente ao animal que iria aparecer, e se o mesmo iria tocar na lua.

Concluída a história, interroguei os alunos acerca da sua opinião relativamente ao sabor da lua, e distribui uma ficha de trabalho que continha uma lua ou uma tartaruga, e as crianças tinham de ordenar e colar a palavra correspondente através de letras móveis. Ao terminarem a atividade, dirigiram-se ao recreio.

Quando os alunos chegaram à sala, sentaram-se no chão em forma de U, e abordei o tema dos animais, distribuindo pela sala diversas imagens dos mesmos. Ao longo da aula, solicitei a vários alunos para irem buscar um animal a seu gosto, conversando sobre as características dos mesmos. Também colocaram os animais num quadro, que se encontrava dividido pela classe dos mamíferos, dos peixes, das aves e dos répteis.

Por último, realizaram o jogo *Quem é quem?*, tendo como finalidade uma criança dar pistas sobre a imagem de um animal que tinha em sua posse, para os seus colegas adivinharem o mesmo.

Inferências

No que diz respeito à aula referente ao domínio da Matemática, esta não correu como planeada pois, por vezes, devido às caixas de Blocos Lógicos não estarem todas completas, faltaram peças para completarem a sequência, não podendo ser esta uma desculpa, porque o educador tem de planear o material necessário para todas as crianças, no âmbito dos seus objetivos.

Contudo, este momento fomentou o trabalho e a relação entre pares, bem como a cooperação entre as crianças, fundamental para o desenvolvimento social das mesmas. Segundo Almeida (2000), “as interacções com outros companheiros (...) são contextos que permitem à criança experiências sociais que dão origem à troca de ideias, de perspectivas, (...) e à partilha de actividades.” (p. 18)

Quando os alunos trabalham a pares, neste caso, ou em grupos, estão a desenvolver uma aprendizagem cooperativa, que visa a aquisição de novas aprendizagens, através da interajuda, da troca de conhecimentos. No entender de Freitas e Freitas (2003a), a interação entre os alunos deverá “fornecer uma aprendizagem mais rica através do diálogo, que (...) estimulará o aparecimento de níveis de pensamento elevados”, como também levará os alunos, segundo Slavin, citado pelos mesmos autores, “a ajudar os seus colegas para se ajudarem a si próprios.” (pp. 14-15)

As restantes atividades correram como planeadas, promovendo suspense ao longo da história, como também sendo muito divertido o último jogo acima referido.

Sexta-feira, 16 de março de 2012

Este dia teve início com uma aula dada por mim, na qual utilizei o material Geoplano para trabalhar com as crianças. Relativamente ao interesse pedagógico da atividade, as crianças realizaram um itinerário, no qual a coelha Carlota tinha de encontrar o coelho Benjamim para partilharem o ovo da Páscoa.

Sendo assim, as crianças construíram o itinerário através das minhas indicações, trabalhando noções espaciais e os conceitos de dois pares, meia dezena e meia dúzia.

Depois, a pedido de um aluno, a educadora contou a história *O livro inclinado*, de Peter Newell, questionando depois os alunos sobre o mesmo. Após o momento de leitura, os alunos praticaram exercício físico na aula de Expressão Motora.

Concluindo a manhã, as crianças criaram, em massa de moldar, a figura humana ou um carro, com o auxílio de moldes. Este trabalho iria ser incluído na prenda a oferecer no Dia do Pai. Concretizaram-se as rotinas comuns.

Inferências

A minha aula acima mencionada correu muito bem, estando todas as crianças atentas e participativas, pois ao longo da mesma estimulei a curiosidade das mesmas. Ao longo desta atividade, para a concretização do itinerário, as crianças trabalharam diferentes noções espaciais, tais como: cima, baixo, esquerda e direita.

Algumas crianças manifestaram algumas dificuldades nestas noções, principalmente na distinção entre a esquerda e a direita, sendo da mesma opinião Moreira e Oliveira (2003), mencionando que a criança “nas atividades diárias aprende muitos termos que traduzem a ideia de movimento (...) ou de posição”, e que “a orientação em cima/em baixo é a mais fácil de identificar, mas já a orientação de acordo com os eixos horizontais esquerda/direita (...) pode originar confusões.” (p. 78)

Neste dia, os alunos também se empenharam na concretização da prenda do Dia do Pai, pois este é um dia comemorado nacionalmente, dedicado a todos os pais. Segundo Cordeiro (2008), “o Homem (...) tem de partilhar vivências, tradições e lendas com os restantes membros da comunidade” (p. 431), pois este é um ser sociável, que deve partilhar aspetos festivos e positivos com essa mesma comunidade.

Segunda-feira, 19 de março de 2012

Esta manhã, a minha colega Sara proporcionou duas atividades às crianças do bibe azul, sendo a primeira relativa ao domínio da Matemática, e a segunda referente ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Primeiramente, as crianças manusearam o material Blocos Lógicos, utilizando assim uma tabela de dupla entrada para explorar os diversos atributos das variadas peças. De seguida, leu a história *Meninos de todas as cores*, de Luísa Ducla Soares, e as crianças realizaram uma sopa de letras.

Após o recreio e o lanche da manhã, os alunos pintaram com canetas de feltro o seu carro ou a sua figura humana, e a educadora escreveu nos mesmos uma frase, verbalizada pelas crianças, destinada ao pai. Ao longo deste momento, as minhas colegas e eu colocámos dentro de caixas de cartolina, um postal e uma caixa de dominó pintados pelas crianças, destinadas aos seus pais.

Para terminar, os alunos almoçaram e ausentaram-se até ao recreio, enquanto as minhas colegas e eu colámos nas caixas um harmónio circular, que teve a função de laço, e a figura humana ou o carro.

Inferências

A história selecionada pela minha colega remete não só para o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, bem como para Área de Formação Pessoal e Social, pois a mesma aborda crianças de diversas culturas.

Como é do saber de todos os educadores, as diversas áreas de conteúdos devem estar correlacionadas, ou seja, na transmissão de conhecimentos deve ocorrer interdisciplinaridade, não dirigindo uma atividade somente para um domínio ou área.

Neste sentido, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar referem que o educador deve promover “a construção articulada do saber – o que implica que as diferentes áreas a contemplar não deverão ser vistas como compartimentos estanques, mas abordadas de uma forma globalizante e integrada.” (p. 14)

Após a leitura da história, a minha colega conversou com os alunos sobre a mesma, abordando as diferenças entre os seres humanos e as suas culturas, como incitando os mesmos a compreenderem a importância do respeito pelos outros, sendo para Cardona (2010), uma abordagem fundamental na Educação Pré-Escolar, pois:

o pluralismo cultural e a prática da interculturalidade é algo que urge assumir por todas as pessoas com responsabilidades educativas e formativas (...), já que a inevitabilidade de vivência com a diversidade é clara. É necessário promover a interculturalidade, valorizar a diferença e aceitar a igualdade. (p.41)

No âmbito do Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, o educador deve promover “o desenvolvimento pessoal, social e cívico numa perspectiva de educação para a cidadania” (anexo n.º 1, capítulo II, ponto 4), proporcionando a interiorização de determinados valores, nomeadamente morais e cívicos.

Terça-feira, 20 de março de 2012

As atividades desta manhã estiveram sob a responsabilidade da minha colega Ana, iniciando por explorar conteúdos do domínio da Matemática, do domínio da

Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e, por fim, da Área de Conhecimento do Mundo.

Deste modo, a Ana trabalhou com as crianças a divisão e a multiplicação, através do material 3.º e 4.º Dons de Froebel (construção da camioneta e da ponte alta), expondo variadas situações problemáticas. Continuando o seu trabalho, contou às crianças a lenda *Lagoa das sete cidades* e, de seguida, cada criança elaborou um pequeno livro, com o auxílio da minha colega, colando por ordem palavras, com o intuito de construírem frases alusivas à lenda.

Terminado o descanso da manhã, a minha colega prosseguiu com uma aula onde explorou o tema Os Açores. Nesta foi evidenciado a diferença entre ilha e arquipélago, como as diferentes características encontradas neste arquipélago. Sendo o queijo da ilha e o ananás características do mesmo, a Ana deu a experimentar às crianças que assim o desejaram. Sucederam-se os habituais costumes e iniciámos a confeção de um coelho, em cartolina, para decorar a porta da sala do bibe azul.

Inferências

Ao longo deste Estágio Profissional, todas as alunas estagiárias têm a oportunidade de planificar uma manhã de aulas, para as crianças da turma em que se encontram, sendo esta uma dessas manhãs.

A minha colega planificou atividades destinadas a diversas áreas de conteúdo, de acordo com a faixa etária das crianças, proporcionando conhecimentos e estratégias que achou serem pertinentes e dinâmicas, visando a participação e entusiasmo dos alunos.

Estas aulas são muito importantes para os alunos estagiários, pois através da prática aprendemos o que melhorar, o que fazemos corretamente, como também nos proporciona confiança e atitude para a nossa vida profissional, sendo essencial o auxílio das educadoras.

Neste sentido, e na opinião de Alegria et al. (2001), “o ano de formação prática reveste-se, assim, de importância fundamental, por proporcionar aos estagiários condições para exercer numa Escola, em contexto real, as funções” de educador, “as quais são acompanhadas de perto pelos orientadores locais” (p. 3), nomeadamente as educadoras de cada turma.

Sexta-feira, 23 de março de 2012

Este foi o último dia na sala do bibe azul, e a minha colega Sara preparou diversas atividades para realizar com as crianças, sendo as mesmas supervisionadas pela Professora Cristina Viana. Sendo assim, a minha colega trabalhou com as crianças a adição e a subtração, através do material 3.º e 4.º Dons de Froebel.

De seguida, contou a lenda da Amendoeira, através de um livro grande realizado pela mesma. Findada a leitura, os alunos construíram um livro, organizando diversas sílabas com o objetivo de formarem frases relativamente à lenda.

Finalizando a sua manhã de atividades, a Sara abordou uma temática da Área de Conhecimento do Mundo, a Amendoeira. Ao longo deste momento, a mesma reviu com as crianças as partes constituintes das plantas, como também o fruto que se extrai da amendoeira. Mencionou ainda os produtos que se podem confeccionar com a amêndoa, dando a provar a mesma.

Inferências

Na aula do domínio da Matemática, a Sara proferiu diversas situações problemáticas em consequência das construções realizadas com o material acima referido.

No entender das OCEPE (citadas por Castro e Rodrigues, 2008), é importante “que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções”, no concreto e mentalmente. (p. 37)

Quando verbalizou determinadas quantidades, a Sara utilizou as palmas, visto ser, na opinião de Moreira e Oliveira (2004) uma ótima estratégia para “a educação da atenção, do ouvido.” (p. 130)

Respetivamente à aula de Conhecimento do Mundo, penso que teria sido essencial a minha colega ter demonstrado às crianças o fruto da amendoeira, e não somente a amêndoa que é costume observarem nos hipermercados e nas suas casas.

3.^a Secção

Esta secção destina-se à semana referente ao Seminário de contacto com a realidade educativa.

3.1 Contexto educativo

Este momento de estágio decorreu no período de 27 de fevereiro de 2012 a 2 de março de 2012, na creche da APERCIM, em Mafra.

Ocorreu numa sala de creche referente a crianças da faixa etária 2 anos, tendo como docente a educadora Mariana Oliveira.

Ao longo desta semana, estive em contacto com uma nova realidade educativa relativamente a dois aspetos: estagiei na valência de creche e numa instituição diferente dos Jardins-Escola João de Deus.

Para esta semana, escolhi estagiar na valência de creche, visto ao longo do meu percurso académico não efetuar estágio na mesma, sendo fundamental pois, profissionalmente poderei trabalhar tanto em creche como no Pré-Escolar.

3.2 Relatos diários

O dia-a-dia destas crianças obedecia a uma rotina diária, tendo início com o acolhimento da manhã, realizado na sua própria sala. Chegadas à escola, as crianças brincavam com diversos brinquedos que se encontravam à sua disposição.

Quando a educadora chegava, todas as crianças se sentavam no tapete para cantarem a canção do “Bom dia” e para conversarem, como também para tomarem o lanche da manhã, composto sempre por fruta (opção da educadora).

Posteriormente, no decorrer da semana, a educadora contou histórias, cantou e dançou com as crianças e realizou uma dramatização com fantoches. Eu efetuei uma atividade de Expressão Plástica, na qual as crianças, com a minha ajuda, pintaram uma imagem de um animal através da técnica de esponjar. Também participei nos momentos atrás mencionados.

As crianças também tinham à sua disposição, na sala, áreas de brincadeira, tais como: a área da casinha, a área da leitura e a área dos jogos, onde podiam brincar livremente e o tempo que desejavam.

Estas áreas de brincadeira não são tao observadas nos restantes momentos de estágio, mencionados neste Relatório. Contudo, esta organização da sala de aula tem como objetivo a aprendizagem ativa dos alunos, promovendo o seu desenvolvimento.

Segundo Hohmann e Weikart (2004), as áreas de interesse bem definidas fomentam o “fazer escolhas e tomar decisões” (p. 162), bem como “as capacidades de iniciativa, autonomia e estabelecimento de relações sociais das crianças.” (p. 165)

Ao manipularem, explorarem os diversos materiais ao seu dispor, o espaço físico, no final das atividades lúdicas encontrava-se desarrumado, seguindo-se a arrumação do mesmo pois, na opinião dos mesmos autores, “os objectos e materiais são arrumados sempre nos mesmos locais de forma a que as crianças possam localizá-los e devolvê-los.” (p. 162)

Para além deste momento de brincadeira, também podiam tomar proveito do recreio exterior, de manhã e à tarde, dependendo das condições climatéricas. Ainda usufruíram da aula de Expressão Motora e de Expressão Musical.

Como se tratam de crianças pequenas, algumas delas ainda usavam fraldas, sendo necessária uma atenção constante destes alunos. Antes e após o almoço, como também do lanche, todas as crianças realizavam a higiene diária. A sesta era uma constante na rotina diária destas crianças.

4.^a Secção

Esta secção refere-se ao momento de estágio ocorrido no bibe amarelo B, referente a crianças da faixa etária 3 anos, tendo como docente a educadora Joana Sombreireiro.

Este momento de estágio decorreu no período de 10 de abril de 2012 a 22 de junho de 2012.

4.1 Caracterização da turma

A turma do bibe amarelo B é constituída por 28 alunos, tendo a mesma 18 alunos do sexo masculino e 10 alunos do sexo feminino, sendo esta e a restante informação concedida pela educadora da turma. Em relação à faixa etária, estes alunos, quando ingressaram no bibe amarelo, tinham idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos de idade. Neste momento de estágio, todas as crianças já possuem 3 anos de idade.

Os alunos do bibe amarelo B demonstram ser bastante interessados, nomeadamente a ouvirem, criarem e contarem histórias, como também nas atividades de grupo/equipa. Muitos deles já compreendem e demonstram a partilha entre pares e trabalham/brincam em harmonia.

No geral, todos os alunos revelam um nível de autonomia considerável, demonstrando facilidade no calçar/descalçar, no despir/vestir, como também na utilização autónoma da casa de banho. Todas as crianças controlam os esfíncteres.

A nível da motricidade fina, no geral existem algumas dificuldades por parte dos alunos. Relativamente à comunicação, são manifestas algumas crianças com dificuldades nesta área, sendo por vezes, impercetível a sua comunicação.

Nesta turma existe uma criança que apresenta algum descontrolo motor e que se baba constantemente, tendo já sido avaliada por técnicos especializados, nomeadamente uma psicóloga.

4.2 Caracterização do espaço

A sala dos alunos do bibe amarelo B localiza-se numa dependência ao lado do edifício principal, que constitui o Jardim-Escola de Alvalade. Esta é uma sala ampla, na qual os alunos podem desfrutar de dois espaços distintos: o espaço onde se encontram as mesas e o canto dos sofás.

A sala possui cinco mesas amarelas ao todo, funcionando as mesmas como três grupos: a mesa redonda, a mesa esquisita e a mesa caju, nomes pelas quais os alunos as identificam. Nestas as crianças realizam diversas atividades.

Como referi, esta sala também desfruta do canto dos sofás onde as crianças se sentam enquanto a educadora conta histórias ou realiza outras atividades. Também este canto dispõe de espaço para as crianças brincarem e efetuarem jogos.

As paredes e as janelas da mesma encontram-se repletas de cores e desenhos, o que torna a sala acolhedora e alegre. É uma sala com bastante iluminação, dispondo de três janelas de grandes dimensões.

Concluindo, as crianças têm, na parede, cabides à sua disposição para colocarem os casacos e as mochilas, devidamente identificados, bem como um cantinho da cozinha para brincarem.



Figura 3 – Sala do bibe amarelo B

4.3 Horário

De seguida, será apresentado o horário referente à planificação semanal do bibe amarelo B.

Quadro 4 – Horário do bibe amarelo B

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h	Acolhimento e canções no Salão				
1º Tempo da manhã	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Ginástica (9h30/10h30)	Iniciação à Matemática/ Cerâmica	Iniciação à Matemática
	Educação Musical (10h20/10h50)	Estimulação à Leitura/ Desenvolvimento verbal		Estimulação à Leitura/ Desenvolvimento verbal	Estimulação à Leitura/ Desenvolvimento verbal
10h30	Suplemento alimentar – Recreio/Cantinhos (10h30/11h)				
2º Tempo da manhã	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática/ Conhecimento do Mundo		Informática/ Biblioteca
12h	Almoço e higiene				
13h	Sesta				
1º tempo da tarde	Realização de propostas de trabalho/Jogos	Realização de propostas de trabalho/Plasticina e Jogos	Realização de propostas de trabalho/ Cantinhos	Realização de propostas de trabalho/ Entrelaçamentos e Enfiamentos	Realização de propostas de trabalho/Plasticina e Jogos
16h	Lanche/Saída				

4.4 Rotinas

As rotinas das crianças do bibe amarelo B são idênticas às das crianças dos bibes referidos anteriormente, sendo complementadas com o momento da sesta, visto serem crianças de uma faixa etária inferior.

Como menciona Cordeiro (2010), a sesta “é um direito da criança, nesta idade”, devendo ser feita “num ambiente calmo.” (p. 373)

Neste momento as crianças usufruem deste ambiente de tranquilidade, como também lhes é “estimulada a autonomia”, ou seja, cada criança descalça-se e deita-se sozinha. (Cordeiro, 2010, p. 373)

4.5 Relatos Diários

Terça-feira, 10 de abril de 2012

Este foi o primeiro dia em contato com crianças da faixa etária 3 anos, ou seja, com os alunos do bibe amarelo B. Estes iniciaram o dia no salão, integrando a roda mencionada ao longo deste Relatório.

Após a mesma, cada aluno foi buscar o seu casaco entre outros objetos, e efetuou um comboio com a educadora, deslocando-se até à sala. Chegados à mesma, as crianças dirigiram-se às suas mesas, sentando-se nos respetivos lugares.

A educadora desta turma decidiu trabalhar com as crianças o material Cuisenaire, começando por construir a escada crescente até 5, através de situações problemáticas. Usufruindo da mesma, os alunos utilizaram a imagem de uma menina para concretizarem cálculos mentais de adição e subtração, abordando o conceito de par e dois pares. Também aproveitou para abordar os numerais ordinais.

De seguida, a educadora realizou um comboio com as crianças, levando-as até ao recreio, onde tomaram o lanche da manhã. Terminado o tempo de brincadeira, os alunos dirigiram-se à sala, sentando-se nos sofás e no chão, para explorarem as divisões da casa, através de imagens de um *power point*. Ao observarem as mesmas, as crianças indicaram os utensílios que cada divisão possui, bem como o que se pode fazer em cada uma delas.

Para finalizar, dirigiram-se ao refeitório para almoçar, depois à casa de banho e, por fim, à sala para dormirem a sesta.

Inferências

A compreensão do sentido ordinal do número é difícil para crianças desta faixa etária. No entanto, este “desenvolve-se (...) posteriormente à contagem oral e envolve capacidades mais complexas.” (Castro e Rodrigues, 2008, p. 18)

Nesta turma todas as crianças efetuam contagens orais e, neste sentido, a educadora achou pertinente abordar este conceito, observando que alguns dos seus alunos, uma minoria, já possuíam este conhecimento. Segundo Moreira e Oliveira (2004), “as crianças constroem novas compreensões com base no seu desenvolvimento cotidiano” e por isso é “importante que os educadores (...) tornem visíveis as ideias que elas têm sobre as coisas.” (p. 32)

Quando a educadora iniciou a contagem da escada, verbalizando os números ordinais, alguns alunos também o fizeram, compreendendo, no entender de Castro e Rodrigues (2008), que “a sequência numérica está organizada de acordo com uma ordem” e “que cada número ocupa um lugar bem definido.” (p. 19)

Apesar de muitos alunos ainda não possuírem este conhecimento, é através da prática que o vão adquirindo e interiorizando.

Sexta-feira, 13 de abril de 2012

Nesta manhã, os alunos do bibe amarelo trabalharam com o material palhinhas, abordando a adição, a subtração e a divisão, bem como noções espaciais (entre, à frente).

De seguida, metade da turma esteve presente na aula de informática e a outra metade no recreio, trocando depois. Os alunos que se encontravam com a educadora caminharam até à sala, e sentaram-se no chão, pois a educadora ia abordar um conteúdo da Área de Conhecimento do Mundo, sendo ele as texturas.

Esta abordagem foi concretizada através de um jogo, que consistia em atirar o dado das texturas ao ar, ou seja, uma criança atirava o dado ao ar, enquanto outra possuía os olhos vendados. Esta última tocava no dado para sentir a textura e tinha de procurar na parede ou em cima do sofá, um animal com a mesma textura. Realizaram-se as rotinas do dia anterior.

Inferências

O material palhinhas é um material alternativo que, segundo Caldeira (2009a), proporciona “um trabalho criativo e ao mesmo tempo educativo” (p. 317), pois através deste a educadora pronunciou situações problemáticas, inventando uma história através de um *placard*.

Na concretização das situações problemáticas, as crianças auxiliavam-se deste material para obterem a solução, pois no entender de Moreira e Oliveira (2003), “as crianças usam muitas vezes materiais disponíveis (...) como forma de resolver a situação.” (p. 63)

Assim, as palhinhas são um material que viabiliza diversas aprendizagens, possibilitando o educador de utilizar a sua imaginação, de forma a atingir determinados objetivos.

Segunda-feira, 16 de abril de 2012

Regressados à escola depois do fim de semana, os alunos do bibe amarelo iniciaram o seu dia a manusear o material Blocos Lógicos, tendo também em atenção um *placard* alusivo ao circo, o qual a educadora o utilizou para elaborar situações problemáticas.

As crianças construíram um autocarro com as peças e exploraram o *placard* com a educadora, trabalhando também noções espaciais. Para associarem as peças dos Blocos Lógicos às bolas e bancos do *placard*, a educadora verbalizava determinadas características das peças para as crianças descobrirem de qual se tratava. Ao longo da atividade, a educadora trabalhou a adição e a subtração. Concluída a mesma, os alunos usufruíram da aula de Expressão Musical.

Após recreio, a educadora abordou a temática das plantas, executando um puzzle de uma árvore e de uma flor, com a participação dos alunos. Assim, explorou as características de cada uma, averiguando as suas semelhanças e diferenças, como os nomes das suas partes constituintes e também algumas das suas funções. Por último, verbalizou algumas adivinhas relativamente às partes constituintes das plantas, praticando depois as rotinas comuns.

Inferências

O dia-a-dia destas crianças está muito bem organizado, desde as atividades programadas pela educadora, bem como os espaços em que são realizadas, que podem constituir uma dificuldade se não estiverem bem organizados pois, “o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam (...) o que as crianças podem fazer e aprender.” (OCEPE, 1997, p. 37)

Como resultado desta organização do espaço, as crianças sabem que posições tomar para determinadas atividades, nomeadamente ouvir uma história, manipular materiais, concretizar jogos, entre outros, sendo facilitadas, na opinião de Figueiredo (2004), as “condições para que as actividades se desenvolvam tranquilamente e com os resultados esperados” (p. 17), cumprindo os seus objetivos no tempo desejado.

Terça-feira, 17 de abril de 2012

Nesta manhã, os alunos do bibe amarelo iniciaram as atividades nas suas mesas, manipulando material não estruturado, que consistia em bolinhas de plástico de diversas cores, fingindo serem ovos.

Ao longo de uma história inventada, a educadora mencionou variadas situações problemáticas, nas quais trabalhou a comparação de quantidades, a divisão e a adição. Também realizou exercícios para fomentar noções espaço-temporais.

Chegados do recreio, os alunos ouviram a educadora a contar a *História de uma sementinha*, utilizando um *power point* para demonstrar as imagens, explorando-as com as crianças.

Por fim, jogaram ao Jogo das tocas. Neste jogo algumas crianças eram coelhos e outras eram tocas. Enquanto a educadora cantava e tocava maracas, os coelhos pulavam à volta das tocas e, quando a música parava, cada coelho tinha de se colocar debaixo de uma toca (pernas de um aluno). Procederam às habituais rotinas.

Inferências

O jogo acima mencionado, para além de conter uma vertente lúdica, também auxilia no crescimento das crianças, pois segundo Hohmann e Weikart (2004), ao saltitarem, “podem adquirir e desenvolver a consciência do compasso ritmado.” (p.649)

Neste jogo todas as crianças saltitam eficazmente ao som da maraca, encontrando “satisfação no facto de conseguirem gerir e sentir o seu próprio compasso ritmado constante, (...) lançando (...) a base para actividades de movimento no futuro” (Hohmann e Weikart, 2004, p. 648)

É de valorizar o jogo na Educação Pré-Escolar, visto que através deste as crianças adquirem e desenvolvem diversas habilidades e capacidades.

Sexta-feira, 20 de abril de 2012

Este dia teve início com a história *João e o pé de feijão*, a qual a educadora contou através de imagens de um *power point*, aludindo à participação dos seus alunos. De seguida, os alunos dirigiram-se ao recreio.

Enquanto metade da turma esteve presente na aula de informática, a outra metade esteve a plantar feijões. Cada criança possuía um vaso pequeno e teve de colocar terra dentro do mesmo, e enterrar quatro feijões na terra. A outra metade da turma realizou o mesmo.

Depois de lavarem as mãos, as crianças almoçaram e dormiram a sesta. Ao longo da manhã observámos as atividades, mas estivemos a confeccionar a prenda do Dia da Mãe.

Inferências

A história acima mencionada é um pouco diferente das que estes alunos costumam observar, pois só continha imagens, tratando-se de um álbum para crianças.

Para contar a história através das suas imagens, a educadora solicitou constantemente a participação dos alunos, favorecendo e enriquecendo, segundo Agüera (2008), “um diálogo com os adultos.” (p. 251)

A constante participação tinha como objetivo a descrição, por parte dos alunos, do que observavam, sendo eles próprios os “narradores” da história pois, segundo a mesma autora, “reconhecer os objectos presentes na imagem, nomeá-los, surge como uma conquista inicial e uma satisfação importante.” (pp. 249-250)

Durante a “narração” deste álbum, a educadora dirigiu as perguntas, existindo sempre crianças entusiasmada para responderem, constituindo também uma das primeiras etapas na promoção da leitura.

Segunda-feira, 23 de abril de 2012

Quando se deu por terminado o momento de roda da manhã, os alunos deste bibe caminharam até à sua sala e sentaram-se no sofá. Por ser segunda-feira, a

educadora dialogou com os alunos acerca das atividades que realizaram durante o fim de semana.

De seguida, contou a história *A floresta da água* e, quando terminou a mesma, colocou música enquanto as crianças comiam o lanche da manhã. Regressados do recreio, os alunos sentaram-se nas mesas, e a educadora distribuiu por cada criança, um cartão que continha desenhadas figuras do material Blocos Lógicos. Assim, cada aluno fez corresponder as peças às figuras do cartão, e a educadora explorou de diferentes formas, com eles, os atributos das suas peças.

Por fim, interrogou as crianças acerca do desenho que tinham no seu cartão e efetuou situações problemáticas através do mesmo. Cada criança trocou o cartão com o colega do lado e concretizou-o.

Inferências

Falar sobre o fim de semana é sempre uma boa oportunidade para as crianças desenvolverem a linguagem, nomeadamente o vocabulário, bem como a expressão oral.

Segundo Hohmann e Weikart (2004), é importante este momento de verbalização “dado que as crianças aprendem ao (...) falar das suas experiências e observações”, portanto “é importante que os adultos usem todas as hipóteses de conversar com elas.” (p. 529)

Neste momento a educadora deixou os seus alunos expressarem-se o tempo necessário, fundamental para organizarem o seu pensamento.

Terça-feira, 24 de abril de 2012

Este dia teve início com o Jogo do dominó dos frutos. Durante o jogo, a educadora, através de frutos pequenos de plástico, concretizou com os alunos operações de adição e subtração.

Após o recreio, a educadora leu a história *Todos os patinhos*. A pedido dos alunos, colocou o CD da história para ouvirem, à medida que mostrava as suas imagens.

Concluindo a manhã, os alunos jogaram ao jogo no qual a educadora cantava e tocava maracas. Quando parava de cantar e tocar, verbalizava um número e os alunos tinham de se agrupar conforme a quantidade mencionada. Quem perdia sentava-se no sofá.

Inferências

As atividades que tenham como objetivo o desenvolvimento das crianças, ao nível do domínio da Matemática, não se restringem ao contacto com materiais manipuláveis, sendo os jogos uma ótima estratégia a considerar.

Este jogo é um pouco mais complexo do que os habituais, proporcionando desafio às crianças que, segundo Figueiredo (2004), “deve existir e ser lançado (...) pelo educador para que a criança o procure vencer, mesmo à custa de um certo esforço.” (p. 13)

Ao realizarem estas atividades lúdicas, as crianças adquirem, na opinião de Maluf (2008), “conhecimentos” e desenvolvem “habilidades de forma natural e agradável.” (p. 21)

Em suma, este tipo de atividades são instrumentos pedagógicos essenciais, que promovem a aprendizagem dos alunos de uma forma animada.

Sexta-feira, 27 de abril de 2012

Esta manhã, as minhas colegas e eu estivemos presentes na aula de uma aluna estagiária, no bibe encarnado B, tendo sido supervisionada pela Professora Paula Colares Pereira.

Esta aluna iniciou a aula com uma atividade relacionada com o domínio da Matemática, utilizando o material Calculadores Multibásicos. Utilizou laços para exercer a correspondência à cor das peças.

Relativamente ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a aluna estagiária leu a história *A zebra Camila*, e apresentou uma zebra de grandes dimensões à turma. Ao longo da história, os alunos participaram na mesma, colocando adereços na zebra.

Na Área de Conhecimento do Mundo, a aluna abordou um animal: a zebra. Para explorar as suas características, proporcionou às crianças o jogo Encontra o par. Finalizadas as atividades, realizou-se a reunião habitual.

Inferências

Segunda-feira, 30 de abril de 2012

Como se evidencia em muitas segundas-feiras, a educadora começou o dia a conversar com os seus alunos, acerca do fim de semana dos mesmos. Também mostrou o livro da turma, onde cada família possui uma folha para escrever sobre a mesma.

Continuando a manhã, a educadora leu a história *Antes, agora e depois*, de Luísa Ducla Soares. Após o recreio, as crianças realizaram as rotinas habituais.

Durante as atividades das crianças, as minhas colegas e eu realizámos, em massa fimo, as iniciais do nome das mães dos alunos, para a prenda do Dia da Mãe.

Inferências

As crianças que frequentam a Educação Pré-Escolar possuem dificuldades em se orientarem temporalmente, como por exemplo, antecederem ou precederem o dia da semana, tendo como referência o dia em que se encontram.

Esta orientação é mais difícil de adquirir comparativamente à orientação espacial, que muitas destas crianças já possuem com esta idade. Segundo Rabinovich (2007), “a percepção do tempo para a criança da Educação Infantil é mais tardia que a percepção do espaço e do seu próprio corpo.” (p. 79)

Assim sendo, é oportuno ir trabalhando ao longo dos anos esta orientação, devendo, no entender do mesmo autor, “objetivar a aquisição de noções de antes, durante, agora e depois, noções de primeiro e último, aquisição de noções de simultaneidade e sucessão” (p. 79), sendo uma boa estratégia a leitura do livro acima mencionado.

Sexta-feira, 4 de maio de 2012

Neste dia, as minhas colegas e eu não assistimos às atividades do bibe amarelo B, pois estivemos a concluir a prenda do Dia da Mãe.

Inferências

Ao longo do ano, existem diversos dias que são comemorados nacionalmente, estando neles incluídos o dia da Mãe. Como não poderia deixar de ser, para este dia, os estabelecimentos de Educação Pré-Escolar produzem lembranças para cada criança oferecer à sua mãe.

As crianças participaram ativamente na concretização desta prenda, sendo sempre necessária a cooperação dos adultos. Para a sua realização, foram necessários diversos materiais, desde logo expostos no Plano anual e plurianual de atividades que, segundo o Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, são “os documentos de planeamento, que definem, em função do projecto educativo, os objectivos, as formas de organização e de programação das actividades e que procedem à identificação dos recursos necessários à sua execução.” (artigo 9.º, ponto n.º 1, alínea c)

Neste sentido, no início do ano, o educador deve programar as atividades que pretende realizar ao longo do ano com os seus alunos, de forma a concretizar este Plano de atividades, visando também antever os seus custos.

Segunda-feira, 7 de maio de 2012

Esta manhã estive a cargo da minha colega Ana, proporcionando às crianças a manipulação de material não estruturado, nomeadamente a imagem de uma cerca e de animais da quinta, para trabalhar a adição e a subtração, bem como a lateralização.

Antes do recreio e da aula de Expressão Musical, a Ana distribui por cada aluno a imagem de um animal e contou a história *Uma quinta muito barulhenta*. Ao longo da história, quando aparecia o animal que possuíam, as crianças tinham de o imitar.

De seguida, a minha colega apresentou à turma a maquete duma quinta com diversos animais, para as crianças explorarem os animais da quinta, nomeadamente as suas características gerais. Realizaram os costumes habituais.

Inferências

Fazendo referência ao primeiro momento da manhã, as crianças realizaram situações problemáticas, auxiliando-se do material disponibilizado pela minha colega. Em conformidade, Castro e Rodrigues (2008) afirmam que “os primeiros cálculos que as crianças realizam são cálculos por contagem, apoiados em materiais que a facilitem”, efetuando “contagens um a um.” (p. 29)

No entanto, foi observável que uma minoria das crianças, quando efetuavam a contagem do material, para solucionar a situação problemática, contava incorretamente. Estes alunos, segundo os mesmos autores, “não conseguem ainda estabelecer uma correspondência um a um entre o objecto e a palavra número.” (p.18)

Só através da prática é que as crianças adquirem competências de contagem, consciencializando-se de que a cada palavra corresponde somente um objeto.

Terça-feira, 8 de maio de 2012

As atividades desta manhã foram organizadas por mim, tendo iniciado por uma aula correspondente ao domínio da Matemática. Nesta, as crianças utilizaram um cartão que continha desenhado uma galinha e a sua capoeira, esta última construída com as peças do Cuisenaire. Assim, cada criança efetuou a correspondência entre as peças e o cartão. Realizei situações problemáticas ao longo da atividade, incluindo operações de adição, subtração e divisão, utilizando nesta última as palhinhas como auxílio.

De seguida, li a história *Os ovos misteriosos*, de Luísa Ducla Soares, na qual as crianças participaram na repetição de quadras, como na construção do ninho com palha e lã. Também colocaram os ovos no mesmo, como os abriram para observar que animais se encontravam lá dentro. No final da história, dialoguei com as crianças sobre a mesma.

Finalizado o recreio, levei as crianças para a sala, por meio de um comboio, pois detinha uma surpresa, uma galinha numa gaiola. Através da observação da galinha, explorei com as crianças as suas características, o seu modo de locomoção, o seu habitat, bem como a sua alimentação. Durante a atividade, algumas crianças deram couve à galinha com a minha ajuda, como também observaram um ovo verdadeiro.

Inferências

Por meio do material Cuisenaire, solicitei aos alunos que efetuassem a comparação entre determinadas quantidades, nomeadamente quem possuía mais peças comparativamente a duas crianças.

A comparação de quantidades não é dominada por todos os alunos, pois tratando-se de crianças de três anos de idade, nem todas possuem o conceito de número que, segundo Cunha e Nascimento (2005), “é formado a partir da comparação de quantidades diferentes e da observação sobre onde existe mais, menos ou igual quantidade.” (p. 27)

A noção de quantidade desenvolve determinadas competências, sendo fundamental para a aquisição de novas estruturas matemáticas. Em consonância, Aranão (1996) evidencia que esta noção “vem colaborar no desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, uma vez que é prioritária e essencial na aquisição de outras estruturas matemáticas posteriores a ela.” (p. 42)

Assim, é verificável que trabalhar as noções de quantidades é fundamental para o desenvolvimento matemático das crianças, sendo favorável desde a Educação Pré-Escolar.

Sexta-feira, 11 de maio de 2012

Neste dia comecei por observar duas aulas surpresa no bibe amarelo A. primeira aluna estagiária trabalhou com as crianças os atributos das peças do material Blocos Lógicos, utilizando cartões para realizar um jogo. Cada cartão continha um atributo das peças, e a aluna mostrava dois cartões para os alunos adivinharem que peças tinham de ir buscar.

A segunda aluna teve como tarefa contar a história *O casamento da gata*, de Luísa Ducla Soares. Para tal, solicitou que os alunos se sentassem em U, no chão e, ao longo da mesma, solicitou a sua participação. Entretanto, dirigi-me à sala do bibe amarelo B, pois a professora Paula Colares Pereira solicitou-me que trabalhasse também os atributos dos Blocos Lógicos.

Iniciei a aula utilizando o fantoche de um macaco para contar uma história. Ao longo da atividade as crianças construíram uma árvore e um carro, explorando assim os atributos das peças. Também criei situações problemáticas e efetuei comparações de quantidades.

Inferências

Os fantoches são personagens inanimadas que são utilizados, normalmente, na concretização de dramatizações. No entanto, a sua utilização nas diversas áreas, como efetuei na aula acima mencionada, pode contribuir muito na aprendizagem dos alunos.

Na opinião de Pereira e Lopes (2007), o educador deve “utilizar os fantoches como proposta educativa interdisciplinar e ainda como tecnologia educativa ao serviço das diferentes áreas do saber.” (p. 44)

A sua utilização pode contribuir muito para a aprendizagem dos alunos, envolvendo-os de uma forma lúdica. Segundo os mesmos autores, os fantoches “podem servir para envolver alunos em aprendizagens diversas através de um método activo e lúdico que vai levar o aluno a uma melhor e mais eficaz compreensão.” (p. 44)

Neste contexto, é verificável que a utilização de fantoches nas diversas atividades revela um instrumento de importância pedagógica, despoletando a atenção das crianças, favorecendo a sua aprendizagem.

Segunda-feira, 14 de maio de 2012

Esta manhã teve início com a observação da aula de uma aluna estagiária, no bibe encarnado A, supervisionada pela Professora Paula Colares Pereira.

A aluna principiou as suas atividades na Área de Conhecimento do Mundo, possibilitando os alunos de observarem um borrego numa “jaula”, e fingindo ser um pastor. Explorou as características do animal e as crianças deram-lhe festinhas.

De seguida, contou a história *Ovelhinha dá-me lá*, de Isabel Minhós Martins, utilizando um *power point* para projetar as suas imagens. Durante a mesma, os alunos repetiram algumas falas e, no final, a aluna estagiária conversou com os mesmos acerca da história.

Para finalizar a sua aula, a aluna estagiária realizou uma atividade pertencente ao domínio da Matemática, na qual utilizou caixas e cachecóis para abordar o conceito de divisão.

Antes da reunião relativa à aula observada, as minhas colegas e eu estivemos presentes no recreio, com os alunos do bibe amarelo B. Também assistimos um pouco

a uma atividade em sala de aula, que consistiu na manipulação de palhinhas e de imagens de meios de transporte (avião, comboio, carro e barco). Às imagens corresponderam determinada quantidade de palhinhas, sendo realizadas situações problemáticas.

Inferências

Terça-feira, 15 de maio de 2012

As atividades desta manhã estiveram ao cuidado da minha colega Sara, começando por trabalhar com os alunos o material Blocos Lógicos simultaneamente com material não estruturado, elefantes em *musgami*. Com os Blocos Lógicos as crianças construíram um leão e uma árvore, averiguando os atributos das peças e resolvendo situações problemáticas. Também concretizaram uma sequência com os elefantes.

De seguida, os alunos sentaram-se no sofá e no chão, com o intuito de ouvirem a história *Nhac, Nhac, Nhac, que risco petisco!*, de Sam Lloyd e Jack Tickle, na qual os alunos participaram ativamente.

Relativamente à aula da Área de Conhecimento do Mundo, a Sara abordou a temática dos animais selvagens através de adivinhas, ou seja, verbalizava uma adivinha e, quem acertasse o animal, colocava a sua imagem num *placard* que se encontrava dividido por habitats (oceano, savana ou floresta). Para cada animal eram abordadas as suas características e algumas curiosidades.

Inferências

O tema de vida referente aos animais é sempre entusiasmante para as crianças que, quando abordado, na opinião de Catita (2007), o educador deve “explorar e aproveitar este fascínio que as crianças nutrem pelo mundo animal” (p. 66), utilizando estratégias dinâmicas e diferentes como as adivinhas.

O educador ao abordar temas relacionados com a Área de Conhecimento do Mundo, deve estar sempre bem informado, para esclarecer eventuais dúvidas das crianças, como expor a informação de forma adequada e cientificamente correta, pois segundo o mesmo autor, o educador nutre uma grande responsabilidade “na estruturação conceptual dos diferentes assuntos abordados em cada tema”,

suscitando “consequências boas ou más na (...) vida intelectual e cultural futura” (p.67) das crianças.

Neste sentido, a minha colega, tal como qualquer profissional relacionado com a educação, antes de efetuar esta aula, teve de recolher diversa informação acerca dos animais que abordou, nomeadamente os seus comportamentos e características, visto também informar os alunos de algumas curiosidades.

Sexta-feira, 18 de maio de 2012

Neste dia, os alunos do bibe amarelo B começaram por manusear o material Cuisenaire, para a concretização de um itinerário numa folha adequada.

Para a realização do mesmo, a educadora inventou uma história e deu a conhecer a peça verde escura, solicitando para medirem a mesma com a peça padrão, para constatarem qual o seu valor. Durante esta atividade, as minhas colegas e eu confeccionámos calções e camisolas em feltro, para o Dia da Criança.

Regressados do recreio, a educadora verbalizou adivinhas relativamente aos animais, enquanto as minhas colegas e eu elaborámos sóis, baldes e pás em *musgami*, para os alunos. Por fim, as crianças desfrutaram das suas rotinas comuns.

Inferências

Ao longo deste estágio, somente neste bibe vivenciei a pronúncia de adivinhas para os alunos desvendarem, observando que é um momento bastante divertido e desafiador para as crianças.

Estes momentos são fundamentais para que, segundo Agüera (2008), “as crianças tenham de pensar, ao mesmo tempo que as diverte” (p. 110), bem como desenvolve, na opinião de Bastos (1999), “a perspicácia e a capacidade de adaptação rápida a situações novas.” (p. 103)

Para além dos animais, o educador pode utilizar as adivinhas para diversas aprendizagens, tirando partido do seu sentido lúdico.

Segunda-feira, 21 de maio de 2012

Neste dia as minhas colegas e eu assistimos à aula de uma aluna estagiária, no bibe azul B, supervisionada pela Professora Isabel Ruivo. Para iniciar as suas atividades, a aluna estagiária optou pela Área de Conhecimento do Mundo, que teve como temática o urso-formigueiro. Para este momento, a aluna estagiária demonstrou diversas imagens do urso-formigueiro através de um *power point*, referenciando algumas das suas características. Os alunos elaboraram a dobragem deste animal.

De seguida, os alunos manusearam o material Cuisenaire, com o objetivo de concretizarem um itinerário. A aluna estagiária indicou o caminho a percorrer pelo urso-formigueiro, mencionando a dezena e os três pares.

Relativamente ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a aluna estagiária contou a história *O urso e a formiga*, de Luísa Ducla Soares. Durante a mesma recorreu a inflexões de voz e, para terminar a atividade, os alunos completaram uma ficha de trabalho.

Inferências

Ao longo da aula de Conhecimento do Mundo, a aluna estagiária limitou-se a ser demasiado expositiva, solicitando pouco a participação dos alunos. Sendo o animal abordado diferente, as crianças queriam ter exposto mais os seus conhecimentos, bem como as suas dúvidas.

As crianças aprendem mais e melhor quando são envolvidas na aprendizagem, ou seja, sempre que estão inseridas numa pedagogia de participação que se centra, segundo Oliveira-Formosinho, Costa e Azevedo (2009), “nos actores que co-constroem o conhecimento participando nos processos de aprendizagem.” (p. 5)

Durante as restantes atividades, a aluna estagiária centrou-se mais em alguns alunos, o que pode causar o desinteresse por parte das restantes crianças, não sendo este o objetivo de um educador, que visa a participação constante dos seus alunos.

Segundo os mesmos autores, uma participação ativa das crianças tem como objetivos “viver a experiência/vida, envolver-se no processo de aprendizagem, (...) construir as aprendizagens, promover o desenvolvimento” (p. 8), o que não se verificou por completo nesta aula, pois alguns alunos desistiram de participar quando se aperceberam que a aluna estagiária não lhes concedia a palavra.

Terça-feira, 22 de maio de 2012

Para começar o dia, a educadora abordou a temática das aves, expondo imagens de diferentes aves por meio de um *power point*. Através destas as crianças evidenciaram as características das aves e tiveram conhecimento de algumas curiosidades relativamente às mesmas.

Continuamente ao recreio, os alunos sentaram-se no espaço habitual para jogarem ao dominó dos animais. Terminado o jogo, as crianças almoçaram e dormiram a sesta.

Inferências

O dominó é bastante apreciado pelos alunos desta turma, pois adoram ter em sua posse as peças grandes, bem como colocá-las em jogo quando a sua peça o permite.

Esta atividade lúdica desenvolve a atenção, pois as crianças têm de observar atentamente quais as peças que estão em jogo, para verificarem se podem jogar. Neste sentido, Moreira e Oliveira (2004) referem que, ao observarem se podem jogar, as crianças desenvolvem “competências de contagem, mas essencialmente de correspondência um a um.” (p. 98)

Ao longo deste momento, a educadora proporcionou às crianças a adição de animais de uma forma dinâmica, contribuindo, segundo os mesmos autores, “também para o desenvolvimento do cálculo mental.” (p. 98)

Mais uma vez, é verificável como, através de atividades lúdicas, se podem promover diversas aprendizagens, tendo a participação ativa e voluntária dos alunos.

Sexta-feira, 25 de maio de 2012

Nesta manhã, quando chegaram à sala, os alunos deste bibe sentaram-se no sofá, pois a educadora tinha colocado um lago (plástico em forma de lago) com peixes no centro do mesmo. À sua volta estavam dispostos “vasos” com flores.

Para realizar esta atividade, os alunos lançavam o dado para saberem que peixe pescar, pois os mesmos continham formas geométricas que os diferenciavam. Realizaram diversas operações.

Após o recreio, os alunos sentaram-se no chão, para ouvirem a história *O peixinho maroto e os amigos*, de Paul Bright, sendo questionados pela educadora relativamente às imagens da história. A educadora também deu a observar o livro da família.

Inferências

O livro da família é um suporte A3, elaborado pelos pais das crianças, onde colocam fotografias da família, bem como escrevem um pouco sobre a mesma. Sempre que os pais entregam o livro, a educadora expõe-no à turma e inicia, segundo Agüera (2008), “um questionário calmo com perguntas simples.” (p. 11)

Quando as crianças mencionam quem se encontra nas fotografias e o local onde foram tiradas, desencadeiam, no entender da mesma autora, “a expressão oral, (...) a observação, a atenção... e o conhecimento.” (p. 9)

Estimular a memória “recordando, com fotografias familiares, os momentos vividos com alegria e felicidade” (Agüera, 2008, p. 15), é uma ótima estratégia, pois as crianças adoram verbalizar os acontecimentos mais felizes da sua vida.

Durante a exploração do livro, a educadora também conta com a participação dos restantes alunos, que por vezes sentem curiosidade pela família do seu colega.

Segunda-feira, 28 de maio de 2012

Neste dia, a educadora optou por trabalhar os conjuntos com os seus alunos, através de material não estruturado, nomeadamente tampas cm flores de tamanhos e cores diferentes, mencionando o conjunto vazio e o conjunto singular. Presenciaram a aula de Expressão Musical.

Após esta atividade, os alunos aproveitaram para brincar no recreio. Quando retornaram à sala, ouviram a história *Uma história de números*, verbalizada pela educadora, enquanto a mesma transmitia as suas imagens por meio do *power point*. Seguidamente as crianças concretizaram as suas rotinas diárias.

Inferências

As aulas de Expressão Musical são muito divertidas, pois o professor que as leciona é bastante alegre e brincalhão, bem como querido pelos alunos. Segundo Ferreira (2002), o professor de Expressão Musical deve “evitar uma postura directiva, e deve favorecer um clima de descontração e espontaneidade.” (p. 26)

Ao longo das suas aulas, utiliza estratégias dinâmicas para os seus alunos adquirirem conhecimentos relativos à música, nomeadamente as notas musicais, como também ensina e canta diversas canções com as crianças, de uma forma expressiva e animada.

No entender do mesmo autor, o professor relativo a este domínio, “deve demonstrar pelo seu rosto e gestos “a vida da música”. Isto quer dizer cantar com entusiasmo e movimentações, afim de despertar o interesse da criança para a música” (p. 26), facto observado pois as crianças estão sempre predispostas para estas aulas.

Terça-feira, 29 de maio de 2012

Para principiar o dia, a Sara realizou uma aula surpresa, solicitada pela professora Cristina, Diretora do Jardim-Escola, utilizando o material Blocos Lógicos para abordar os conjuntos.

Terminada a atividade, a minha colega Ana, também a pedido da professora Cristina, leu a história *O nabo Gigante*, de Alexis Tolstoi, e ao longo da mesma as crianças realizaram a sua dramatização. Após este momento, os alunos jogaram ao Jogo da maraca.

Enquanto as crianças brincavam no recreio, as minhas colegas e eu carimbámos com tintas, o nome dos vários alunos nas respetivas *t-shirts* destinadas ao Dia da Criança. De seguida, ocorreu a reunião habitual e as crianças efetuaram os hábitos diários.

Inferências

Sexta-feira, 1 de junho de 2012

Neste dia o Jardim-Escola esteve em festa, pois comemorou-se o Dia da Criança, e os alunos não realizaram as atividades habituais. O bibe amarelo, logo pela

manhã, dirigiu-se ao recreio para brincar e dançar livremente, como também para desenharem num papel de cenário que cobria uma grande área da parede.

Após algum tempo, os alunos do bibe amarelo brincaram nos insufláveis que se encontravam no Jardim-Escola, existindo um insuflável para cada bibe. Como não podia estar a turma toda no mesmo, a educadora dividiu a turma em dois grupos que alternavam.

Para finalizar a manhã, os alunos almoçaram no recreio, em mesas dispostas para o efeito, onde lhes foi servido um menu diferente: hambúrguer com batatas fritas, sumo e gelado. Após a refeição, dirigiram-se à sala para dormirem.

Inferências

Para as crianças poderem desenhar livremente no papel de cenário, as educadoras disponibilizaram diversos copos com lápis de cera. Tratando-se de crianças pequenas, estas elaboraram desenhos de grandes dimensões, mas muito deles não perceptíveis para os adultos.

A maioria das crianças expressou-se por meio de rabiscos, que se denominam de garatuja, sendo “a primeira manifestação gráfica da criança” até esta idade, fazendo “traçados instintivos.” (Rodrigues, 2002, p. 20)

No entanto, alguns alunos escreveram o seu nome, como também desenharam “grafismos mais controlados, mais minuciosos e intencionais” (p. 20), associando “a forma arredondada (...) a segmentos de recta” (Rodrigues, 2002, p. 24), representando o que sentiam, o que imaginavam. Mais uma vez é possível constatar que cada criança possui o seu ritmo de desenvolvimento, influenciando na concretização das suas atividades.

Segunda-feira, 4 de junho de 2012

De volta ao Jardim-Escola depois do fim de semana, a educadora conversou com os seus alunos acerca do mesmo, sobre o que cada um fez nesses dias de descanso. Também contou a história *Mas que barulheira*, de Ana Beatriz Afonso, e de seguida, tiraram proveito da aula de Expressão Musical.

Após o recreio, as crianças deslocaram-se até à sala e sentaram-se na sua respetiva cadeira, pois a educadora quis que os seus alunos manipulassem o material

Cuisenaire, utilizando uns cartões com diversas construções. Para tal, os mesmos trabalharam a pares e fizeram a correspondência das peças ao desenho do seu cartão.

Posteriormente à concretização, a educadora especulou os diversos pares de alunos relativamente à construção que obtiveram, realizando situações problemáticas.

Inferências

Os livros de grandes dimensões não são muito comercializados. No entanto, a educadora proporcionou aos alunos a sua observação, concedendo um momento de leitura diferente.

Através deste livro, as crianças usufruíram duma maior perceção da ilustração, visto possuir imagens grandes e coloridas. Na opinião de Spodek e Saracho (citados por Ruivo, 2009), “ler, em voz alta, um livro grande é uma experiência semelhante à de estar sentado à frente numa sala de cinema.” (p. 120)

Este tipo de livro proporciona momentos mágicos às crianças, que se envolvem bastante na história, estando muito atentas e entusiasmadas enquanto é contada pela educadora, promovendo ao longo da Educação Pré-Escolar o interesse pela leitura pois, segundo Viana (citado por Ruivo, 2009), o uso do livro grande “é uma estratégia que encontra eco nas actuais propostas para o desenvolvimento da literacia.” (p. 120)

O envolvimento das crianças na história não é proporcionado somente pelo uso do livro grande, mas também pela forma como a educadora lê, criando suspense e utilizando inflexões de voz.

Terça-feira, 5 de junho de 2012

Este dia foi diferente para os alunos do bibe amarelo, pois ambas as turmas tiveram a oportunidade de participar numa visita de estudo, à Quinta Pedagógica Armando Villar, no concelho de Cascais.

Antes de as crianças entrarem nos autocarros, foram distribuídos os seus chapéus e, quando chegados ao destino, as duas turmas foram divididas em três grupos.

Durante a visita as crianças observaram diversos animais, como porcos, cabras, coelhos, patos, entre outros, como também tiveram a oportunidade de confeccionar pão com chouriço, que foi comido pelos mesmos ao lanche. Quando os alunos chegaram ao Jardim-Escola, almoçaram e realizaram a sesta.

Inferências

Todas as atividades diferentes proporcionam entusiasmo às crianças, sendo as visitas de estudo um destes exemplos. Quando a educadora divulgou esta saída ao exterior, todas as crianças ficaram animadas.

No entanto, neste dia, várias crianças não cumpriram o horário de chegada à escola, como um aluno desta turma não pôde desfrutar desta visita pois, quando chegou ao Jardim-Escola, os autocarros já tinham partido.

Sendo os pais responsáveis pelo seu filho e pela sua não participação nesta atividade, pois segundo Leandro (2001), “todas as sociedades continuam a confiar (...) a tarefa educativa à família” (p. 277), estes deveriam ter tido a responsabilidade de chegar a horas ao Jardim-Escola.

Neste contexto, sendo os pais um modelo a seguir, os progenitores desta criança estão a promover a falta de pontualidade ao seu filho, verificando-se quando este crescer pois, na opinião do mesmo autor, “os mais novos aprendem, sobretudo, com os mais velhos” (p. 278), tanto as atitudes positivas como as atitudes negativas, sendo da responsabilidade dos pais promover aos seus filhos, desde pequenos, a responsabilidade e a pontualidade, para se tornarem cidadãos corretos e cumpridores.

Sexta-feira, 8 de junho de 2012

Para finalizar a semana, as educadoras do bibe amarelo tiveram a ideia de confeccionar bolo de iogurte, no refeitório, com o auxílio e participação dos seus alunos. Durante a confeção do mesmo, alguns alunos colocaram os ingredientes no respetivo recipiente e as educadoras mexiam o preparado. Como a seleção nacional jogava no dia seguinte, as educadoras decidiram fazer com o bolo a bandeira nacional, adicionando a uma porção da massa corante verde e a outra, corante encarnado. As crianças cantaram o Hino Nacional.

Após o recreio, os alunos efetuaram comigo uma proposta de atividade relativa ao domínio da Matemática. Antes do almoço e das respetivas rotinas habituais, as

crianças dançaram ao som de músicas atuais, dançando a pares, sozinhas e em grupos. As minhas colegas e eu arrumámos trabalhos dos alunos nos respetivos dossiês.

Inferências

Os trabalhos efetuados pelos alunos, relativos às várias áreas de conteúdo, são guardados em dossiês específicos, destinando-se um para cada criança. Estes trabalhos são base de informação do professor relativamente aos conhecimentos e capacidades dos seus alunos.

Segundo Ponte e Serrazina (2000), estes registos das crianças “são a base para uma revisão periódica relativa à evolução de cada aluno.” (p. 236)

Neste sentido, na opinião dos mesmos autores, o dossiê de trabalhos é importante pois “evidencia o que o aluno é capaz de fazer, dando a conhecer o percurso por ele realizado durante um certo período.” (p. 234)

Por estes motivos acima mencionados, é fundamental que os trabalhos efetuados pelos alunos estejam devidamente organizados e arrumados, como também datados.

Segunda-feira, 11 de junho de 2012

Neste dia, os alunos do bibe amarelo B estiveram em contacto com um novo material estruturado, o 3.º Dom de Froebel. Para uma primeira abordagem, a educadora dissimulou que um pirata lhe tinha deixado um tesouro (arca do tesouro com as caixas do 3.º Dom de Froebel) e uma carta, que descrevia as regras para manusear o material. Entretanto, abriram e fecharam as suas caixas e contaram quantos cubos é que possuíam.

De seguida, exploraram o material livremente, construindo diversas construções e verbalizando à educadora o que tinham construído. Algumas crianças realizaram construções conhecidas, sem nunca as terem aprendido. Seguiu-se o recreio.

Após o mesmo, a educadora abordou a temática dos anfíbios, demonstrando diversos exemplos através de um *power point*, e explorando as variadas características dos mesmos. Utilizando o mesmo suporte digital, a educadora contou a história *O sapo tem medo*, de Max Velthuijs. Ocorreram os hábitos comuns.

Inferências

O contacto com um novo material é sempre entusiasmante para as crianças, e utilizar uma estratégia dinâmica na sua abordagem é fulcral para se sentirem estimuladas a explorá-lo.

Segundo Caldeira (2009a), o 3.º Dom de Froebel “é composto por 8 cubos guardados dentro de uma caixa de madeira (...) em forma de cubo.” (p. 248)

Antes de manipularem o material, a educadora referiu aos seus alunos, como afirma a mesma autora, que “nas construções todos os cubos têm que ser utilizados.” (p. 248)

Numa primeira abordagem, é fundamental que os alunos explorem livremente os diversos cubos, utilizando a sua imaginação para elaborarem diversas construções. Na mesma linha de pensamento, Caldeira (2009a) refere que este material é um ótimo veículo “para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias.” (p. 241)

Durante este momento foi interessante ouvir uma criança exprimir verbalmente a sua satisfação ao manusear este material, dizendo: “Este material é divertido!”

Terça-feira, 12 de junho de 2012

A educadora planeou iniciar o dia a contar a história *O homem das barbas*, inserida no livro *Gente gira*, de Luísa Ducla Soares. Concluída, a educadora conversou com os seus alunos acerca da mesma, nomeadamente questionando-os se tivessem uma barba tão grande como a do homem das barbas, o que fariam com ela.

Após o recreio, os alunos sentaram-se nos respetivos lugares, pois a educadora ia apresentar-lhes a peça cor de laranja, referente ao material Cuisenaire. Ao longo da atividade, a educadora solicitou às crianças que medissem a peça cor de laranja com as peças brancas, para verificarem o valor da mesma.

De seguida, todos os alunos realizaram a escada crescente, como também procuraram três peças que, juntas, fizessem o mesmo tamanho da peça cor de laranja.

Inferências

Ao contar a história, a educadora suscitou diversas vezes a curiosidade das crianças, questionando-as sobre o que achavam que ia acontecer de seguida, existindo uma diversidade de ideias.

Desta forma, em relação ao modo como a educadora promove a participação dos seus alunos neste momento de leitura, Teberosky e Colomer (2003), também concordam que “as crianças podem (...) antecipar os acontecimentos que virão, participando (...) de forma interativa.” (p. 26)

Esta participação constante na história, proporciona uma compreensão mais profunda por parte dos alunos (Teberosky e Colomer, 2003), pois ao estarem motivados também mantém uma postura atenta.

Sexta-feira, 15 de junho de 2012

Esta manhã teve início com uma atividade relativa ao domínio da Matemática, na qual a minha colega Ana utilizou material não estruturado, ou seja, borboletas e girassóis em feltro, com os quais trabalhou situações problemáticas. De seguida dirigiram-se ao recreio.

Quando metade dos alunos da turma regressou à sala, concretizaram uma ficha de trabalho alusiva ao domínio da Matemática, e vice-versa. Esta consistia em contarem os peixes da mesma cor e circundar o número que correspondia à sua quantidade. Ao longo da atividade, as minhas colegas e eu elaborámos flores de papel crepe para colocar nas faixas de finalistas.

Inferências

Para as crianças conseguirem elaborar esta ficha de trabalho, a educadora teve de, ao longo do ano, utilizar diversas estratégias para os seus alunos apreenderem o sentido de número, que na opinião de Serrazina (citado por Caldeira, 2009a), consiste em “compreender os seus significados, desenvolver relações entre os números, reconhecer a sua grandeza relativa.” (p. 66)

No entender das OCEPE (citadas por Castro e Rodrigues, 2008), é “mais importante perceber a correspondência de uma determinada quantidade a um número, do que saber de cor a sucessão numérica” (p. 16), pois só assim as crianças adquirem

na totalidade o sentido de número, facto observável, e não por meio da contagem oral. Grande parte dos alunos concretizou a ficha com sucesso.

Segunda-feira, 18 de junho de 2012

Como todas as segundas-feiras, os alunos do bibe amarelo iniciaram a manhã a conversarem com a educadora sobre o seu fim de semana. De seguida, a pedido das crianças, a educadora colocou o vídeo correspondente à história *O Nabo Gigante*, que foi realizado pelos alunos do 2.º Jardim-Escola de Coimbra.

Terminado este momento, os alunos dirigiram-se ao recreio e, de regresso à sala de aula, manipularam plasticina nas suas mesas. Realizaram as rotinas habituais.

Inferências

A plasticina é um material sempre muito apreciado pelas crianças, que adoram sentir e manipular diferentes materiais, e que, segundo Cordeiro (2010), “é uma actividade (...) que proporciona a oportunidade de desenvolver o tacto (...) e também de modelar.” (p. 372)

Trabalhar com plasticina é fulcral para o desenvolvimento das crianças, nomeadamente no que concerne, ao “desenvolvimento da motricidade fina”, sendo um ótimo “resultado do uso dos materiais moldáveis.” (Cordeiro, 2010, p. 372)

Este tipo de atividade também promove a socialização e a comunicação, visto que as crianças comunicam com os seus colegas ao partilharem as suas ideias, “construções” de plasticina.

Terça-feira, 19 de junho de 2012

Este dia teve início com a dramatização da história *A que sabe a lua?*, de Michael Grejniec. Enquanto a minha colega Ana contava a mesma, algumas crianças utilizaram dedoches para protagonizar os animais, encontrando-se atrás de um biombo.

Aproveitando o cenário, a educadora dramatizou a história da Carochinha e do João Ratão, aludindo à participação das crianças. Após o recreio, a mesma

disponibilizou às crianças o material palhinhas, recorrendo a um pequeno *placard* para concretizar variadas situações problemáticas. Ocorreram as rotinas habituais.

Inferências

No que concerne à dramatização exposta anteriormente, Reis (2003) é da opinião que “se a criança conhece histórias (...) o educador pode encorajar a sua dramatização mesmo que para isso precise de material extra.” (p. 130)

A educadora elegeu aleatoriamente os seus alunos, tendo atenção às crianças mais tímidas e com alguns problemas de expressão verbal. Segundo o mesmo autor, a criança ao dramatizar “cria situações que ela própria imagina, recreando factos ou imagens” (p. 130), pois como todas já conheciam a história, puderam expressar o que haviam imaginado quando a observavam e escutavam.

Sexta-feira, 22 de junho de 2012

Ao longo deste dia, as alunas estagiárias, referentes ao Mestrado em Educação Pré-Escolar, efetuaram a Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional, sendo observada e avaliada pela educadora titular da turma e por dois supervisores da Prática de Ensino Supervisionada.

Inferências

Tal como as outras aulas supervisionadas, esta prova também auxilia os futuros educadores no seu percurso profissional, pois há sempre aspetos positivos e aspetos negativos que remetem a uma reflexão para, segundo Ribeiro (2000), “um profissional se sentir capaz de enfrentar as situações sempre novas e diferentes com que se vai deparando na vida real”, levando-o “a tomar decisões cada vez mais ajustadas.” (p.90)

Assim, todas as aulas que se sucederam ao longo deste estágio, foram benéficas para os alunos estagiários, proporcionando uma evolução neste processo de formação

CAPÍTULO 2 – PLANIFICAÇÕES

Descrição do capítulo

O presente capítulo revela a seguinte estruturação: fundamentação teórica, apresentação de planificações de aulas baseadas no modelo T de unidade de aprendizagem, e respetivas inferências e fundamentação teórica.

As três planificações expostas, aplicadas ao longo do meu período de estágio, correspondem a diferentes áreas de conhecimento, nomeadamente à Área de Expressão e Comunicação, no domínio da Matemática e no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, como também na Área de Conhecimento do Mundo, seguidas da respetiva fundamentação teórica.

2.1 – Fundamentação Teórica

Planificar o dia-a-dia das crianças é fundamental para um crescimento favorável das mesmas, pois estas necessitam de rotinas e de atividades estruturadas propícias à sua faixa etária.

Assim, a Educação Pré-Escolar, segundo a Circular n.º 17/2007, de 10 de outubro, “é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida (...), favorecendo a formação e o desenvolvimento da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.” (p. 1)

Neste contexto, o educador desempenha uma função preponderante no desenvolvimento dos seus alunos, sendo necessária a prática de uma planificação constante dos diversos conteúdos que se pretendem explorar, utilizando diferentes metodologias e estratégias, ou seja, como refere Zabalza (2000), planejar “trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de acção.” (p. 47)

A transformação destas ideias em situações concretas, é realizada através da planificação que o educador efetua, e como relatam Clark e Peterson (citados por Zabalza, 1994), esta é “o conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais a pessoa visualiza o futuro, faz um inventário de fins e meios e constrói um marco de referência que guie as suas acções.” (p. 48)

Na opinião de Escudero (citado por Zabalza, 1994), relativamente ao conceito de planificação, o mesmo afirma:

tratar-se de prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das

razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (pp. 47-48)

Para a realização de planificações, o educador necessita conhecer o grupo e cada criança individualmente, sendo da mesma opinião, Ribeiro e Ribeiro (1989), que evidenciam ser essencial “o conhecimento das características e situação dos alunos a quem se dirige o processo de ensino.” (p. 433), para conseguir, antecipadamente, planear o processo educativo das mesmas, com o objetivo de proporcionar um ambiente estimulante e que promova aprendizagens significativas e diversificadas.

Sendo assim, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), consignam que o conceito de planear consiste na reflexão do educador sobre as suas intenções educativas e experiências de aprendizagem, tendo em conta os variados recursos necessários à sua realização.

No parecer de Ribeiro e Ribeiro (1989) planificar consta na seleção de “estratégias de ensino que envolvem os alunos em actividades de aprendizagem apropriadas à consecução dos objectivos e dos conteúdos definidos.” (p. 433)

A seleção destas mesmas estratégias e atividades didáticas, por parte dos docentes, representa, segundo os mesmos autores, “uma operação fundamental para o sucesso final que se pretende, sendo o papel do professor crucial nesta área de competência.” (p. 434)

Uma vez que, segundo os autores referidos anteriormente, a educação escolar visa “adquirir e desenvolver saberes, competências, atitudes e valores” (p. 44), uma das funções pertinentes do educador é, através da planificação, “clarificar o quê, o porquê e o como se pretende desenvolver o ensino” dos seus alunos. (Zabalza, 2000, p. 51)

Ao longo da sua carreira profissional, o educador deve refletir sobre a sua prática, sobre as suas planificações, inquirindo-se relativamente às metodologias e estratégias por ele utilizadas pois, no entender de Zeichner (1993), “os professores reflexivos perguntam-se constantemente porque estão a fazer o que fazem na sala de aula.” (p. 19)

Neste sentido, o mesmo autor refere que é necessário que o educador reflita sobre três tipos de consequências do seu ensino: “consequências pessoais – os efeitos do seu ensino nos auto-conceitos dos alunos; consequências académicas – os efeitos do seu ensino no desenvolvimento intelectual dos alunos; consequências sociais e políticas – os efeitos do seu ensino na vida dos alunos.” (p. 19)

Após planejar os conteúdos e metodologias a utilizar com os seus alunos, o educador efetua a sua planificação segundo determinado modelo. Posteriormente serão apresentadas planificações baseadas no Modelo T de unidade de aprendizagem, modelo adotado na metodologia João de Deus, sendo uma opção de planificação.

Este modelo de planificação foi elaborado por Martiniano Pérez, designando-se de Modelo T, por ter, como afirma Pérez (s.d.), “a forma de um T duplo: de objectivos (capacidades-valores) e de meios (conteúdos-métodos/actividades gerais).” (p. 7)

Neste modelo estão definidos, do lado esquerdo, os conteúdos a serem abordados com as crianças, bem como as capacidades a desenvolver ao longo da atividade. Do seu lado direito, estão dispostos os métodos previstos a serem utilizados na exploração dos conteúdos, como também as atitudes fomentadas.

Seguidamente, será apresentado o respetivo modelo e as suas características, no quadro 5.

Quadro 5 – Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade		
Plano de aula		
Ano: Educadora: Tempo/Duração: Data:	Estagiária: Ano:	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/Métodos	
Capacidades - Destrezas	Objetivos	Valores - Atitudes
Material:		

Perante estas características evidenciadas, o mesmo autor refere que o Modelo T agrupa “os objectivos fundamentais (capacidades-valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/actividades gerais (formas de fazer).” (p. 7)

Pérez (s. d.) menciona ainda que o desenho curricular “envolve a seleção dos elementos fundamentais do currículo, que são expostos numa planificação adequada, para se desenvolverem nas aulas.” (p. 7)

Ainda relativamente ao desenho curricular, Pérez e López (2012) referem que o mesmo está direccionado para o “desenvolvimento de capacidades e/ou valores como objectivos, que se decompõem em destrezas/habilidades e em atitudes.” (p. 345) Salientam também que o trabalho em sala de aula se processa através “de procedimentos/estratégias, orientados para o desenvolvimento de destrezas (capacidades) e/ou atitudes (valores) através de conteúdos (formas de saber) e métodos (formas de fazer).” (p. 345)

Quando o educador exerce a planificação, tem como suporte as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ou seja, baseia-se nas mesmas para planificar os conteúdos a abordar com os seus alunos e as metodologias a utilizar.

Em concordância, a Circular n.º 17/2007, refere que as OCEPE são “um conjunto de princípios gerais de apoio ao educador na tomada de decisões sobre a sua prática, isto é, na condução do processo educativo a desenvolver com as crianças.” (p. 1)

As OCEPE estão sempre interligadas com o Currículo da Educação Pré-Escolar, pois segundo a Circular n.º 17/2007, os seus princípios e objetivos envolvem a organização das OCEPE.

Como currículo, Zabalza (1994) defini-o como “o conjunto dos pressupostos de partida, das metas que se deseja alcançar e dos passos que se dão para alcançar; é o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, (...) que são considerados importantes para serem trabalhados na escola, ano após ano.” (p. 12)

Como auxílio à organização e gestão do currículo, os educadores dispõe de um projeto curricular de turma, que consiste, segundo a Circular n.º 17/2007, “num documento que define as estratégias de concretização e de desenvolvimento das orientações curriculares para a educação pré-escolar.” (p. 2)

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989), o currículo é, muitas vezes, reconhecido como um plano de estudos, como uma sequência de matérias propostas para um ciclo de estudos, e que se concretiza no horário das atividades letivas.

Ainda na opinião destes autores, o currículo é um “plano estruturado de ensino-aprendizagem, incluindo objectivos ou resultados de aprendizagem a alcançar, matérias ou conteúdos a ensinar, processos ou experiências de aprendizagem a promover.” (p. 51)

Neste sentido, sendo o currículo um conjunto de metas a alcançar por parte dos alunos, e que surge como consequência da prática, no entender de Pérez e López (2012), o mesmo é determinado como “a ponte entre a teoria e a prática, entre intenções ou projectos e a realidade” (p. 342), pois são “as tarefas que modelam a prática”. (p. 343)

No que diz respeito à prática, as tarefas escolares revelam ser as constituintes da mesma, sendo denominadas pelos mesmos autores, como “um conjunto de actividades orientadas para o desenvolvimento de uma capacidade e/ou um valor”, considerando-as como “estratégias de aprendizagem.” (p. 345)

Na opinião de Gimeno (citado por Pérez e López, 2012), as tarefas “possuem uma coerência interna, procuram uma determinada finalidade, lidam com um conteúdo preciso, envolvem elementos simples organizados de uma maneira particular.” (p. 342)

Seguidamente, exponho as planificações baseadas no modelo T de unidade de aprendizagem, que preparei para concretizar com os alunos do bibe amarelo B, destinando-se a uma manhã de atividades.

2.2 – Planificação da aula de domínio da Matemática

Quadro 6 - Planificação do domínio da Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade Plano de aula

Ano: Bibe Amarelo B

Estagiária: Ana Batalha

Educadora: Joana Sombreiro

Ano: Mestrado em Educação Pré-Escolar

Tempo/Duração: 20/30 minutos

Data: 08.05.2012

Domínio da Matemática

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos/Métodos	
<ul style="list-style-type: none">▪ Cuisenaire<ul style="list-style-type: none">▪ Situações problemáticas		<ul style="list-style-type: none">▪ Dispor os alunos pelas mesas;▪ Conversar sobre as caraterísticas do material;▪ Iniciar por construir a capoeira no cartão com as peças (situações problemáticas);▪ Elaborar a escada crescente até 5, e elaborar cálculos com os pintainhos entre outros;	
Capacidades - Destrezas	Objetivos		Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">➤ Expressão Oral:<ul style="list-style-type: none">▪ Interpretação▪ Fluidez mental➤ Orientação espaço-temporal:<ul style="list-style-type: none">▪ Reconhecer▪ Saber situar	<ul style="list-style-type: none">➤ Responsabilidade:<ul style="list-style-type: none">▪ Respeitador▪ Organizado➤ Respeito:<ul style="list-style-type: none">▪ Escutar▪ Compreender		
Material: Material Cuisenaire, cartões com a capoeira e imagens de pintainhos.			

Planificação baseada no Modelo T de unidade de aprendizagem.

Esta planificação está sujeita a alterações.

O plano de aula apresentado no Quadro 6, como já mencionei, foi elaborado para realizar com os alunos do bibe amarelo B, ou seja, com crianças da faixa etária 3 anos, sendo a mesma supervisionada pela educadora da sala.

O conteúdo desta planificação aborda o domínio da Matemática e utilizei o material Cuisenaire em conjunto com material não estruturado, para trabalhar diversos conteúdos, sendo planeada para o dia 8 de maio de 2012.

2.2.1 - Inferências e fundamentação teórica do plano de aula do domínio da Matemática

Nesta atividade, comecei por dispor a turma pelas mesas, nos seus lugares habituais, com o intuito de, segundo Arends (citado por Carita e Fernandes, 1997), “maximizar a cooperação e o envolvimento dos alunos e de diminuir o comportamento disruptivo.” (p. 75)

Relativamente ao material a ser utilizado, optei por trabalhar, com estas crianças, o material Cuisenaire, conjuntamente com cartões e imagens de pintainhos elaborados por mim.

Inicialmente questionei os alunos relativamente ao nome do material que continham em cima das mesas, como acerca das suas diferenças. De seguida, contei a história da galinha contida nos cartões, tendo os alunos de construir a sua capoeira, correspondendo as peças do Cuisenaire ao desenho do cartão.

Esta atividade, para além de ter o objetivo atrás mencionado, também pretendia que as crianças manipulassem bastante este material, ou seja, que fossem ativas na sua aprendizagem, pois, como refere Caldeira (2009b), este material foi “concebido principalmente como instrumento de investigação e descoberta nas mãos dos alunos.” (p. 245)

Na opinião da mesma autora, relativamente aos materiais manipulativos, o professor deve “adequar tarefas que permitam um papel activo, adequado e reflexivo na construção do saber.” (p. 246)

Após efetuada a ligação, realizei diversos exercícios, tais como a comparação entre quantidades e situações problemáticas, envolvendo a adição e a subtração. Visto nos primeiros anos, segundo Castro e Rodrigues (2008), as crianças recorrerem a materiais concretos para resolverem os problemas, na concretização da subtração, utilizei o material palhinhas para os alunos conseguirem executar o cálculo, visto alguns terem alguma dificuldade.

Seguidamente, construíram a escada crescente até 5, do lado esquerdo da capoeira que, no entender de Damas et al. (2010), é o procedimento indicado para as crianças trabalharem numa primeira fase, existindo uma maior compreensão dos objetivos previstos. Utilizei os pintainhos na mesma para a realização de diversos cálculos, referentes à localização dos mesmos na escada. Também efetuei a escada no quadro.

A utilização deste material conjuntamente com material não estruturado é uma estratégia que estimula muito as crianças, sendo observável o seu entusiasmo. Ponte e Serrazina (citados por Caldeira, 2009b) são da mesma opinião e referem que “o uso de materiais diversos pode contribuir para o desenvolvimento de um ambiente de trabalho participativo, através de uma actividade matemática estimulante.” (p. 79)

Quando os pintainhos chegaram ao cimo da capoeira, abordei os alunos quanto à árvore de fruto apresentada na imagem, questionando o seu nome. Proferi uma situação problemática relativa às maçãs que se encontravam na mesma, tendo os alunos de realizar uma divisão.

Nesta situação também utilizei as palhinhas para as crianças obterem o resultado pretendido. Finalizada esta aula, solicitei aos alunos que colocassem as peças no centro da mesa e se deslocassem para outro espaço da sala.

2.3 - Planificação da aula de domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 7 - Planificação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade Plano de aula

Ano: Bibe Amarelo B

Estagiária: Ana Batalha

Educadora: Joana Sombreiro

Ano: Mestrado em Educação Pré- Escolar

Tempo/Duração: 20/30 minutos

Data: 08.05.2012

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos/Métodos	
<ul style="list-style-type: none">▪ Leitura de uma história		<ul style="list-style-type: none">▪ Ler a história: “ Os ovos misteriosos”;▪ Apelar à participação dos alunos durante a mesma;▪ Solicitar aos alunos que descubram que animais estão dentro dos ovos;▪ Dialogar com os mesmos acerca da história.	
Capacidades - Destrezas	Objetivos		Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">➤ Expressão Oral:<ul style="list-style-type: none">▪ Interpretação▪ Vocabulário➤ Orientação espacial:<ul style="list-style-type: none">▪ Reconhecer▪ Identificar	<ul style="list-style-type: none">➤ Solidariedade:<ul style="list-style-type: none">▪ Colaborar/Cooperar➤ Respeito:<ul style="list-style-type: none">▪ Saber ouvir▪ Saber estar		
Material: Livro “Os ovos misteriosos” de Luísa Ducla Soares, ovos de esferovite, imagens de animais, galinha, palha e lãs.			

Planificação baseada no Modelo T de unidade de aprendizagem.

Esta planificação está sujeita a alterações.

A planificação anteriormente referida destina-se ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tendo como conteúdo a leitura da história *Os ovos misteriosos*, de Luísa Ducla Soares.

2.3.1 - Inferências e fundamentação teórica do plano de aula do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Após a atividade de domínio da Matemática solicitei às crianças, por mesas, que se sentassem nos sofás e no chão. De seguida, sentei-me numa cadeira para lhes contar a história *Os ovos misteriosos*, de Luísa Ducla Soares.

Sentar-me numa cadeira é fulcral quando o objetivo é realizar uma conversação com o grupo, pois sem a tomada desta decisão, como refere Hohmann e Weikart (2004), é difícil o diálogo quando “existe uma grande diferença entre o nível dos olhos e da cabeça das pessoas que falam.” (p. 532)

Ao longo da história pedi a colaboração dos mesmos, nomeadamente para construírem o ninho da galinha com palha e lãs. Também colocaram a galinha no ninho, como os seus ovos (de esferovite).

Continuando a leitura da história, aplicando inflexões de voz e alguns gestos, que no parecer de Agüera (2008), são “um bom recurso para que o educador acompanhe a narração” (p. 35), as crianças repetiram conjuntamente e diversas vezes, quadras que se repetiam ao longo da mesma.

Criando suspense, escolhia uma criança para ir buscar um ovo, abri-lo e observar que animal se encontrava dentro do mesmo, verificando se era o mesmo que anteriormente tentaram adivinhar. Segundo o mesmo autor, esta é uma boa estratégia, oferecendo às crianças a possibilidade de participarem ativamente nas histórias.

À medida que iam retirando os animais de dentro dos ovos, mostravam aos colegas e eu fixava-os no quadro, para toda a turma observar. Quando terminei este momento de leitura, criei algumas questões referentes à história.

No entender de Papalia et al. (2001), utilizando questões dirigidas e, usufruindo de tempo para responderem, os educadores contribuem para o desenvolvimento da linguagem dos seus alunos. De seguida, realizei um comboio com os alunos, dirigindo-os ao recreio e concedendo-lhes o lanche da manhã.

2.4 – Planificação da aula da Área do Conhecimento do Mundo

Quadro 8 – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade Plano de aula

Ano: Bibe Amarelo B

Estagiária: Ana Batalha

Educadora: Joana Sombreiro

Ano: Mestrado em Educação Pré- Escolar

Tempo/Duração: 20/30 minutos

Data: 08.05.2012

Conhecimento do Mundo

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos/Métodos	
<ul style="list-style-type: none">A galinha		<ul style="list-style-type: none">Exibir uma galinha verdadeira aos alunos;Descobrir com os alunos as suas características, locomoção, habitat, através da mesma;Dar a conhecer de que se alimentam;Revelar qual o produto utilizado pelo Homem e que é produzido pela galinha.	
Capacidades - Destrezas	Objetivos		Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">➤ Expressão Oral:<ul style="list-style-type: none">Organização da informaçãoVocabulário➤ Raciocínio lógico:<ul style="list-style-type: none">ObservarAnalisar	<ul style="list-style-type: none">➤ Cooperação:<ul style="list-style-type: none">InteresseParticipação➤ Respeito:<ul style="list-style-type: none">Saber ouvirSaber estar		
Material: Galinha, gaiola, alimentos e ovo.			

Planificação baseada no Modelo T de unidade de aprendizagem.

Esta planificação está sujeita a alterações.

Para concluir a manhã de aulas, elaborei o plano de aula anterior, com o objetivo de proporcionar aos alunos uma aula referente à Área de Conhecimento do Mundo, tendo como temática a galinha.

2.4.1 - Inferências e fundamentação teórica do plano de aula da Área de Conhecimento do Mundo

A seguir ao intervalo da manhã, realizei um comboio com as crianças, e dirigi-as até à sua sala, solicitando que se sentassem no sofá e no chão. Depois de a turma estar em silêncio, disse-lhes que possuía uma surpresa, dando-lhes pistas para adivinharem.

Quando descobriram no que constava a surpresa, destapei uma gaiola que possuía uma galinha, sendo evidente o entusiasmo por parte dos alunos. Seguidamente, comecei por conversar sobre a mesma com as crianças, escutando as suas opiniões e vivências relacionadas com este animal.

Neste contexto, as OCEPE (1997) evidenciam que se deve reconhecer a criança “como sujeito do processo educativo”, e que se deve “partir do que a criança já sabe e valorizar os seus saberes como fundamento de novas aprendizagens.” (p. 14)

Através do diálogo foram indicadas as características físicas da galinha, a sua alimentação e o que a mesma produz. Quando abordada a alimentação da mesma, dei a observar às crianças milho e trigo, e autorizei, com a minha ajuda, que algumas dessem couve à galinha.

Através da proximidade com um animal, neste caso a galinha, as crianças estiveram em contato com o mundo real, conhecendo o ambiente à sua volta. A exploração das características gerais deste animal, segundo Saraiva (2003), deve realizar-se “através de diálogos onde deve observar, descobrir e descrever, enriquecendo assim o seu vocabulário familiar”, facto que se confirmou. (p. 150),

Como estavam muito entusiasmados, optei por mostrar um ovo de galinha dentro de uma caixa, abrindo só um pouco da mesma e, solicitando que não contassem aos colegas o que estavam a observar.

No decorrer da aula, alguns alunos realizaram questões pertinentes às quais respondi, esclarecendo-os. No final da mesma, escolhi três crianças de cada vez para tocarem nas penas da galinha e cantei uma música alusiva ao tema.

CAPÍTULO 3 – Dispositivos de avaliação

Descrição do capítulo

Este capítulo apresenta a seguinte organização: fundamentação teórica, exposição de três dispositivos de avaliação, sendo os mesmos referentes a uma atividade do domínio da Matemática, do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e, por último, referente à Área de Conhecimento do Mundo.

Associado a cada dispositivo de avaliação foi concretizada uma contextualização da atividade, a descrição dos parâmetros e critérios de avaliação, a grelha de avaliação, a descrição da grelha de avaliação, a apresentação dos resultados em gráfico e, para finalizar, a análise do mesmo.

3.1 Fundamentação Teórica

O termo avaliação é utilizado no quotidiano, em diversos contextos. No entanto, neste capítulo, será abordada uma avaliação específica, plenamente ligada à educação. Contudo, primeiramente é necessário refletir sobre o conceito de avaliar, que corresponde, segundo Ribeiro e Ribeiro (1989), “a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.” (p. 337)

Ao longo do ano letivo, a avaliação é uma constante no dia-a-dia dos docentes, pois esta consiste, segundo os mesmos autores, numa “operação indispensável em quaisquer circunstâncias de ensino e aprendizagem” (p. 339), sendo também, no parecer da Circular n.º 4/2011, de 11 de abril, “um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades.” (p. 1)

Neste contexto, se esta é parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, tem como função, no entender de Fernandes (2005), ajudar “a melhorar, a corrigir, a integrar, a regular, a definir critérios, a diagnosticar, e a facilitar a comunicação.” (p.90)

Assim, a avaliação das aprendizagens, como prática específica da instituição escolar, constitui uma das componentes curriculares do processo de ensino-aprendizagem. (Ferreira, 2007, p. 15)

A avaliação fornece variadas informações aos pais, encarregados de educação e aos professores/educadores, nomeadamente, segundo o Despacho n.º 30/2001

(citado por Leite e Fernandes, 2002a), “sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências”, adquiridas pelas crianças. (p.77)

O fornecimento destas informações, através da avaliação, permite, conforme o mesmo Despacho, “rever e melhorar os processos de trabalho” (p. 77), evitando, na opinião de Leite e Fernandes (2002a) “desvios ao que previamente foi planificado” e impedindo “a ocorrência de efeitos marginais ao caminho delineado e aos resultados antecipados.” (p. 39)

Ainda com o mesmo pensamento, Santos Guerra (citado por Ferreira, 2007) afirma que a avaliação é “imprescindível para conhecer e melhorar o que se faz” pois, “através da compreensão da acção realizada, é possível verificar o que está bem e o que está mal, procedendo-se a mudanças no sentido de melhorar essa acção.” (p. 11)

Na avaliação escolar, o foco da atenção destina-se aos alunos, ao seu desenvolvimento e aquisição de conhecimentos/aprendizagens, ao longo do seu percurso escolar, sendo objeto de avaliação, segundo Ferreira (2007), “as suas capacidades, interesses, necessidades, expectativas iniciais, (...) o seu ritmo de trabalho e o seu percurso de aprendizagem”, como também “os resultados conseguidos nesse mesmo processo.” (p. 16)

No que concerne à Educação Pré-Escolar, a avaliação é parte integrante do currículo, permitindo, na opinião de Alonso (citado por Ferreira, 2007) “regular e monitorizar a adequação e a pertinência das decisões adoptadas sobre as diferentes dimensões curriculares e organizativas”, possibilitando “a criação de ambientes de aprendizagem de qualidade.” (p. 15)

É da função do educador de infância, segundo o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, criar e desenvolver “o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas.” (anexo n.º1, capítulo II, ponto 1)

O educador de infância possui um papel preponderante na concretização da avaliação dos seus alunos, pois através desta, evidencia as dificuldades dos mesmos, tomando iniciativas apropriadas para contornar as mesmas, como também os conhecimentos e competências que conquistaram.

Em concordância com o referido anteriormente, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (citadas na Circular n.º 4/2011, de 11 de abril) apontam que

“avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução.” (p. 2)

No processo de avaliação, o educador tem em consideração cada criança individualmente, tendo em conta diferentes momentos e atividades, tomando como ponto de partida, segundo Figueiredo (2005) “de como ela era antes para podermos conceituar a sua evolução.” (p. 40)

Ainda no mesmo sentido, o mesmo autor indica que “o jardim de infância valoriza o processo avaliativo apenas enquanto compara cada criança somente com ela mesma, verificando a sua evolução no decorrer do tempo.” (p. 40)

Para além de a avaliação ser bastante importante na programação de atividades a desenvolver, no âmbito de colmatar determinadas dificuldades das crianças, esta também é necessária, no entender do mesmo autor, “para que os pais e educadores se consciencializem do nível de desenvolvimento a que cada criança conseguiu chegar, para que seja possível estimular a sua continuidade” (p. 40), fulcral para os alunos se sentirem motivados e empenhados/atentos em contexto escolar.

No entanto, a avaliação das crianças deve ser elaborada perante observações discretas, enquanto as mesmas realizam diversas atividades pois, ainda na opinião do mesmo autor, as crianças ao pressentirem que estão a ser avaliadas, tornam-se “tensas, mais preocupadas em agradar (...) do que em descobrir as coisas que realmente lhes interessam.” Por este motivo, privilegia-se “uma avaliação que se realize informalmente, através da observação constante das actividades e das atitudes” das mesmas. (p. 41)

Na Educação Pré-Escolar, o educador avalia os seus alunos ao longo do ano, como também tem como princípio a avaliação diagnóstica e a avaliação formativa. Relativamente ao percurso da avaliação na Educação Pré-Escolar, segundo Portugal e Laevers (2010) “numa fase inicial, esta (...) realiza-se (...) no final do primeiro mês do ano lectivo (...avaliação diagnóstica). Outros momentos de avaliação (...) deverão ocorrer ao longo do ano.” (p. 77)

No que concerne à avaliação diagnóstica, esta é concretizada no início do ano lectivo, pelo educador e, segundo a Circular n.º 4/2011, esta “tem em vista a caracterização do grupo e de cada criança”, podendo ocorrer “em qualquer momento do ano lectivo quando articulada com a avaliação formativa.” (p. 4)

Sendo assim, esta tem como finalidade, referida por Ferreira (2007), “determinar o grau de preparação do aluno” antes de iniciar o ano letivo, “já que determina o seu nível prévio e possibilita averiguar possíveis dificuldades que possa ter no decorrer do processo de ensino-aprendizagem.” (p. 24)

Esta avaliação permite, segundo o mesmo autor, que o educador conheça certas características dos seus alunos, tais como os seus interesses, a sua disposição para a aprendizagem e os seus conhecimentos prévios relativamente a determinados assuntos, criando assim as condições necessárias à planificação do processo de ensino-aprendizagem. (Ferreira, 2007)

Mencionando a mesma opinião, Hadji (citado por Ferreira, 2007) refere que a avaliação diagnóstica permite “explorar ou identificar algumas características do aluno para a decisão da sequência de formação mais adequada a essas características.” (p.25)

Concretizado este tipo de avaliação, que facilita a planificação por parte do educador, o mesmo pode, segundo Ferreira (2007) “ajustar a sua acção, seleccionar actividades e objectivos adequados às características dos alunos e à sua situação específica, de modo a criar condições para que possam fazer aprendizagens relevantes e significativas” (p.25) adequando “estratégias, actividades, conteúdos” e “objectivos.” (p. 26)

Respetivamente à avaliação formativa, Cortesão (citado por Leite e Fernandes, 2002a) afirma que a mesma pressupõe “um conjunto de práticas variadas que se integram no processo de ensino-aprendizagem”, procurando “contribuir para que os alunos se apropriem melhor das aprendizagens curricularmente estabelecidas como importantes.” (p. 41)

Também referida na Circular n.º 4/2011, a avaliação formativa constitui-se como “um instrumento de apoio e de suporte da intervenção educativa, ao nível do planeamento e da tomada de decisões do educador.” (p. 2)

Este tipo de avaliação é concretizada com o intuito de verificar se, os objetivos a alcançar por parte dos alunos, estão a ser cumpridos, como também de encontrar estratégias para os mesmos serem conseguidos. Em consenso com esta afirmação, Leite (citada em Leite e Fernandes, 2002a) refere que a finalidade da avaliação formativa é “não apenas dar informações sobre o grau de consecução dos objectivos fixados antecipadamente, mas também ajudar a tomar decisões quanto aos processos de os conseguir alcançar.” (p. 41)

Por conseguinte, Leite e Fernandes (2002a) afirmam que a mesma “recorre a instrumentos e a procedimentos que permitam compreender o estado da situação e do conhecimento ao longo do processo de formação” (p. 43), tendo também como função, diagnosticar as dificuldades dos seus alunos, como também as causas. (Ferreira, 2007)

Neste capítulo apresento grelhas de avaliação, segundo uma escala de classificação, que elaborei com o objetivo de avaliar os conhecimentos dos alunos relativamente a duas áreas de conteúdo.

Assim, Tendbrink (2002) afirma que “as escalas de avaliação são instrumentos úteis para observar o rendimento e as realizações dos estudantes”, (p. 257) e que também “consistem num conjunto de características ou comportamentos a julgar e algum tipo de hierarquia.” (p. 259)

Para a concretização destas grelhas de avaliação, recorri a uma escala denominada de escala de Likert, que segundo Tuckman (2000) “é uma escala de cinco níveis, em que cada um desses diferentes níveis é considerado de igual amplitude.” (p.279)

Ao observar as grelhas de avaliação, utilizando esta escala, observo a qualidade dos trabalhos efetuados pelas crianças, pois segundo Tenbrink (2002) “o observador usa a escala para indicar a qualidade, quantidade ou nível de rendimento observado.” (p. 259)

De seguida, apresentarei a respetiva escala de Likert, na qual os seus parâmetros se dispõem de 1 a 5, sendo os mesmos:

- 1 – Fraco (de 0 a 2,9 valores)
- 2 – Insuficiente (de 3 a 4,9 valores)
- 3 – Suficiente (de 5 a 6,9 valores)
- 4 – Bom (de 7 a 8,9 valores)
- 5 – Muito Bom (de 9 a 10 valores)

3.2 Avaliação da atividade do domínio da Matemática

3.2.1 Contextualização da atividade

Esta atividade, relativa ao domínio da Matemática, foi concretizada no bibe amarelo B, no dia 8 de junho de 2012. Apesar de esta turma ser constituída por 28 crianças, esta atividade destinou-se a 20 alunos, visto as outras não estarem presentes

A respetiva atividade consiste, primeiramente, em pintarem os conjuntos de maçãs, que contenham apenas, um par das mesmas, como também ilustrarem o tronco da árvore com a cor castanha.

Também elaborarão um ditado gráfico e efetuarão a correspondência entre o número e a respetiva quantidade de pintas, das peças de dominó, ilustrando por fim os números. (Anexo 1)

3.2.2 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Identificar quanto é um par: neste parâmetro pretende-se que as crianças tenham interiorizado o conceito de par, pintando a quantidade exata.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Pinta a quantidade correta;
- Não pinta a quantidade correta.

Reconhecer a cor castanha: neste parâmetro deseja-se que os alunos identifiquem a cor solicitada.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Ilustra com a cor correta;
- Ilustra com a cor incorreta.

Orientação espacial: neste parâmetro pretende-se que as crianças desenhem um sol e uma flor, seguindo as instruções do desenho gráfico.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Desenha o sol e a flor de acordo com o desenho gráfico;
- Desenha o sol de acordo com o desenho gráfico;
- Desenha a flor de acordo com o desenho gráfico;

- Não desenha o sol e a flor de acordo com o desenho gráfico.

Associação do número à respetiva quantidade: neste parâmetro deseja-se que as crianças contem o número de pintas das peças de dominó, e realizem a correspondência entre o respetivo número.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Efetua a correspondência entre os seis números e a respetiva quantidade;
- Efetua a correspondência entre os cinco números e a respetiva quantidade;
- Efetua a correspondência entre os quatro números e a respetiva quantidade;
- Efetua a correspondência entre os três números e a respetiva quantidade;
- Efetua a correspondência entre os dois números e a respetiva quantidade;
- Efetua a correspondência entre um número e a respetiva quantidade;
- Resposta incorreta.

Motricidade fina: neste parâmetro deseja-se que os alunos ilustrem os números a seu gosto, pintando dentro dos limites da imagem.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Pinta corretamente os números, respeitando a limitação dos mesmos;
- Pinta os números sem respeitar a limitação dos mesmos.

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Identificar quanto é um par	1.1 Pinta a quantidade correta	2	2
	1.2 Não pinta a quantidade correta	0	
1.1 Reconhecer a cor castanha	1.1.1 Ilustra com a cor correta	1	1
	1.1.2 Ilustra com a cor incorreta	0	
2. Orientação espacial	2.1 Desenha o sol e a flor de acordo com o desenho gráfico	3	3
	2.2 Desenha o sol de acordo com o desenho gráfico	1,5	
	2.3 Desenha a flor de acordo com o desenho gráfico	1,5	
	2.4 Não desenha o sol e a flor de acordo com o desenho gráfico	0	
3. Associação do número à respetiva quantidade	3.1 Efetua a correspondência entre os seis números e a respetiva quantidade	3	3
	3.2 Efetua a correspondência entre os cinco números e a respetiva quantidade	2,5	
	3.3 Efetua a correspondência entre os quatro números e a respetiva quantidade	2	
	3.4 Efetua a correspondência entre os três números e a respetiva quantidade	1,5	
	3.5 Efetua a correspondência entre os dois números e a respetiva quantidade	1	
	3.6 Efetua a correspondência entre um número e a respetiva quantidade	0,5	
	3.7 Resposta incorreta	0	
3.1 Motricidade fina	3.1.1 Pinta corretamente os números, respeitando a limitação dos mesmos	1	1
	3.1.2 Pinta os números sem respeitar a limitação dos mesmos	0	
Total		10	

3.2.3 Grelha de avaliação

Seguidamente é apresentada a grelha de avaliação quantitativa, relativa à atividade do domínio da Matemática.

Quadro 9 - Grelha de avaliação quantitativa da atividade do domínio da Matemática

Parâmetros	1	1.1	2	3	3.1	Total
Cotações	2	1	3	3	1	
N.º						
1	2	1	3	3	1	10
2	0	1	3	3	0	7
3	2	1	3	3	1	10
4	2	1	3	3	1	10
5	2	1	1,5	3	0	7,5
6	2	1	3	3	0	9
7	0	1	3	3	0	7
8	2	1	1,5	3	1	8,5
9	2	1	3	3	1	10
10	0	1	3	3	0	7
11	0	1	3	3	1	8
12	0	1	3	3	1	8
13	2	1	3	3	1	10
14	2	1	3	3	0	9
15	0	1	3	3	0	7
16	2	1	1,5	3	0	7,5
17	2	1	3	3	1	10
18	2	1	3	3	1	10
19	2	1	3	3	0	9
20	2	1	1,5	3	0	7,5
Média Aritmética						8,6

3.2.4 Descrição da grelha de avaliação

Através da grelha de avaliação quantitativa, acima referida, posso observar que, das vinte crianças que realizaram esta atividade, seis não identificaram corretamente um par. Contudo, todas ilustraram o tronco da árvore com a cor castanha.

Relativamente ao parâmetro da orientação espacial, a maioria das crianças desenhou o sol e a flor de acordo com o desenho gráfico. Somente quatro alunos não cumpriram corretamente o mesmo, pois três não desenharam o sol no local solicitado e um desenhou a flor à direita do tronco da árvore, evidenciando alguma dificuldade relativamente à lateralização.

Todas as crianças efetuaram a correspondência entre os seis números e a respetiva quantidade. No que diz respeito ao último parâmetro, dez alunos pintaram corretamente os números, respeitando a limitação dos mesmos, enquanto dez não ilustraram os mesmos adequadamente.

De acordo com as cotações finais desta proposta de atividade, observo que sete alunos alcançaram a cotação máxima, nomeadamente dez pontos. Três crianças

obtiveram nove pontos e somente uma adquiriu a cotação de oito pontos e cinco décimas. Ainda assim, duas crianças obtiveram a cotação de oito pontos e três alunos de sete pontos e cinco décimas.

Para finalizar, quatro alunos alcançaram a cotação mais baixa desta atividade, adquirindo sete pontos.

3.2.5 Apresentação dos resultados em gráfico

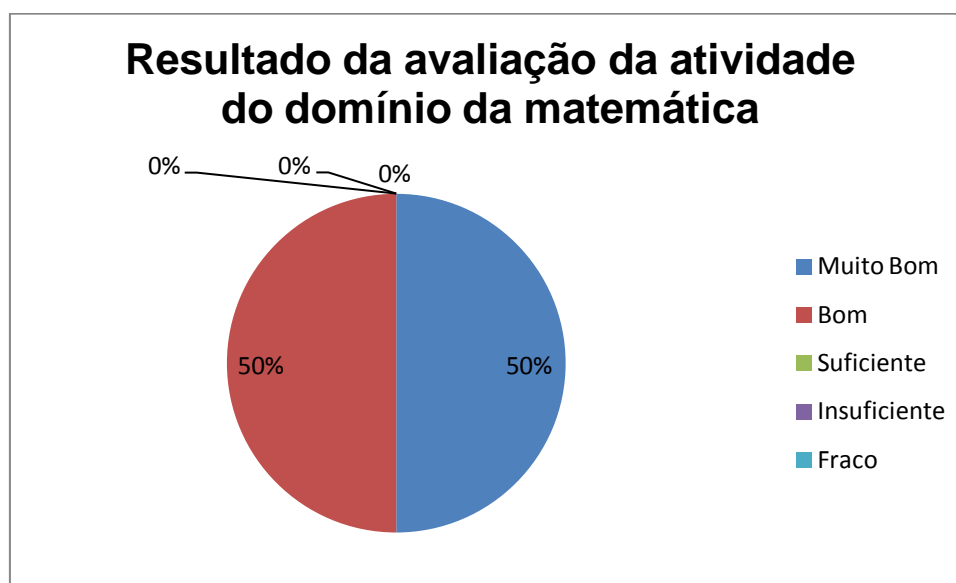


Figura 4 – Resultados da avaliação da atividade do domínio da Matemática

Quadro 10 – Escala de avaliação utilizada

Fraco – de 0 a 2,9 valores
Insuficiente – de 3 a 4,9 valores
Suficiente – de 5 a 6,9 valores
Bom – de 7 a 8,9 valores
Muito Bom – de 9 a 10 valores

3.2.6 Análise do gráfico

Através da análise do gráfico acima apresentado, conclui-se que nesta atividade, referente ao domínio da Matemática, nenhuma criança obteve Fraco, Insuficiente e Suficiente. Assim, metade dos alunos, nomeadamente 50%, adquiriu a classificação de Bom e as restantes crianças, ou seja, 50%, adquiriram a classificação de Muito Bom.

Neste contexto, é observável a inexistência do predomínio de uma das classificações, pois metade dos alunos que realizou esta atividade possuiu Bom e outra metade usufruiu da classificação Muito Bom, não existindo classificações negativas.

3.3 Avaliação da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.3.1 Contextualização da atividade

Esta atividade foi elaborada no bibe azul B, no dia 24 de julho de 2012, destinando-se ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Esta atividade foi realizada por 15 alunos, apesar de a turma ser constituída por 26 crianças, pois as restantes não se encontravam presentes.

Primeiramente, os alunos pintaram as sílabas que formavam a palavra correspondente à imagem, ilustrando a mesma.

De seguida, observaram as sílabas desordenadas de três palavras, leram as mesmas e escreveram-nas ordenadamente, efetuando depois a respetiva ligação entre palavra e imagem. Por fim, pintaram as imagens. (Anexo 2)

3.3.2 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Construção de palavras: neste parâmetro pretende-se que os alunos identifiquem as sílabas das palavras referentes às imagens, colorindo as mesmas.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Pinta as sílabas de cinco palavras corretamente;
- Pinta as sílabas de quatro palavras corretamente;
- Pinta as sílabas de três palavras corretamente;

- Pinta as sílabas de duas palavras corretamente;
- Pinta as sílabas de uma palavra corretamente;
- Resposta incorreta.

Ordenação de sílabas e escrita de palavras: neste parâmetro deseja-se que as crianças ordenem as sílabas das palavras e as escrevam corretamente.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Escreve três palavras corretamente;
- Escreve duas palavras corretamente;
- Escreve uma palavra corretamente;
- Resposta incorreta.

Associação da palavra à imagem: neste parâmetro pretende-se que os alunos, após escreverem as palavras, associem as mesmas às imagens correspondentes.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Efetua a correspondência entre três imagens;
- Efetua a correspondência entre duas imagens;
- Efetua a correspondência entre uma imagem;
- Resposta incorreta.

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotações
1. Construção de palavras	1.1 Pinta as sílabas de cinco palavras corretamente	4	4
	1.2 Pinta as sílabas de quatro palavras corretamente	3,2	
	1.3 Pinta as sílabas de três palavras corretamente	2,4	
	1.4 Pinta as sílabas de duas palavras corretamente	1,6	
	1.5 Pinta as sílabas de uma palavra corretamente	0,8	
	1.6 Resposta incorreta	0	
2. Ordenação de sílabas e escrita de palavras	2.1 Escreve três palavras corretamente	4	4
	2.2 Escreve duas palavras corretamente	2,5	
	2.3 Escreve uma palavra corretamente	1,5	
	2.4 Resposta incorreta	0	
2.1 Associação da palavra à imagem	2.1.1 Efetua a correspondência entre três imagens	2	2
	2.1.2 Efetua a correspondência entre duas imagens	1,5	
	2.1.3 Efetua a correspondência entre uma imagem	1	
	2.1.4 Resposta incorreta	0	
Total		10	

3.3.3 Grelha de avaliação

De seguida é apresentada a grelha de avaliação quantitativa, relativa à atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Quadro 11 - Grelha de avaliação quantitativa da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	1	2	2.1	Total
Cotações	4	4	2	
N.º				
1	4	4	2	10
2	4	2,5	2	8,5
3	4	4	2	10
4	4	2,5	2	8,5
5	4	4	2	10
6	4	4	2	10
7	4	4	2	10
8	4	4	2	10
9	4	4	2	10
10	4	4	2	10
11	4	4	2	10
12	4	4	2	10
13	4	4	2	10
14	4	4	2	10
15	4	2,5	2	8,5
Média Aritmética				9,7

3.3.4 Descrição da grelha de avaliação

Ao visualizar a grelha de avaliação quantitativa, conclui-se que todos os alunos pintaram as sílabas corretas das cinco palavras. No que diz respeito à ordenação e escrita das três palavras, somente três alunos não obtiveram a cotação máxima, pois escreveram incorretamente uma palavra. Por fim, relativamente ao último parâmetro, é notório que todas as crianças efetuaram corretamente a associação das três palavras às respetivas imagens.

Comparativamente às cotações finais desta atividade, verifico que doze alunos alcançaram a cotação máxima de dez pontos. Contudo, três alunos obtiveram a cotação de oito pontos e cinco décimas, sendo esta a cotação mais baixa adquirida nesta proposta de atividade.

3.3.5 Apresentação dos resultados em gráfico

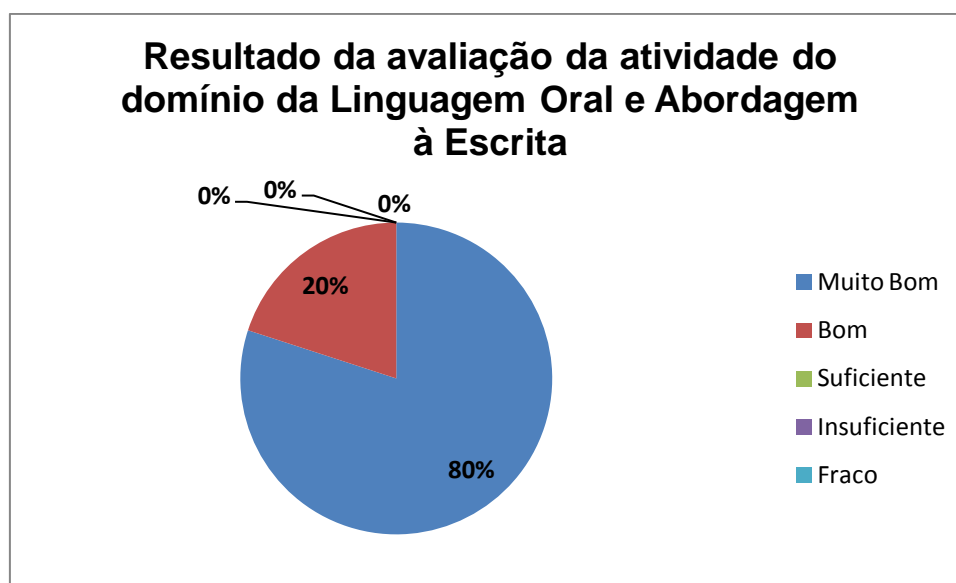


Figura 5 - Resultados da avaliação da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.3.6 Análise do gráfico

Após a análise do gráfico acima referido, conclui-se que nesta proposta de atividade, no âmbito do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, nenhum aluno apresentou a classificação de Fraco, Insuficiente e Suficiente. No entanto, 20% dos alunos obtiveram a classificação de Bom e 80% a classificação de Muito Bom.

Neste gráfico é notável a predominância da classificação Muito Bom, relativamente à classificação Bom, sendo constatável que a maioria dos alunos obteve um ótimo desempenho na concretização desta atividade.

Através dos resultados obtidos no gráfico, é possível constatar que os alunos têm adquirido com eficácia os conhecimentos transmitidos pela educadora, visto esta proposta de trabalho estar adequada à faixa etária e aos conteúdos transmitidos aos mesmos.

3.4 Avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo

3.4.1 Contextualização da atividade

Esta atividade foi concretizada no bibe encarnado B, tendo como referência a Área de Conhecimento do Mundo. A mesma foi realizada no dia 11 de junho de 2012 e, apesar de a turma ser constituída por 30 alunos, esta atividade destinou-se a 23 crianças, visto as outras não estarem presentes

Primeiramente, esta atividade consistiu na identificação de animais mamíferos e de aves, circundando as últimas de amarelo e os mamíferos de encarnado, pintando os mesmos. O segundo exercício teve como objetivo colorirem os animais que se deslocam na água. (Anexo 3)

3.4.2 Descrição dos parâmetros e dos critérios de avaliação

Identificação dos animais mamíferos e das aves: neste parâmetro pretende-se que as crianças distingam animais mamíferos de aves, circundando-os com a cor indicada.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Circunda três mamíferos;
- Circunda dois mamíferos;
- Circunda um mamífero;
- Não circunda mamíferos;
- Circunda três aves;
- Circunda duas aves;
- Circunda uma ave;
- Não circunda aves.

Identificação dos animais que se deslocam na água: neste parâmetro deseja-se que os alunos identifiquem, entre s variados animais, aqueles que se deslocam na água.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Identifica corretamente três animais;
- Identifica corretamente dois animais;
- Identifica corretamente um animal;

— Resposta incorreta.

Motricidade fina: neste parâmetro pretende-se que as crianças ilustrem, a seu gosto, os animais que se deslocam na água, pintando dentro dos limites da imagem.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Pinta corretamente as imagens, respeitando a limitação das mesmas;
- Pinta as imagens sem respeitar a limitação das mesmas.

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Identificação dos animais mamíferos e das aves	1.1 Circunda três mamíferos	2	4
	1.2 Circunda dois mamíferos	1,5	
	1.3 Circunda um mamífero	1	
	1.4 Não circunda mamíferos	0	
	1.5 Circunda três aves	2	
	1.6 Circunda duas aves	1,5	
	1.7 Circunda uma ave	1	
	1.8 Não circunda aves	0	
2. Identificação dos animais que se deslocam na água	2.1 Identifica corretamente três animais	4	4
	2.2 Identifica corretamente dois animais	3	
	2.3 Identifica corretamente um animal	2	
	2.4 Resposta incorreta	0	
2.1 Motricidade fina	2.1.1 Pinta corretamente as imagens, respeitando a limitação das mesmas	1	2
	2.1.2 Pinta as imagens sem respeitar a limitação das mesmas	0	
Total		10	

3.4.3 Grelha de avaliação

Seguidamente é apresentada a grelha de avaliação quantitativa, relativa à atividade da Área de Conhecimento do Mundo.

Quadro 12 - Grelha de avaliação quantitativa da atividade da Área de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	1	2	2.1	Total
Cotações	4	4	2	
N.º				
1	4	4	0	8
2	4	4	2	10
3	4	4	2	10
4	4	4	2	10
5	4	4	2	10
6	4	4	2	10
7	3,5	4	0	7,5
8	4	4	2	10
9	4	4	0	8
10	4	4	0	8
11	4	4	0	8
12	4	4	0	8
13	3,5	4	2	9,5
14	4	4	2	10
15	4	4	0	8
16	4	4	2	10
17	4	4	0	8
18	4	4	2	10
19	4	4	0	8
20	4	4	2	10
21	4	4	0	8
22	4	4	0	8
23	4	4	0	8
Média Aritmética				8,9

3.4.4 Descrição da grelha de avaliação

Por meio de observação da grelha quantitativa, acima mencionada, verifico que a maioria dos alunos identificou corretamente os animais mamíferos e as aves, existindo somente duas crianças na situação contrária. No parâmetro seguinte, todas as crianças obtiveram a cotação máxima, identificando os três animais que se deslocam na água.

Por fim, no último parâmetro, nem todas as crianças pintaram corretamente as imagens dos respetivos animais, existindo onze que as pintaram, respeitando o limite das mesmas, e doze que pintaram incorretamente.

Em relação às cotações finais da presente atividade, constato que dez alunos obtiveram a cotação máxima, referente a dez pontos, e que uma criança apresentou uma cotação de nove pontos e cinco décimas. Onze crianças alcançaram uma

cotação de oito pontos, e meramente um aluno adquiriu a cotação mínima desta proposta de atividade, sendo esta de sete pontos e cinco décimas.

3.4.5 Apresentação dos resultados em gráfico

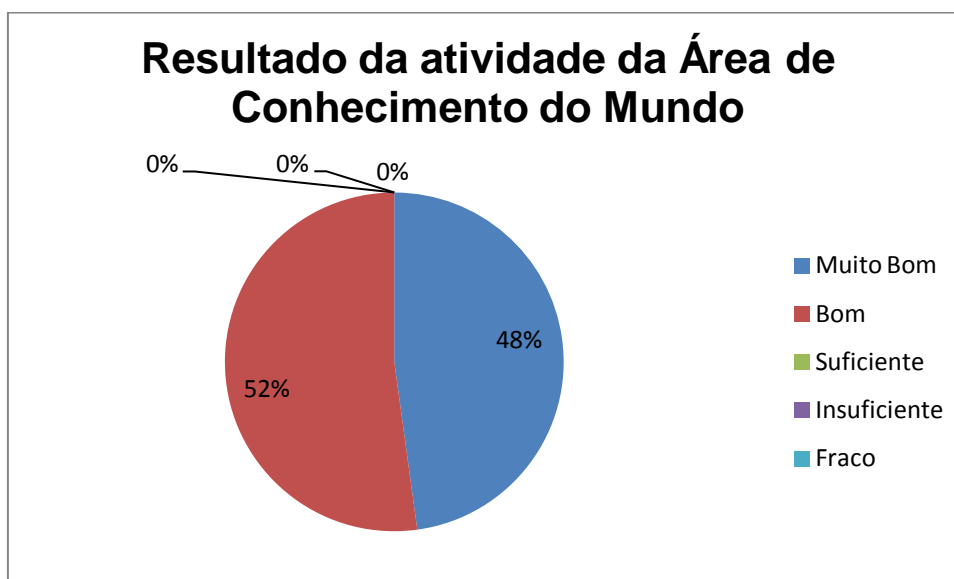


Figura 6 - Resultados da avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo

3.4.6 Análise do gráfico

Através da análise do gráfico acima apresentado, observo que nesta proposta de atividade, relativa à Área de Conhecimento do Mundo, é nula a classificação de Fraco, Insuficiente e Suficiente. Neste contexto, 52% dos alunos alcançou a classificação de Bom e os restantes, precisamente 48%, adquiriu a classificação de Muito Bom.

Visualizando o gráfico, é observável a pouca diferença entre as duas classificações obtidas pelos alunos. Contudo, é de considerar que a maioria das crianças não obteve a classificação máxima possível, mas sim a classificação de Bom.

Perante os resultados evidenciados no gráfico, é notório que a maioria dos alunos tem interiorizado de forma positiva os conhecimentos transmitidos pela educadora, mas que, a nível da sua motricidade fina, muitos dos alunos ainda revelam alguma dificuldade.

REFLEXÃO FINAL

1 – Considerações finais

O Estágio Profissional evidenciado neste Relatório de Estágio Profissional decorreu ao longo do ano letivo de 2011/2012, nomeadamente entre o dia 26 de setembro de 2011 e o dia 22 de junho de 2012.

Durante este ano letivo, os alunos a frequentar o Mestrado, tiveram oportunidade de frequentar o estágio três vezes por semana, sendo fundamental este contacto com a realidade educativa para a nossa formação profissional.

Esta formação insere-se num processo contínuo, onde nós, formandos, aplicamos os saberes que nos foram transmitidos ao longo destes anos de estudo, sendo assim articulada a teoria com a prática, a única que nos consciencializa para a realidade educativa.

Por meio da prática, como futuros profissionais, adquirimos conhecimentos, metodologias e estratégias que serão fundamentais quando exercermos a função de docentes. Ao longo destes meses, através do contacto com as crianças das diversas faixas etárias, tive uma maior consciência e perceção dos seus saberes, das suas competências e habilidades, bem como do seu desenvolvimento em geral.

Assim, percecionei que alunos de idades diferentes possuem motivações distintas, sendo fundamental que o educador proporcione atividades que vão ao encontro dos seus interesses, que utilize estratégias que os estimulem e que fomentem a sua curiosidade, bem como o seu desenvolvimento, respeitando assim o ritmo de cada criança como ser individual.

Neste contexto, o educador deve proporcionar diferentes atividades que integrem as variadas áreas de conteúdo, nomeadamente a Área de Formação Pessoal e Social, a Área de Expressão e Comunicação e a Área de Conhecimento do Mundo, incluindo os diferentes domínios nelas inseridos.

Através das aulas planificadas e concretizadas com os alunos dos diversos bibes, pude refletir acerca da minha prestação como futura profissional, ponderando sobre as minhas ações, a minha postura, tendo como objetivo o meu crescimento individual, pessoal, fulcral para o meu desempenho futuro.

Na opinião de Sá-Chaves (2007), o aluno estagiário, ao longo do seu percurso de formação, deve executar “uma reflexão sobre si próprio, questionando os seus

próprios papéis, funções, desempenhos e concepções, tornando-se (...) actor, sujeito reflexivo e objecto da própria reflexão.” (p. 22)

Não posso deixar de evidenciar o papel preponderante que as educadoras titulares de turma possuem neste processo de formação profissional, advertindo-nos para questões importantes do dia-a-dia das crianças, como também nos indicando estratégias e metodologias apropriadas a aplicar, quando abordadas determinadas temáticas ou, quando se tem como objetivo que os alunos adquiram determinadas competências ou que desenvolvam certas habilidades. É ainda de salientar o interesse que as educadores demonstram pela nossa formação, disponibilizando-se para a demonstração de diversos materiais manipulativos, bem como de diferentes estratégias, para abordar conteúdos referentes ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e à Área de Conhecimento do Mundo.

A sua opinião, relativamente às aulas que concretizamos com as crianças, também é fundamental para a nossa reflexão pessoal ao longo deste processo, bem como para a nossa evolução enquanto futuros profissionais, na reconstrução de novas experimentações.

Em conformidade, Oliveira (2000), no que concerne ao percurso de formação profissional de docentes, menciona que “as escolas colaboram neste processo (...) disponibilizando os seus professores para acompanharem e apoiarem os formandos na realização das suas práticas pedagógicas/estágios.” (p. 46)

Ao longo deste percurso, todos os alunos foram apoiados pelos docentes que integram a supervisão pedagógica, que segundo a mesma autora, “focaliza-se na acção educativa desenvolvida pelos formandos na sala de aula (...) com vista à melhoria das suas atitudes e competências profissionais.” (p. 46)

Neste sentido, este grupo de profissionais, que possui um nível de conhecimentos e de experiência superiores aos formandos, pretende auxiliar-nos neste processo de formação, para que nos tornemos cidadãos aptos profissionalmente, tendo em conta que, somente através da prática/experiência nos podemos tornar profissionais cada vez mais competentes na execução das nossas funções.

2 – Limitações

Na concretização deste Relatório de Estágio Profissional surgiram algumas dificuldades, nomeadamente no que diz respeito à fundamentação teórica apresentada pois, apesar de o estágio ter sido realizado em três faixas etárias distintas, os objetivos a desenvolver são idênticos, diversificando as estratégias e o grau de dificuldade.

Correlacionado com a sustentação teórica, a falta de livros na Biblioteca da Escola Superior de Educação João de Deus também dificultou a concretização deste Relatório, visto em diversos momentos estarem requisitados por outros alunos.

Outra adversidade sentida está relacionada com a questão do tempo, pois durante o ano letivo dediquei-me preferencialmente ao Estágio Profissional, nomeadamente à planificação das minhas aulas, do que propriamente à realização deste Relatório.

3 – Novas pesquisas

Ao longo do meu percurso profissional vou contactar com uma grande diversidade de crianças, no que diz respeito à cultura, à raça e ao seu nível socioeconómico. No entanto, também poderei integrar na minha sala de aula, crianças que possuam dificuldades no seu desenvolvimento.

Neste sentido, pretendo aprofundar uma área ligada à educação, sendo ela Necessidades Educativas Especiais, pois é cada vez mais usual a integração de crianças com estas necessidades em estabelecimentos de ensino comuns, visando a sua integração na sociedade em que se vive.

Como tal, quero estar informada sobre os possíveis problemas que estas crianças possam deter e dominar atividades que promovam o seu desenvolvimento, tendo em conta sempre o seu bem-estar.

Referências Bibliográficas

- Agüera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância – actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.
- Alarcão, I. (coord.). (1996). *Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I. e Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Alegria, M. F., Loureiro, M., Marques, M. A. F. e Martinho, A. (2001). *A prática pedagógica na formação inicial dos professores*. Lisboa: Areal Editores.
- Almeida, A. M. T. (2000). *As relações entre pares em idade escolar*. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança – U. M.
- Aranão, I. V. D. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. São Paulo: Papirus Editora.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Macgraw-Hill de Portugal.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bogdan, R. C. e Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bzuneck, J. A. (2001). *A motivação do aluno: aspectos introdutórios*. In E. Boruchovitch e J. A. Bzuneck (org.). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Caldeira, M. F. (2009a). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

- Caldeira, M. F. (2009b). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da matemática*. Tese de doutoramento inédita, Universidade de Málaga, Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura.
- Cardona, M. J. (coord.). (2010). *Guião de educação género e cidadania: educação pré-escolar*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Carita, A. e Fernandes, G. (1997). *Indisciplina na sala de aula: como prevenir? como remediar?* Lisboa: Editorial Presença.
- Carmo, H. e Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da investigação. Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, L. (2011). *Sussu e o grafismo*. Porto: Editora Educação Nacional.
- Casto, J. P. e Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Catita, E. M. (2007). *Estratégias metodológicas para o ensino do meio físico e social do pré-escolar ao 1.º ciclo*. Porto: Areal Editores.
- Circular n.º 4/2011, de 11 de abril.
- Circular n.º 17/2007, de 10 de outubro.
- Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança – Do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança – Do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Cordeiro, M. (2007). *O livro da criança – Do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

- Correia, S., Andrade, M., Alves, E. (2001). *Tecnologias da informação e da comunicação na educação: propostas de trabalho e materiais de apoio*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Cunha, N. H. S. e Nascimento, S. K. (2005). *Brincando, aprendendo e desenvolvendo o pensamento matemático*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes.
- Cury, A. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes: como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais, Portugal: Editora Pergaminho.
- Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R., Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática – guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal Editores.
- Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril.
- Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto.
- Deshaies, B. (1992). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, T. (2002). *Em defesa da criança: teoria e prática psicanalista da infância*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Figueiredo, M. A. R. (2005). *Avaliação na educação pré-escolar*. Lisboa: Bola de Neve.
- Figueiredo, M. A. R. (2004). *Projecto curricular no jardim de infância*. Lisboa: Bola de Neve.

- Freitas, M. L. V. e Freitas, C. V. (2003a). *Aprendizagem cooperativa*. Porto: Edições ASA.
- Guimarães, S. E. R. (2001). *Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula*. In E. Boruchovitch e J. A. Bzuneck (org.). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Gomes, J. A. (2000). *Da nascente à voz: contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Hohmann, M. e Weikart, D. P. (2004). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Homem, M. L. (2002). *O jardim de infância e a família: as fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Jean, G. (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Jesus, J. M. S. (2002). *Educação do movimento: livro de apoio*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Leandro, M. E. (2001). *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Leite, C. e Fernandes, P. (2002a). *A avaliação das aprendizagens dos alunos – novos contextos, novas práticas*. Porto: Edições Asa.
- Lima, A. F. S. O. (2001). *Pré-escola e alfabetização. Uma proposta baseada em P. Freire e J. Piaget*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Lüdke, M. e André, M. E. D. A. (2008). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G. e Boutin, G. (1990). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Magalhães, V. (2008). *A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder*. In O. Sousa & A. Cardoso (Ed.). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais.
- Maluf, A. C. M. (2008). *Atividades lúdicas para educação infantil: conceitos, orientações e práticas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., Couceiro, F. e Pereira, S. J. (2009). *Despertar para a ciência – actividades dos 3 aos 6*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Mata, L. (2006). *Literacia familiar: ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora.
- Mesquita, I. (2007). *Aulas ao ar livre*. Revista Audácia. Recuperado em 2012, fevereiro 14, de www.audacia.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEZpEVpEkpAU YcaasQ
- Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Moreira, D. e Oliveira, I. (2004). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Moreira, D. e Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim de infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Oliveira-Formosinho, J., Costa, H. e Azevedo, A. (2009). *Limoeiros e laranjeiras – revelando as aprendizagens*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Oliveira, M. L. R. (2000). *O papel do gestor pedagógico intermédio na supervisão escolar*. In I. Alarcão (org.). *Escola reflexiva e supervisão. Uma escola em desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

- Pacheco, J. A. (1995). *Formação de professores: teoria e praxis*. Braga, Portugal: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.
- Papalia, D. E., Olds, S. W. e Feldman, R. D. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Pereira, J. D. L. e Lopes, M. S. (2007). *Fantoches e outras formas animadas no contexto educativo*. Amarante, Portugal: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Estratégias de aprendizagem na aula: desenho e avaliação: seminário internacional II*. Madrid: Universidad Complutense.
- Pérez, M. R. e López, E. D. (2012). *Aprendizagem e curriculum – didática sociocognitiva aplicada*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ponte, J. P. e Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Portugal, G. e Laevers, F. (2010). *Avaliação em educação pré-escolar: sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.
- Queiroz, F. (1999). *Introdução à psicologia da escrita*. Porto: Campo das Letras.
- Quivy, R., e Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rabinovich, S. B. (2007). *O espaço do movimento na educação infantil: formação e experiência profissional*. Brasil: Phorte Editora.
- Reis, P. R. (2008). *Investigar e descobrir: actividades para a educação em ciência nas primeiras idades*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Reis, R. (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Ribeiro, A. C. e Ribeiro, L. C. (1989). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, D. (2000). *A supervisão e o desenvolvimento da profissionalidade docente*. In I. Alarcão (org.). *Escola reflexiva e supervisão. Uma escola em desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, D. D. (2002). *A infância da arte, a arte da infância*. Porto: ASA Editores.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus – apresentação de um suporte interactivo de leitura*. Tese de doutoramento inédita, Universidade de Málaga, Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura.
- Sá-Chaves, I. (2007). *Portfolios reflexivos: estratégia de formação e de supervisão*. Aveiro, Portugal: Universidade de Aveiro.
- Santos, A. K. C. (2002). *A criança sobredotada na família e na escola*. Lisboa: Editorial Minerva.
- Santos, P., Santos, P., Silva, N., Sousa, T. *Lengalengas*. Recuperado em 2012, abril 28, de http://4pilares.zi-yu.com/?page_id=607
- Santos, P., Santos, P., Silva, N., Sousa, T. *A importância das dobragens na educação*. Recuperado em 2012, fevereiro 5, de http://4pilares.zi-yu.com/?page_id=7
- Saraiva, M. G. C. (2003). *Práticas educativas nos jardins-escolas João de Deus: estudo exploratório*. Tese de mestrado inédita, Universidade do Minho, Departamento de pedagogia.
- Severino, M. A. F. (2007). *Supervisão em educação de infância: supervisores e estilos de supervisão*. Penafiel, Portugal: Editorial Novembro.
- Sim-sim, I., Silva, A. C., Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Teberosky, A. e Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Tendbrink, T. D. (2002). *Evaluacion guia practica para profesores*. Madrid: Narcea.
- Torrão, P. *A importância das visitas de estudo no meu processo de aprendizagem*. Recuperado em 2012, fevereiro 14, de www.notapositiva.com/trab_estudantes/portugues/portugues_trabalhos/visitasestudo.htm~.
- Tuckman, B.W. (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vieira, H. (2000). *A comunicação na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.
- Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto, Portugal: Edições Asa.
- Zabalza, M. A. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto, Portugal: Edições Asa.
- Zeichner, K. M. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Anexos

Anexo 1 – Dispositivo de avaliação referente ao domínio da Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade

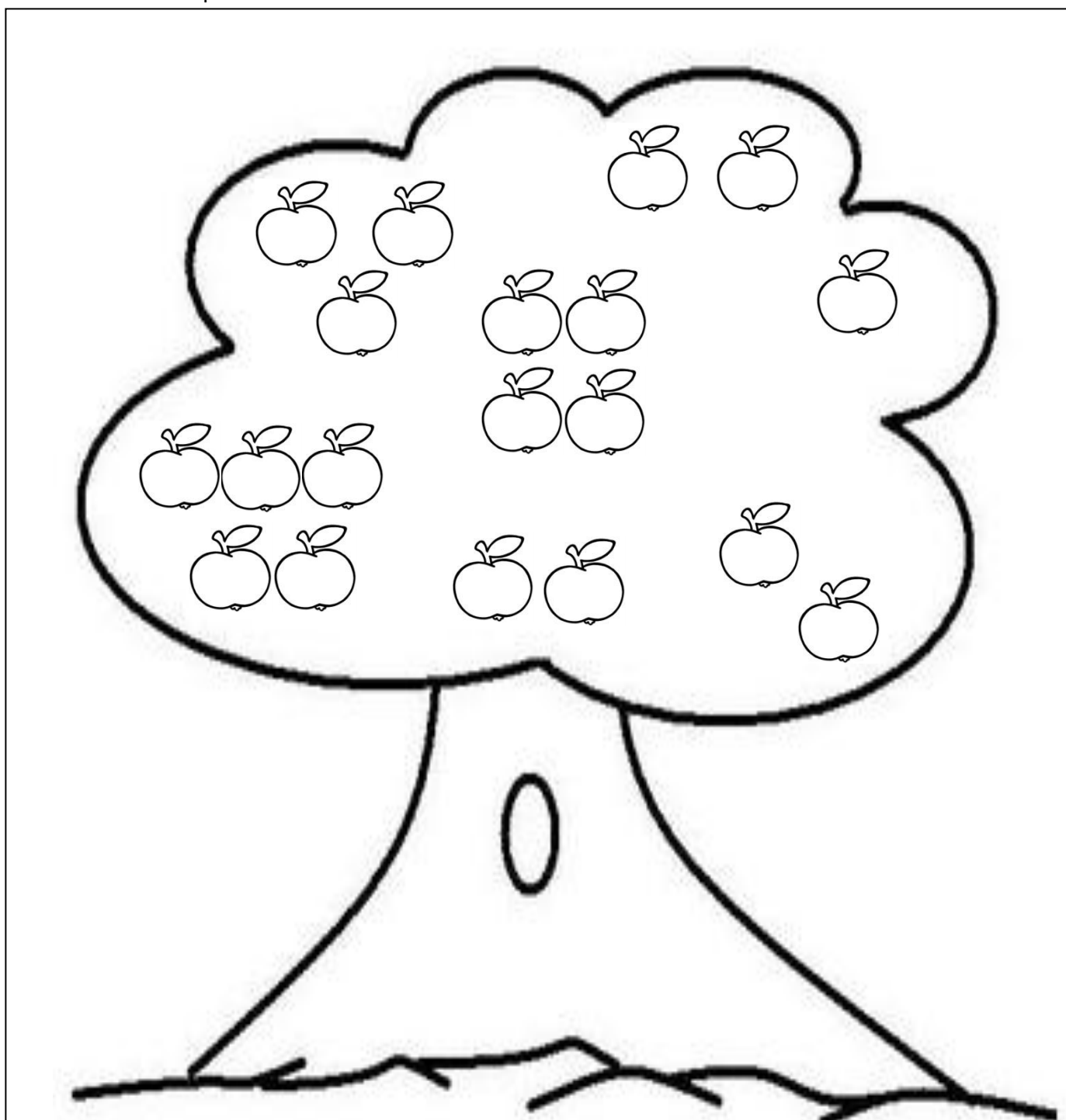
Domínio da Matemática

Bibe Amarelo

1- Pinta as maçãs que se encontram aos pares.

1.1- Ilustra o tronco de castanho.

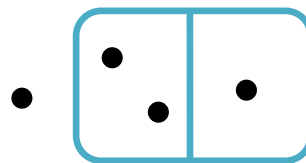
2- Ditado gráfico: desenha o sol no canto superior direito e uma flor à esquerda, ao pé do tronco da árvore.



3- Faz a correspondência entre o número e a respetiva quantidade.

3.1- Pinta os números a teu gosto.

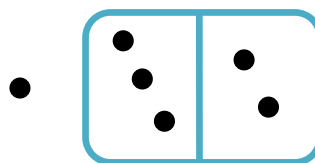
1.



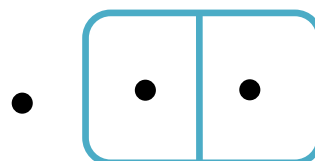
2.



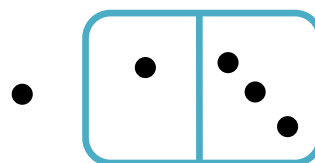
3.



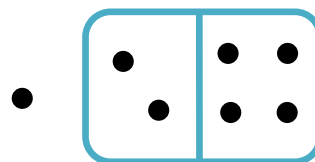
4.



5.



6.



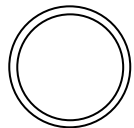




Nome: _____ Data: _____

**Anexo 2 – Dispositivo de avaliação referente ao
domínio da Linguagem Oral e Abordagem à
Escrita**

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita
Bibe Azul

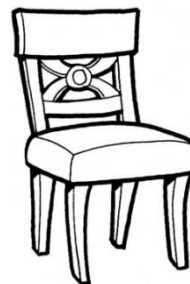
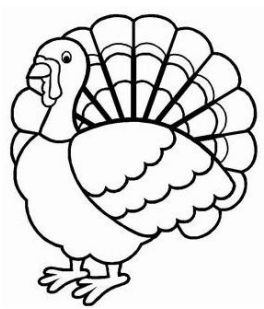
1- Pinta as sílabas das palavras indicadas na figura.

1.1 – Ilustra as imagens a teu gosto.

or	ar	cu	co	
bar	gor	gar	fo	
re	ga	do	dor	
ca	ta	ra	car	
ce	cor	deu	da	

2- Ordena as sílabas, forma as palavras e liga-as às imagens.

2.1- Pinta as imagens.



ra	pi
ta	



dei	ra
ca	



pe	
rú	

Nome: _____ Data: _____

Anexo 3 – Dispositivo de avaliação referente à Área de Conhecimento do Mundo

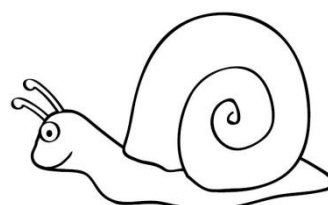
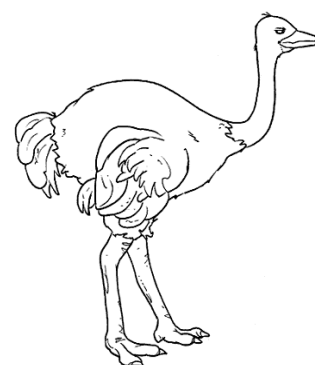
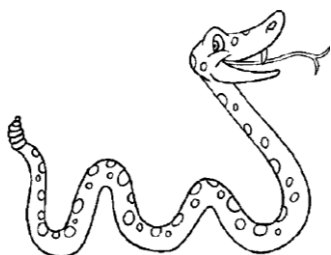
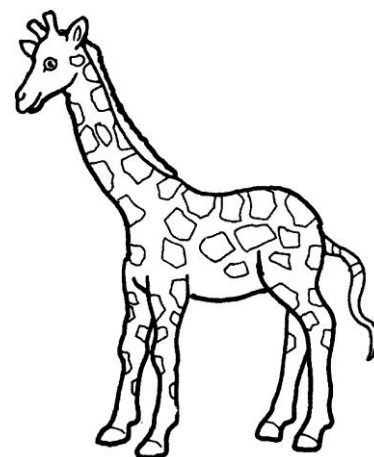
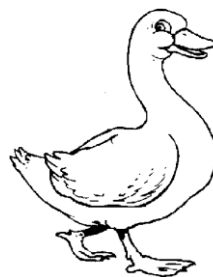
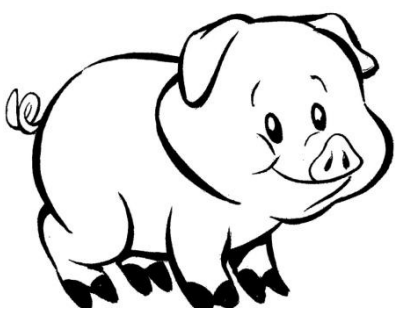
Jardim-Escola João de Deus – Alvalade

Conhecimento do Mundo

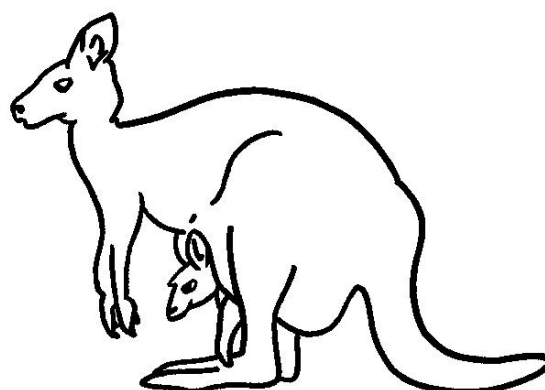
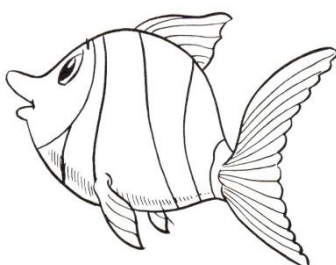
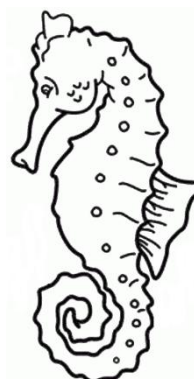
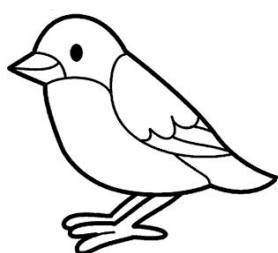
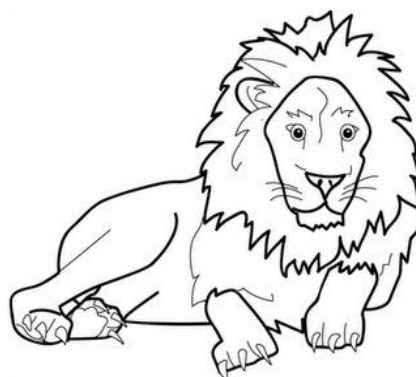
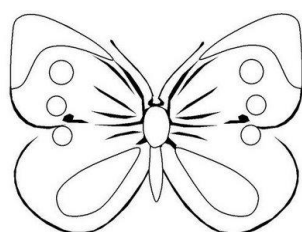
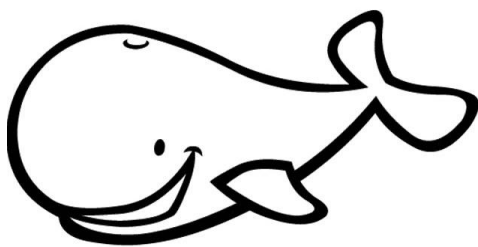
Bibe Encarnado

1- Circunda os animais mamíferos de encarnado e as aves de amarelo.

1.1- Pinta os animais a teu gosto.



2- Pinta os animais que se deslocam na água.



Nome: _____ Data: _____